

Universidade Metodista de Piracicaba
Faculdade de Ciências da Saúde
Mestrado em Educação Física
Núcleo de Corporeidade, Pedagogia do Movimento e Lazer

**CORPOREIDADE: UMA EXPRESSÃO DA COMUNICAÇÃO
HUMANA COMO POSSÍVEL VERTENTE DA FONOAUDIOLOGIA**

KÁTIA LUDOVICO MARTINS

PIRACICABA-SP

2008

KÁTIA LUDOVICO MARTINS

**CORPOREIDADE: UMA EXPRESSÃO DA COMUNICAÇÃO
HUMANA COMO POSSÍVEL VERTENTE DA FONOAUDIOLOGIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física, nível mestrado, da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Metodista de Piracicaba como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Núcleo de pesquisa: Corporeidade e Pedagogia do Movimento e Lazer.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eline Tereza Rozante Porto.

PIRACICABA-SP

2008

FICHA CATALOGRÁFICA - UNIMEP

Martins, Kátia Ludovico

Corporeidade: um como possível vertente na fonoaudiologia /
Kátia Ludovico Martins. Piracicaba, 2008.
157f.

Orientadora : Profa. Dra. Eline Tereza Rozante Porto

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em
Educação Física, Universidade Metodista de Piracicaba.

1. Corporeidade. 2. Corpo 3. Fonoaudiologia. I. Martins, Kátia
Ludovico.

KÁTIA LUDOVICO MARTINS

**CORPOREIDADE: UMA EXPRESSÃO DA COMUNICAÇÃO
HUMANA COMO POSSÍVEL VERTENTE DA FONOAUDIOLOGIA**

Banca Avaliadora

Prof^a. Dr^a. Eline Tereza Rozante Porto

Prof^a. Dr^a. Emilse Merlin Servilha

Prof^a. Dr^a. Regina Maria Rovigati Simões

PIRACICABA-SP

2008

A você, ser humano, que na sua corporeidade se abre para receber estas palavras que escrevi com amor, respeitando minha corporeidade, e na esperança de que fossem lidas, transformadas e relançadas ao universo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a estas corporeidades, como representantes de tantas outras, que ao lançarem seus gritos ao alcance de minha corporeidade, tecemos juntos este trabalho.

A Deus, pelo milagre da vida.

A Jonas e Omari, meus pais, porque eu existo e pude caminhar até o momento.

A Cyntia e Dulcinha, as irmãs, Júnior, o irmão.

À Bá, pelo embalo.

A Vó Lia, infinitamente bela

A Pedro Giacomo, Gabi, Giovanna, Lorenzo e Débora companheiros da minha criança interna.

A Luiz Miguel, Maria Inês e Vô Omar pela presença.

A Mari, Regina Sueli, Sônia Maria, as amigas-irmãs.

A Renato, um presente como companheiro.

A Aline Montenegro, Beth, Chico Romero, Darcy Costa, Edmar, Débora, Lara, Majô, Silvia Bromberg, Rodrigo Zaiden, Vânia, pela amizade.

À Dra. Eline Porto, minha parceira, com sua competência, respeito e alegria nos diversos momentos, até mesmo nas orientações!

Aos entrevistados, por ser digna de sua confiança.

A Dr. Ídico Pellegrinotti (Deco), Dr. João Paulo Borin, Dr. Nelson Marcellino, Dra. Regina Simões, Dra. Tânia Mara, Dr. Wagner Moreira por me darem condições de percorrer em/com minha corporeidade com meus méritos.

Às doutoras Cristina Lacerda, Emilse Servilha, Ivone Panhoca, Lúcia Mourão, Maria Inês Monteiro, Reginalice, Regina Yu, Regina Zanella, Sueli Caporalli que fazem fonoaudiologia com competência, coragem, paciência, esperança, persistência e resignação.

A todas as pessoas que compõem a Unimep nas pessoas da Angelise, do Toni, do Vlad, que, em sua corporeidade, contribuíram para eu ser humanamente melhor.

RESUMO

O presente estudo, portanto, tem como objetivo analisar concepções de corpo nos discursos dos profissionais da fonoaudiologia. No primeiro capítulo, faz-se a revisão da literatura sobre o corpo que segue até a concepção de corporeidade. Assim, enfoca-se a perspectiva cartesiana, a visão sistêmica, a complexidade, a corporeidade. No segundo capítulo, aborda-se um pouco da história e influências teóricas da fonoaudiologia no Brasil. No terceiro capítulo, a metodologia, os dados e a análise de dados. A metodologia de conhecimento utilizada é a abordagem qualitativa, em virtude de sua abrangência e por melhor explicar a realidade. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semidirigidas. O *corpus* entrevistado apresentados no trabalho foi de quatro fonoaudiólogos com atuação e docência universitária superior há 15 anos, residentes em duas metrópoles da região Sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo). Os dados constituídos pelas entrevistas dos profissionais da fonoaudiologia foram organizados com base em suas concepções/atuações de corpo, distribuídos em quatro eixos temáticos: concepção de corpo: corpo e fonoaudiologia, corpo e comunicação, corpo e formação profissional. Os resultados da pesquisa evidenciam consonância entre as concepções/atuações dos fonoaudiólogos com os princípios da corporeidade. Percebe-se que os sujeitos da pesquisa concebem o corpo em suas diversas dimensões – física, biológica, psíquica, emocional, social, cultural, dentre outras –, existindo na relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo, transformando e sendo transformado.

Palavras chave: corpo, corporeidade, fonoaudiologia.

ABSTRACT

The present study has as its object the analyses of the conception of speech therapy in respect to its understanding about human body. In the first item the review of the literature about the body that goes as far as the conception of corporatism. Thus, the Cartesian perspective, the systematic view, the complexity and the corporatism are in focus. In the second item, a little of history, theoretical influences of speech-language therapy in Brazil are studied. The methodology, the data and the analyses of them are in the third item. The methodology of knowledge use is the qualitative approach in view of its reach and to be the best explaining reality. The data were collected by semi-directed interview. The *corpus* interviewed presented in this work was composed by four speech-language therapists who have been university teacher for over fifteen years, they live in two different metropolis in south-east of Brazil (Rio de Janeiro and São Paulo). The data gathered from the speech-language therapists interviewed were organized with base on their conception/actuation and distributed in four axis: Body conception, body and speech-language therapy, body and communication, body and professional formation. The results of the research evidence the consonance between speech-language therapy conception/acting and the corporatism principles. As a result of this work, it is possible to understand that the subjects conceive the human body and its dimensions: Physical, biologic, psychic, emotional, social, cultural, among others, which exists in the relationship with oneself, with the other and with the world, so the subject can promote a change around him and can also allow himself to be transformed.

Key word: body, corporatism, speech therapy

SUMÁRIO

RESUMO	06
ABSTRACT	07
LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES	09
TECENDO A MANHÃ	10
INTRODUÇÃO	11
PRIMEIRA TRAMA – do corpo à corporeidade.....	20
SEGUNDA TRAMA – a fonoaudiologia, influências e concepções – uma trajetória histórica.....	39
TERCEIRA TRAMA – a pesquisa – os profissionais da fonoaudiologia e a diversidade de concepções	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS – o amanhecer, um toldo tecido	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83
ANEXOS	
1. Aprovação do Comitê de Ética	89
2. Termo de consentimento livre e esclarecido	90
3. Termo de compromisso	91
4. Roteiro das entrevistas.....	92

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

S1 - Sujeito 1

S2 - Sujeito 2

S3 - Sujeito 3

S4 - Sujeito 4

TECENDO A MANHÃ

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
Se erguendo tenda, onde entrem todos,
Se entreendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
Que, tecido, se eleva por si: luz balão.

João Cabral de Melo Neto

INTRODUÇÃO

Neste texto, lançamos nosso grito¹, a nossa voz, que tece em nossa corporeidade diversas corporeidades e fazem de nós seres humanos. Fazemos nossas as palavras de João Cabral de Melo Neto. Em uma analogia, atribuímos os gritos à expressão da corporeidade do ser humano que faz um percurso [fios de sol] e recebe a influência do mundo até chegar a outro ser humano [galo]. Durante toda a existência, temos acreditado que a vida é composta por gritos diversos. Na diversidade, o ser humano constrói, ele mesmo, o outro e o mundo.

Ao longo da formação em fonoaudiologia, um emaranhado de fios de idéias, sentimentos, percepções, emoções e ações aconteciam nos limites percebidos na relação entre as teorias e as atuações. Era desconfortável viver em meio a tanta preocupação com técnicas que atendessem aos seres humanos que buscavam a clínica-escola. Eles estavam ali, algumas vezes acompanhados de seus familiares e/ou outros entes mais próximos, desvelando seu ser, sua intimidade, para um desconhecido. Percebíamos que, apesar do empenho de docentes e discentes da equipe de fonoaudiologia, algo precisava ser feito com o objetivo de acolher aquelas pessoas que recorriam aos profissionais por estarem fragilizadas.

Havia imensa dificuldade em saber como deveríamos agir diante dessa realidade restrita. No entanto, os princípios recebidos na formação familiar e o trânsito pela universidade, na condição de membros de centro acadêmico e pesquisadora de iniciação científica para ampliar a formação por meio do

¹ Entendemos que o grito se trata de uma emissão sonora tensa, e portanto, pode ser prejudicial à saúde da voz. Entretanto, o sentido a que nos referimos é expresso a seguir no corpo do texto.

contato com outras áreas, favoreciam a compreensão e a convicção de que o ser humano deve ser visto em sua totalidade como um ser histórico.

Cientes dos limites inerentes a uma universidade com mente conservadora, seguíamos as orientações dos docentes. Entretanto, já concebíamos que, ao receber as pessoas, deveríamos contemplar o seu corpo como um todo, envolvendo a sua realidade de vida, ou seja, a sua corporeidade². Assim, essa atitude profissional implica amparar dificuldades e, também, potencialidades, ambas, imprescindíveis ao processo terapêutico.

E, assim, continuamos nosso caminho, certos de que o ser humano foi e será nosso foco. Ao cursar as disciplinas na graduação em fonoaudiologia, pudemos perceber como os profissionais da área poderiam contribuir para a saúde das pessoas. Surpreendemo-nos a cada momento com as possibilidades. Buscávamos compreender que os seres humanos envolvidos no curso faziam o que lhes era possível nos limites estabelecidos por seus contextos.

Concluimos o curso e, no mês posterior, já estávamos atendendo em consultório particular com outra fonoaudióloga. Meses depois, começamos também a realizar exames de audição no Hospital da Criança em Goiânia, Goiás, conscientes do compromisso com o ser humano.

Para iniciarmos um processo terapêutico, é preciso, em um primeiro momento, que a pessoa nos solicite. Em seguida, que se estabeleça uma relação de confiança com o ser humano que nos busca para que haja entrega, fundamental para que ele encontre o que procura, isto é, a si próprio. O ambiente cuidado constantemente favorece o processo terapêutico, afinal, é nossa extensão para ser/estar no mundo.

²“Corporeidade é buscar transcendência, em todas as formas e possibilidades, quer individualmente, quer coletivamente. Ser mais, é sempre viver a corporeidade, é sempre ir ao encontro do outro, do mundo e de si mesmo [a].(...) é sinal de presentidade no mundo. É o sopro que virou verbo e encarnou-se. É a presença concreta da vida, fazendo história e cultura e ao mesmo tempo sendo modificada por essa história e por essa cultura.” (MOREIRA 2003a, p. 148-149)

O contato e o toque só são possíveis com a entrega de uma pessoa a outra. No consultório, pudemos associar fonoaudiologia com trabalhos corporais, e percebemos que a eficiência se amplia no atendimento de forma fantástica!

Concebemos o ser humano sujeito de sua história, portanto, trabalhamos com o objetivo de oferecer elementos para que assim o seja. Ao que referem essas informações? Referimos-nos a concepções e a atitudes possíveis de serem consideradas para cuidar da comunicação.

O fonoaudiólogo, ao realizar um trabalho que favoreça o autoconhecimento, o significado do contexto vivido pela pessoa que o procura, da relação com o outro e com o mundo, contribui para que ela conheça o processo e as ações fonoaudiológicas e o associe à sua vida. Essa pessoa, provavelmente, saberá lidar melhor com o seu corpo quando voltar a aparecer alguma das dificuldades que a levou à fonoaudiologia. Ela terá conhecimento de que determinada situação desencadeia certa alteração vocal ou de fala, por exemplo, e, portanto, saberá como agir para evitá-la ou cuidar dela, pois, aprendeu no trabalho com o fonoaudiólogo.

É interessante que, nos contatos com os diversos profissionais, cada indivíduo entenda um pouco mais acerca dos cuidados a serem tomados com sua saúde. Se ela aprendeu como fazê-lo, o retorno só se justifica se houver dúvidas ou ocorrer um fato novo. E nos arriscamos a dizer que, entretanto, essa relação não predomina na fonoaudiologia, provavelmente, em decorrência de uma cultura de dependência do profissional, considerando-o o detentor dos elementos de transformação e cura. Esse tipo de comportamento decorre da “absorção do pensamento linear-cartesiano e modelo quase único, (...) uma estrutura de poder como [essa] só é possível mediante a hegemonia

de uma lógica fragmentadora e polarizadora como o pensamento linear/binário [cartesiano]" (MARIOTTI, 2004, p. 20).

Estar com o outro sempre foi vital em nossa vida pessoal. Trata-se do momento em que mais percebemos a nós mesmos e saboreamos o prazer de comungar existências. Desde pequenos, adquirimos o gosto pela comunicação e de facilidade para desenvolvê-la. Tudo que envolve dança, teatro, esporte, ginástica, brincadeiras, bordados, desenhos (sobretudo livres), banda de músicas, coral, discursos, representação de turma, ou seja, movimento e comunicação fazem parte do nosso ser. E assim existimos. Desde a infância, temos uma admiração profunda pelos professores! Nós estávamos sempre prontas para auxiliá-los e éramos solicitadas a fazê-lo. O sonho em dar aula nos acompanhava todos os dias, nas brincadeiras, e à noite, literalmente, nos sonhos. Sentimos muito prazer em compartilhar o conhecimento que apreendemos ao longo de nossa vida. A felicidade do outro ao compreender algo é inebriante, contagia nosso ser e nos direciona para a vida.

Tomamos conhecimento da psicologia transpessoal, com a qual pudemos contemplar a associação entre a fala, a voz, a percepção auditiva e o corpo. A psicologia transpessoal favorece desbloqueios energéticos por meio de movimentos. Tais movimentos acionam as dimensões emocionais e psíquicas, e, por meio deles, também é possível elaborar questões dessa ordem. O corpo é considerado um local de registro de uma história de vida, como já salientamos.

Esses fatos e a condição de estudantes pesquisadoras na iniciação científica, no curso de graduação foram elementos suficientes para o desafio de buscar refletir acerca do propósito amplo de pessoas a serem beneficiadas na clínica fonoaudiológica.

Assim, movido o interesse em conhecer mais acerca das questões do corpo, em particular, a concepção de corporeidade na fonoaudiologia, e o gosto pela pesquisa, motivaram nosso ingresso no Mestrado em Fonoaudiologia da Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo. Começamos a nos indagar acerca desse processo, o que nos levou a pensar que o outro existe porque existimos, e o inverso é verdadeiro também. E juntos, como diz João Cabral de Melo Neto, nos entretendemos, entre-entendendo, nos entendendo livres de armações, em nossas diversidades, singularidades, pluralidades, unidades, nossas formas de existir no mundo. Todos os gritos são essenciais para esse processo de construção.

A ansiedade por apreender os conhecimentos foi seguida de aflição, pois compreender corporeidade implica desprender-se de conceitos, um movimento praticamente contrário ao que nos fora solicitado no decorrer de quase toda a nossa vida escolar, acadêmica e profissional. A desconstrução começara o seu curso. De um lado, a surpresa ao percebermos como parecia óbvio o raciocínio proposto pelos estudiosos da corporeidade. Em outras palavras, em sua perspectiva, o ser humano para existir no mundo é ao mesmo tempo objeto, por ser um corpo como estrutura física, fisiológica que lhe permite o contato com o outro e o mundo, e, também, é sujeito essencial, existencializado, vivido, contextualizado. De outro lado, as dificuldades apresentavam-se para realizar tal proposta e percebermos quão complexas e necessárias eram as transformações. Um exemplo era o exercício do desapego à herança de uma necessidade conceitual. Propusemo-nos a reconstruir concepções de corpo *bebendo* também na fonte da corporeidade.

Assim, ao fazermos convergir conhecimentos e inquietações, deparamo-nos com algumas questões: de que corpo se fala na fonoaudiologia? Trata-se de

um corpo só físico e biológico apresentado de forma fragmentada? Se assim o é, ao considerar somente esses aspectos, seria a fragmentação uma perspectiva suficiente para a atuação de um profissional que busca se comprometer com a promoção da saúde da população e de suas condições de vida?

Responder a essas questões pressupõe percorrer um caminho que identifique não somente as diversas concepções de corpo na fonoaudiologia e a sua interface com a educação física, mas também os avanços e recuos da fonoaudiologia, e sua inserção na saúde pública, que vem sendo desenvolvida no contexto brasileiro em um determinado momento histórico.

O presente estudo propõe analisar concepções de corpo nos discursos dos profissionais da fonoaudiologia vinculados à academia, por serem eles formadores de opinião. Os pressupostos fundamentam uma atuação que concebe o ser humano como social, histórico e cultural, inserido no mundo e em relação com outros seres humanos, por meio de sua presentidade.

Nessa direção, a interlocução com a educação física, em suas reflexões acerca de um corpo que se movimenta, torna-se fundamental para o avanço da concepção que propomos à fonoaudiologia. Igualmente, trata-se de uma área cujos pesquisadores têm grande acúmulo de produção com reconhecimento científico tanto em âmbito nacional, quanto internacional.

O objetivo proposto visa contribuir para a formulação de uma concepção/atuação na fonoaudiologia que leve em conta a existência do corpo de um ser humano, sujeito inserido em uma realidade social buscando qualidade de vida.

Este trabalho é composto de três itens, os quais denominamos de tramas. Ao fazê-lo, propomos uma analogia ao poema citado, alguns fios de sol para trabalhar com esse tear na construção de um tecido: o cartesianismo, a visão

sistêmica, a complexidade, a corporeidade, a fonoaudiologia: sua história e abordagens. Recorreremos a um elenco maior de autores que contemplam, ao longo do texto, com suas luzes, a discussão sobre o corpo.

Conhecer um pouco da história do corpo assume grande relevância para compreender de qual corpo se fala na fonoaudiologia.

A primeira trama acontece com os primeiros fios de sol dos gritos de galos: busca-se fazer a revisão da literatura conhecida sobre o corpo, uma trajetória que seguimos até a concepção de corporeidade. Os fios de sol vão se encorpando e são lançados à segunda trama composta pela fonoaudiologia. Há então, o entrelaçamento com a corporeidade. O diálogo entre a fonoaudiologia e a educação física acontece por intermédio da corporeidade.

Na segunda trama, começamos com um pouco da história da fonoaudiologia. No Brasil, ela tem suas raízes na medicina e, por essa razão, apresenta uma trajetória marcada pelo modelo clínico, portanto, fundamentado na concepção organicista-positivista. Mais adiante, trataremos da relação da fonoaudiologia com o corpo.

Uma tela vai sendo erguida e apanhada pela terceira trama: a pesquisa, fundamentada em concepções teórico-metodológicas com abordagem qualitativa pela sua abrangência e por explicar melhor a realidade. Os dados são constituídos pelos discursos dos profissionais da fonoaudiologia entrevistados relativos as concepções de corpo que possuem. O processo de construção ocorre rumo às diversidades de concepções de corpo na fonoaudiologia, bem como as análises.

Assim, valemo-nos do estudo da realidade para apreender concepções até então constituídas e identificar a necessidade e possibilidade de re-

significar a concepção de corpo, estudo que nos faz remeter ao que diz Lang (1995, p. 4-5). A história oral, segundo este autor, busca no

testemunho de pessoas que viveram os fatos ou processos que visa conhecer e compreender, incorporando (...) a aproximação biográfica e criando um documento que será analisado. [Nesta], (...) o depoimento oral constitui (...) o testemunho de entrevistado sobre sua vivência em determinadas situações ou a participação e determinadas instituições que se quer estudar.

A trama desenvolve-se à espera *do amanhecer e o toldo tecido* eleva em luz balão as considerações finais. Não se trata de um *toldo tecido* como pronto e acabado, e sim de reflexões que apontam a audição dos gritos dos seres humanos que querem compartilhar suas corporeidades. Eles podem ser transformados por outros seres humanos de acordo com suas corporeidades, e, portanto, complexidades, aos quais lançamos os fios de sol de nossos gritos: que a fonoaudiologia continue acolhendo fios de sol com a corporeidade.

MINHAS MÃOS

Mãos que nasceram pequeninas e cresceram para o trabalho;
Mãos que empunharam ferramentas para construir o jardim da minha vida;
Mãos que escreveram cartas de amor...
Mãos que colheram flores para enfeitar,
Mãos que acariciaram crianças embalaram e fizeram dormir...
Mãos que ensinaram os primeiros passinhos, que prepararam e serviram os alimentos
do dia a dia;
Mãos que modelam massas, que preparam jantares de comemoração, que
fazem apetitosos doces;
Mãos que costuram, bordam, fazem crochê...
Mãos que se estendem aos irmãos, aos amigos, aos pobres e humildes sem
discriminação;
Mãos que acariciaram os cabelos brancos do esposo até os últimos minutos
de sua vida.
Mãos que, mesmo enrugadas e trêmulas pelo decorrer do tempo, ainda
trabalham.
Obrigada, Senhor, por ter me dado mãos perfeitas!

Vó Lia

PRIMEIRA TRAMA — do corpo à corporeidade

Para entender o percurso do corpo à corporeidade, bem como as contribuições desta concepção para a fonoaudiologia, faz-se necessário buscar como o conhecimento é produzido e seu percurso no confronto dos pensadores de cada época. Nesse sentido, a presente trama apóia-se naqueles autores que apresentam discussões e reflexões sobre a temática por nós trabalhada.

Assim, inicialmente citamos Descartes, um filósofo que marca a passagem da Idade Média para Idade Moderna, e ainda, com expressiva influência presente na atuação do fonoaudiólogo.

Ao estudar o pensamento de René Descartes, conhecemos o dualismo cartesiano, ou seja, a separação entre corpo e alma. O grande pensador, viveu no período de 1596 a 1650 e foi “considerado o pai da filosofia moderna” em virtudes das grandes contribuições realizadas no mundo científico (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 131).

O tempo de efervescência de suas idéias, o século XVII, “representa a culminação de um processo em que se subverteu a imagem do próprio ser humano e do mundo que o cerca” (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 130). Esse pensador vem sendo interpretado como aquele que reforçou a visão fragmentada, mecanicista ou organicista, que ressoa fortemente até o atual momento em determinadas concepções e intervenções com o ser humano.

Rodrigues, J. (1999, p.60) considera que a separação cartesiana entre corpo e alma iniciou-se, sobretudo, por meios técnicos, a uma luta contra a dor, um mero indicador de um defeito do maquinismo corporal, passível de ser consertado. Trata-se de uma operação, histórica e politicamente

relevantes de separação do sensível e de afastamento entre corpo e dor. Nas palavras de Rodrigues, J. (1999), Descartes,

no mundo moderno, foi às últimas conseqüências na distinção entre *res extensa* (extensão, corpo, matéria) e *res cogitans* (pensamento, consciência racional) considerando que o filósofo em foco foi quem atribuiu a inequívoca substancialidade ao corpo, deste desenvolvendo uma concepção maquinal atualmente conhecida como mecanicismo cartesiano (p. 60).

Creditamos grande relevo à contribuição que o filósofo René Descartes proporcionou à humanidade, no entanto, a trajetória histórica da produção do conhecimento revela outros pensadores também de grande relevância com inúmeras contribuições e novos avanços.

No entanto, arriscamo-nos a dizer que permanecer, após quatro séculos, reafirmando o paradigma cartesiano, é continuar construindo concepções seguidas de atitudes baseadas no positivismo, para o qual o corpo é formado por partes com existência própria. Trata-se de um organicismo, ou seja, concepção que não mais atende às nossas necessidades, o que pode implicar negligência do ser humano em suas relações.

Todavia, considera-se que a redução das pessoas à patologia continua hegemônica na fonoaudiologia, por exemplo, elas, quando em atendimentos, são referidas de acordo com seus distúrbios como: o PC (paralítico cerebral), o DA (deficiente auditivo), a disfônica (disfonia -- alteração de voz), etc. Tal conduta evidencia que o corpo não é considerado em uma relação direta com os distúrbios apresentados, pois ele se resume a uma parte com problema, como se não pertencesse a um ser humano.

Nesse sentido, Morin e Lê Moigne (2000, p.91) afirmam que “nós fomos educados para uma sobre-simplificação, que separa tudo aquilo que não entra no esquema da redução, do determinismo, da descontextualização”. Na mesma direção, Atlan (1972 *apud* Morin, 2005, p. 157) considera que “o simples fato de analisar um organismo a partir dos componentes acarreta uma perda de informação sobre este organismo.”

A afirmação desses autores vai ao encontro de outras concepções que compõem a história da fonoaudiologia e de nossas preocupações, ao considerarem a importância do corpo em seu todo. No entanto, parece-nos que a especialização constitui ainda a melhor opção no processo de formação dos profissionais no campo da fonoaudiologia, fazendo parte também da história de outras áreas do conhecimento. Com isso, vivemos em meio a uma avalanche de especializações, na qual muitos se atropelam e atropelam o outro o que contribui para a massificação das pessoas.

A nossos olhos, o foco, na maioria das vezes, nas partes do corpo e não no ser humano, reforça a concepção segundo a qual a competência pressupõe conhecê-las muito bem, de forma separada. Morin e Lê Moigne (2000, p. 199) esclarecem acerca de tal comportamento ao discorrerem a respeito dos pilares do pensamento científico clássico, em especial o segundo pilar, que trata da noção de separabilidade. Para esses autores,

[a noção de separabilidade] corresponde ao princípio cartesiano segundo o qual é preciso, para estudar um fenômeno ou resolver um problema, decompô-lo em elementos simples. Esse princípio se traduziu cientificamente, de um lado, pela especialização, depois pela hiperespecialização disciplinar, e de outro, pela idéia de que a realidade objetiva possa ser considerada sem levar em conta seu observador.

Um número considerável dos intelectuais estão em um processo de especialização voraz, com uma percepção reduzida da realidade, tendo como indicadores modelos conceituais que se tornaram insuficientes, por exemplo, a matéria, como base única da existência. Esse processo vem contribuindo para que a maioria das pessoas tenha uma visão individualista, segundo a qual cada um tem seus problemas e age como se eles não exercessem influência sobre o outro. Trata-se de uma percepção que em nossa compreensão não explica a realidade, uma vez que as situações estão interligadas e atingem a todos. Esta posição pode ser explicada pelo individualismo que a cada dia aumenta com a avalanche de informações que conduzem a essa direção.

Será que entender a fragmentação como parte de um dos princípios cartesianos, que sustentamos até então, não significa compreender também nossa história de vida e, portanto, existência como seres humanos sujeitos, uma vez que esse princípio permeia sermos no mundo? Poderíamos, assim, considerar essa reflexão como parte do processo de superação?

Esse questionamento, de certa forma, apresenta uma ambigüidade, confirmando então a complexidade da temática corporeidade. Incluir essa questão sobre a fragmentação do corpo não quer dizer que a defendemos como concepção, mas que reconhecemos a fragmentação no processo de constituição do ser humano em sua relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo, o que nos coloca diante de um paradoxo.

Outra reflexão que fazemos é a de que, se nos sentimos desconfortáveis diante de concepções e intervenções predominantes que estão estabelecidas, ou seja, a técnica e seu aprofundamento como representantes de uma solução para um ser humano, qual a origem e

sustentação delas? Que motivo leva as pessoas a conceberem que esse continua sendo o melhor caminho para a humanidade, uma vez que o conhecimento, segundo Morin (2005a), para ser pertinente precisa permitir situar as informações que recebemos em seu contexto geográfico, cultural, social, histórico?

Em toda a existência da humanidade, o indivíduo, em seu contexto, busca lançar mão de diversos recursos da natureza para transformar o universo com o objetivo de melhorar a qualidade de vida de todos. Esse processo é contínuo; e, nele tudo se transforma e é transformado.

A cada instante, o ser humano cria novas possibilidades em prol da humanidade, logo, de si mesmo; é a auto-superação presente em nossas vidas, e ao fazê-lo, apropria-se de conceitos que têm suas raízes no passado, mas permanecem válidos no presente. Esses conceitos foram elaborados por pensadores que debateram, questionaram e fizeram avançar o conhecimento no seu tempo. Ao serem retomados na contemporaneidade, esses conceitos foram e estão sendo re-elaborados e atualizados.

Capra (1987) propõe a mudança do paradigma cartesiano para o holístico, uma vez que ele se tornou insuficiente para atender às necessidades da atualidade. Dentre outros fatores, a mundialização³ está em evidência e implica a interdependência entre as dimensões do universo, logo, do ser humano. O autor aponta a superação da concepção proposta por Descartes e não a sua substituição, uma vez que sua teoria convida a ir

³ De acordo com Ortiz, (1994, p. 30-31) o processo de mundialização é um fenômeno social total que permeia o conjunto das manifestações culturais. Para existir, ele deve se localizar, enraizar-se nas práticas cotidianas dos homens, sem o que seria uma expressão abstrata das relações sociais. Com a emergência de uma sociedade globalizada, a totalidade cultural remodela (...), a 'situação' na qual se encontravam as múltiplas particularidades (...). Pensar a mundialização como totalidade nos permite aproximá-la à noção de 'civilização'(...).

além da técnica e a contemplar um ser humano interativo, social. Na elaboração de Capra (1987, p. 260),

todo e qualquer organismo (...) é uma totalidade integrada e, portanto, um sistema vivo. (...) Mas os sistemas não estão limitados a organismos individuais e suas partes. Os mesmos aspectos da totalidade são exibidos por sistemas sociais (...) e por ecossistemas que consistem numa variedade de organismos e matéria inanimada em interação múltiplas.

Entretanto, ao existirmos em infinitos processos de transformação, re-organização, auto-superação, há certo momento em que determinadas concepções não nutrem o contexto; então, cabe à humanidade re-significá-las.

Para tanto, é preciso estarmos atentos para não cometermos novos equívocos, semelhantes a algumas abordagens que se referem como holistas, pois, ao questionarem as abordagens reducionistas/positivistas no tocante às suas limitações, ao isolamento do todo, acabaram por isolar as partes, como ilustra Morin (2005, p. 157) ao afirmar que a

(...) teoria dos sistemas reagiu ao reducionismo, no e pelo "holismo" ou idéia do "todo". Mas, acreditando ultrapassar o reducionismo, o "holismo" de fato operou uma redução ao todo. (...) Reducionista ou "holística" (globalista), a explicação, num e noutro caso, procura simplificar o problema da unidade complexa. Uma reduz a explicação do todo às propriedades das partes concebidas em isolamento. A outra reduz as propriedades das partes às propriedades do todo, concebido igualmente em isolamento. Essas duas explicações que se rejeitam mutuamente dependem de um mesmo paradigma.

Por vezes, há uma mudança de foco mantendo certos valores, e algumas abordagens que se percebem como holistas estão isolando da mesma forma o todo das partes, desconsiderando a relevância delas.

Morin (2005, p. 158) responde a essas indagações ao dizer que

(...) a inter-relação que liga a explicação das partes à do todo e vice-versa é de fato um convite a uma descrição e a uma explicação recursivas: a descrição (explicação) das partes depende da do todo que depende da das partes, e é no circuito que se forma a descrição ou explicação. Isso significa que nenhum dos dois termos é redutível ao outro. Assim, se as partes devem ser concebidas em função do todo, elas devem ser concebidas também em isolamento: uma parte tem sua própria irreduzibilidade com relação ao sistema. É preciso, além disso, conhecer as qualidades ou propriedades das partes que são inibidas, virtualizadas, então invisíveis no interior do sistema, não apenas para conhecer corretamente as partes, mas também para melhor conhecer as imposições, inibições e transformações na organização que o todo opera.

Destacamos o contato com outras abordagens, tais como a bioenergética, a psicologia transpessoal, a core energética, o yoga, as teorias sistêmica, da complexidade e da corporeidade, para as quais a técnica é um elemento contextualizado. O movimento faz-se em meio a corpos: ativos, vivos, sujeitos, relacionais, complexos, singulares, universais. Tal contato faz parte de uma trajetória que referencia um percurso teórico constituído até chegar a essa discussão. Ponderamos, contudo, que discorrer acerca de tais abordagens não é propósito deste trabalho.

Ao longo da investigação da literatura conhecemos profissionais que, diante de um desconforto, vêm se movimentando para superar concepções e atuações que evidenciam a dificuldade em atender às demandas atuais. Nesse movimento em busca do espaço de maior afinidade, por vezes, negam o contexto que consideravam ser a forma de superação até o momento de desconforto. Compartilhar essa idéia, entendendo que ela é parte da auto-superação, é louvável. A negação, a princípio, faz parte do

processo de superação. Desde então, o ser humano mobiliza-se, acolhe e transforma suas concepções.

Morin e Lê Moigne, 2000, p. 203) afirmam que

nós, indivíduos, somos os produtos de um sistema de reprodução oriundo de muitas eras, mas esse sistema só pode se reproduzir se nós próprios nos tomarmos os produtores nos acoplando. Os indivíduos humanos produzem a sociedade em e mediante as suas interações, mas a sociedade, enquanto um todo emergente, produz a humanidade desses indivíduos trazendo-lhes a linguagem e a cultura.

Eles destacam o mérito da reprodução do sistema que deve contar com nossa participação e, para tanto, devemos estar atentos ao passado do qual somos herdeiros. Trata-se de um sistema de reprodução no qual todos somos produtores coletivos.

Nesse aspecto, é fundamental compreender que o movimento de tomada de consciência de que somos seres humanos relacionais é significativo. Concordamos com Porto (2005) ao comentar que no mundo nos encontramos e nos relacionamos, pelo fato de sermos corpos únicos, presentes e existencializados que interagem entre si.

Nesse contexto, a mesma autora aponta que “o corpo é quem me possibilita chegar ao âmago das coisas; ele é sensível para si, pois é pelo corpo que vejo, que apalpo e, dessa forma, sou capacitado para habitar e sentir o mundo interior e exterior” (p. 43).

Essa afirmação contribui para a articulação com questões tão presentes no campo da fonoaudiologia, quais sejam: ter acesso ao significado que a pessoa atribui à atuação do profissional não seria imprescindível ao seu estado de saúde? Qual o objetivo da pessoa que

solicita o atendimento fonoaudiológico? Quem é esse profissional para ela? Em que espaço e tempo ambos podem transitar pela história e realidade deles? As respostas e conseqüências que se podem tirar dessas questões, ou seja, os seus sentidos e significados é que elas demonstram uma relação dialógica, apontando a ampliação das possibilidades do viver dos profissionais e das pessoas em atendimento.

Para tanto, é fundamental acreditarmos que somos todos seres existentes de um mesmo processo, pois estamos inseridos em uma organização complexa, na qual qualquer ação mobiliza o outro, o universo e nós mesmos, e implica responsabilidade em relação a cada atitude, ampliando, a todo o tempo, a consciência sobre a construção e desconstrução das nossas ações, as quais se apresentam ininterruptas.

Nesse sentido, afirmamos que o indivíduo influencia o universo e é influenciado por ele, o que permite afirmar que o ser humano é complexo. No contexto do nosso trabalho admitimos que o próprio profissional é recursivo, portanto, o que significa reconhecer-se e reconhecê-lo em todas as dimensões inerentes a um ser humano.

Em contato com abordagens que consideram a técnica um elemento contextualizado, entrelaçada a corpos vivos, sujeitos, relacionais, complexos, singulares e universais, iniciamos um processo de auto-superação que incorpora novas concepções de corpo e as relações estabelecidas entre ele e o mundo.

Então, dá-se continuidade ao movimento corporal que vai em direção à amplitude e à diversidade de maior alcance, como a de percorrer um caminho que identifique os avanços e recuos da fonoaudiologia e sua relação com outras áreas, tais como a educação física e a filosofia. Essas

relações vêm sendo desenvolvidas no contexto brasileiro em um determinado contexto histórico. De acordo com Moreira (2005a, p.196) é fundamental perceber a urgência da

reflexão sobre a análise do homem que se movimenta em direção a sua transcendência, ao seu fazer histórico e cultural. (...) Há que se estudar e pesquisar a complexidade da ação motriz, contextualizando-a e relacionando-a com outras áreas do conhecimento humano.

O diálogo com as diversas áreas do saber, e com a educação física, a qual nos propomos neste trabalho, contribui para a adoção de uma perspectiva de interlocução aberta e flexível, como convém a toda área do conhecimento. Mediante esse processo, observamos uma relação próxima entre o profissional da fonoaudiologia, o qual adere a esse movimento, e o ser humano atendido por ele, pois essa vinculação revela a existencialidade e a presentidade entre ambos.

Para tanto, pensamos ser valoroso o profissional estar atento a todo esse movimento, pois, a realidade é dinâmica, e os seres humanos sujeitos de suas histórias. Dessa forma, eles criam possibilidades de estarem em constante organização e reorganização, e, portanto, de re-significação, em busca do equilíbrio nas relações que estabelecem.

Os profissionais, em sua atuação, podem rever seus valores, tornando-se mais capazes de compreenderem que o ser humano busca seu auxílio como corpo físico, psíquico, emotivo, social, cultural, espiritual, biológico. E, como afirma Morin (1999), a complexidade reside no fato de tentar conceber a articulação, a identidade e a diferença entre todos estes aspectos, nos mais diferentes contextos em que o corpo vive.

Considerar que pensamentos e reflexões ainda aconteçam em referência ao corpo, e que ao mesmo tempo caminham na direção do ser humano, leva-nos a acreditar numa evolução paradigmática de superação de conceitos, valores e ações relacionadas ao corpo e à corporeidade.

Assim, convocamos uma nova reflexão sobre corpo e corporeidade, que possibilite obter maiores elementos para compreendermos as pessoas, com base nas diferenças que as constituem. Portanto, consideramos ser uma responsabilidade acolher um ser humano que está com dificuldades de audição, de linguagem (oral escrita, corporal) ou voz, o que compromete sua comunicação com o outro e o mundo. Em um dado momento, esse ser humano conclui ser interessante estar com um fonoaudiólogo para juntos trabalharem sua comunicação e, assim, ele poder existir de forma mais plena.

Morin e Lê Moigne (2000, p. 203-211), declaram:

(...) O princípio dialógico une dois princípios ou noções antagônicas que aparentemente deveriam se repelir simultaneamente, mas são indissociáveis e indispensáveis para a compreensão da mesma realidade. Nós próprios somos seres separados e autônomos que fazem parte de duas continuidades inseparáveis: a espécie e a sociedade. Quando consideramos a espécie ou a sociedade, o indivíduo desaparece; quando consideramos o indivíduo, a espécie e a sociedade desaparecem. O pensamento complexo assume dialogicamente os dois termos que tendem a se excluir um ao outro.

Reafirmamos ser momento de re-significar, para enxergar o contexto em que existimos, apreendê-lo e ampliar concepções, atentando para a relevância de todos os componentes de nossa história. Nessa re-significação, apreendemos que somos um corpo como forma de presença no mundo, que

apresenta uma consciência e uma sabedoria que não precisam de raciocínio. E como afirma Moraes (2005), são as ações humanas vividas e reveladas nas atitudes do corpo, as quais surgem a partir dos registros de uma dialética, cujos pólos (carne e espírito) se realizam e se superam pela totalidade e pela unidade do ser humano.

Pode-se ampliar o arcabouço teórico relativo às concepções de corpo de forma relevante ao estabelecer um diálogo e, em particular, com a educação física que oferece subsídios para compreendermos a realidade da pessoa que busca a fonoaudiologia. Segundo Moreira (2002), para analisar o fenômeno corporeidade é preciso adentrar os símbolos e signos que estão tatuados em nosso corpo ao longo do tempo. E também que o ser humano ao produzir cultura e história, ao mesmo tempo é modificado por ambas, as quais produzem e recebem marcas presentes no modo de ser desse ser humano e também de relacionar com os outros e com o mundo. Esse corpo sujeito é ator e autor de sua história e cultura, ele é um sujeito relacional, e por isso a necessidade da consciência de si, dos outros nas relações estabelecidas com o mundo.

Para esse autor, o fenômeno corporeidade deve ser reconhecido como multidimensional em todos os aspectos constitutivos do humano. Em outras palavras, se o homem, quando nasce, pode ser considerado um ser biológico por excelência, em sua existencialidade, ao humanizar-se, realiza movimentos para superar-se e de caminhar em direção a si mesmo, em direção ao outro e em direção ao mundo. Ele passa de um estado inicial determinista de instintos, reflexos, funções orgânicas para uma intencionalidade guiada por racionalidade, inteligência, criatividade, sensibilidade e afetividade. Trata-se da facticidade, sua existencialidade, e

homem e humano podem ser compreendidos pelos movimentos, pela expressão e pela comunicação.

Em seus estudos, Moreira (2003b, p. 87), com quem concordamos, considera que a corporeidade é relacional, fazendo advir a necessidade da consciência de si, dos outros e do mundo. E ao ser assim, a corporeidade, requer “uma conjugação em que estejam presentes todos os pronomes pessoais. O eu corporeidade só tem sentido na presença dos outros: tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas”. O autor fala da relevância das relações, ou seja, a analogia com os pronomes significa que todos estejam implicados.

Logo, cada pessoa é dinâmica e existe em corporeidade, como concebe Moreira (2003b, p. 87), que entende tratar-se de “um corpo sujeito existencial, complexo, que vive sempre no sentido de sua auto-superação (...) que se movimenta para garantir a vida, entendida esta tanto no sentido individual quanto coletivo”.

Portanto, o corpo somos nós em nossa existência humana. Ele se constitui a todo o momento sob influência de pessoas, do mundo e de nós mesmos. Nossa corporeidade faz-se na diversidade dos sentidos e significados ao longo da história. Nós, seres humanos presentes, somos sujeitos de nosso discurso, em contato com um mundo complexo. Somos corpos-sujeitos, vividos, que consideramos as possibilidades corporais e nos relacionamos com as mais diversas experiências significativas, em busca permanente da auto-superação. A nossa corporeidade vai sendo configurada nos momentos de apreensão do mundo por meio dos hábitos os quais vão sendo incorporados.

Refletir na perspectiva do ser humano ser corpo complexo e existencial alerta-nos a refletir sobre como a vida, individual e coletiva,

pode acontecer de modo equilibrado. O equilíbrio refere-se a um microcosmo, que possui organização interna individualizada, autônoma, tais como a biológica e a psíquica, estando inserido nos contextos: social, cultural, político, econômico, ou seja, em um macrocosmo, que exerce influência direta sobre o corpo.

Na concepção de Moreira (2003b) o equilíbrio é relativo àquela pessoa, naquele momento e inserida em seu contexto e complexidade, com seus potenciais, limites, suas habilidades e também competências. Essas contribuições revelam sobre a importância de compreender que o equilíbrio implica a existência do desequilíbrio e vice-versa. Há uma alternância constante entre ambos que ocasiona a fluidez do universo. Ressaltamos, no entanto, que, quando se trata de equilíbrio/desequilíbrio, não lhes atribuímos às características positivo/negativo, respectivamente. Eles são igualmente imprescindíveis aos processos de transformação que vivemos.

Morais (2005) ao tratar da corporeidade, afirma que somos e vivenciamos no complexo horizonte da existencialização. Para o autor, esse corpo abarca duas categorias, uma delas o corpo-problema, cuja estrutura e funcionamento, em suas complexidades constituem sua trama problemática. Esse corpo problema corta o passo e desafia a condição de um sujeito cognescente, passível de equacionamento e eventual solução. Esse corpo mantém uma relação sujeito-objeto de conhecimento que explora o mundo e expressa os agitos que causou. A outra, o corpo-mistério nos envolve, pois somos viventes e, em nós, há a centelha vital, a qual sustenta as energias básicas de nosso viver, a qual escapa a alguns médicos e fisiologistas.

Profissionais da fonoaudiologia, como Palladino, Cunha e Souza (2007 p. 213), vão ao encontro de Moraes (2005), ao discorrerem acerca da

relação entre problemas alimentares e de linguagem em crianças na clínica fonoaudiológica, sugerem que os fonoaudiólogos estabeleçam uma escuta sensível das narrativas familiares relativas às dificuldades e idiossincrasias alimentares da criança, naquilo que elas possam vir a revelar de conflitos e de sofrimentos psíquicos. Os profissionais referem-se à necessidade de estarmos atentos a processos como o de amamentação com ênfase à presença ou ausência de trocas afetivas entre a mãe e o bebê, para percebermos o caráter psicogênico da recusa à alimentação, dos vômitos e dos refluxos gastroesofágicos, e também, para observarmos a diferença entre as condutas maternas de nutrir e alimentar a criança, a primeira dissociada da dimensão do prazer. Esses elementos, que dizem respeito à corporeidade do indivíduo, e, portanto, à expressão de sua existência no mundo, segundo os autores, devem ser considerados nas ponderações diagnósticas e terapêuticas fonoaudiológicas além da funcionalidade fisiológica.

Para Santin (2005, p. 52) corporeidade possui um conceito abstrato, indicador da essência ou natureza dos corpos socializados. Compreender corporeidade por meio de conceitos pressupõe a observação de corpos que se constroem no imaginário social, na forma de vivê-los, inicialmente na experiência pessoal. Todavia, essa não é a primeira imagem corporal a ser construída, mas a que obedece aos modelos impostos pelos valores culturais vigentes.

Para conhecer a corporeidade é preciso abrir os olhos para ela, pois, dessa forma, poderemos seguir em direção ao outro e ao mundo. E, recordando Moreira (1998, p. 67), “para saber ver é preciso saber pensar aquilo que se vê.”

Freitas (1999) afirma que o homem é seu corpo, e no movimento intencional de dirigir-se ao mundo, apropria-se dele, traz para si os objetos, incorpora-os. Ao agir no mundo, o faz como unidade, e, na ação humana, é o ser que interage, como indivíduo, ser único, capaz de testemunhar sua experiência na complexa rede de inter-relações, com base na qual constrói sua vivência singular. A autora prossegue dizendo que as relações dialéticas entre o corpo, a alma e o mundo no qual se manifestam, marcam o ser humano. Essas relações transformam o corpo em uma corporeidade, unidade expressiva da existência.

Porto (2005, p. 34) ao estudar sobre corporeidade afirma:

(...) a presença compreende o ser na sua facticidade, é o ser factual no mundo, pois ele está ligado a si próprio recebendo o que vem ao seu encontro dentro do seu próprio mundo. Ele é e está no espaço, não apenas o ocupando num sentido de inerência e passividade. Ao contrário, a partir da sua corporeidade ele vive sua existencialidade própria na sua presença.

A corporeidade permite a coexistência do individual e do coletivo, as quais imprimem a pluralidade que configura um ser humano. Nas relações de ser e estar no mundo, o ser humano influencia e é influenciado, existindo em transformação contínua, de si, do outro e do universo, na riqueza das diversidades.

O universo de informações conduz nosso pensamento ao processo de formação do ser humano. Cada um é responsável por esse processo, que é feito e refeito a todo momento nas relações. As reflexões de Nóbrega (2000, p. 65) nos permitem enfatizar ainda mais esse processo de formação do ser humano. Considerando em um sentido mais amplo, ou seja, a qual acontece a todo momento, nas diversas naturezas de relação com o outro e o mundo,

as palavras dessa autora tornam-se pertinentes para a nossa elaboração sobre a constituição da corporeidade, ao afirmar que o sujeito

(...) em relação com o mundo e com a representação simbólica deste, não havendo a separação entre o sujeito e o objeto de conhecimento. E essa atitude garante ao [ser humano] apropriar-se do conhecimento de maneira ativa, reconhecendo os condicionantes históricos e vislumbrando a possibilidade de uma nova síntese, de uma nova realidade, reafirmando dessa forma que como produtor da cultura o homem cria e recria o mundo (p. 65).

Concordamos com essas palavras, sentimo-nos seguros por estarmos abertos para uma nova realidade, tendo em vista que nossa corporeidade se transforma diante da percepção das diversas corporeidades que encontramos na educação física. Estamos certos de que a fonoaudiologia também agradece a essas vozes que ecoam dentro de nós por uma resignificação, em prol de um corpo-sujeito. Afinal, o que é a voz? O que é a linguagem (oral e escrita)? E o que é a motricidade oral? E a audição, o que é? Todas essas grandes áreas da fonoaudiologia dizem respeito à corporeidade do ser humano! Como conceber a existência dessa área do conhecimento ignorando a corporeidade? Ignorá-la é inconcebível em nossa compreensão! A voz é a expressão de nossa intimidade, é a nossa identidade, é sentimento, logo, a nossa corporeidade. Falamos com o corpo inteiro, e ele é movimento dinâmico, portanto, é a nossa corporeidade manifestando-se. Ouvir é apreender a corporeidade do outro no mundo.

Ao considerarmos esse movimento, ampliamos a possibilidade de compreender que a saúde é do ser humano. Dessa maneira, provavelmente, temos chances de reduzir os riscos de nos atermos apenas aos aparelhos, fonador e auditivo, quando uma pessoa busca o auxílio de um

fonoaudiólogo. E como bem nos lembram as fonoaudiólogas Goulart e Chiari (2007), o trabalho do profissional, demanda conhecimentos inerentes à área de atuação, e requer conhecimentos ligados a outras áreas do saber, incluindo habilidades pessoais em lidar e conviver com a diversidade social e cultural que permeia a sociedade.

A beleza dos tecidos compostos pela corporeidade nos surpreende possibilitando imaginarmos a infinidade, e, portanto, a diversidade de composições que o ser humano é capaz de tecer com a matéria-prima corpo! São tantas as cores, os olhares, as vozes, os gestos os sentimentos, os pensamentos, os sons, os escritos, as falas os silêncios, tudo em puro movimento são fios significativos na criação de um tecido chamado vida.

E para finalizar essa trama compartilhamos as palavras de Porto (2005):

Pelo diálogo entre mim e o outro fica claro que nós coexistimos por meio do mesmo mundo, apesar das dificuldades encontradas entre ambos; isso faz parte do viver. Ao perceber o outro como comportamento e/ou como fala, não serei capaz nunca de saber, nem de sentir como o outro, pois ele é seu corpo vivido e experienciado. Nesta relação, as situações para mim são apresentadas, e o sentido e o significado de algo jamais serão os mesmos para mim e para ele. (p. 41)

Falamos com o corpo inteiro, desde a ponta dos pés até a ponta dos cabelos. Para mim, a verdade é sempre de baixo para cima. O ser humano é dinâmico. É movimento, é ação. O homem é um ser ereto, bem plantado, com pernas, braços, mãos, dedos, nariz, boca, olhos, expressão fisionômica. Não é uma imagem fragmentada, como um quebra-cabeça desfeito.

Glorinha Beuttenmüller

SEGUNDA TRAMA — fonoaudiologia, influências e concepções

Discutir a fonoaudiologia na concepção teórica proposta, a da corporeidade, pressupõe entender o movimento da sociedade no período histórico durante o qual a disciplina nasceu e se fortaleceu. Nesse sentido, a literatura identifica, no início do século XX, na Europa/Hungria, a criação da primeira Faculdade de Fonoaudiologia regulamentada, combinando medicina e psicoterapia na terapia da fala e da voz.

Assim, a fonoaudiologia foi criada em um contexto histórico, no qual, segundo Mandel (1985), o capitalismo já vivenciava a sua fase monopolista, alterando a dinâmica da sociedade burguesa, ao potencializar suas contradições fundamentais de exploração e alienação. A organização monopólica estruturava-se a fim de atender as exigências da acumulação do capital, quais sejam, o aumento dos lucros por meio do controle dos mercados e a aceleração das inovações tecnológicas, garantindo a economia de trabalho vivo, isto é, aumentando a taxa de trabalhadores desempregados.

Também, nas entranhas do capitalismo industrial, em sua fase monopolista no Brasil, em 1962, em São Paulo, na Faculdade de Medicina, foi criado o primeiro curso de fonoaudiologia, como em outras profissões, colocadas na divisão do trabalho, como um projeto da sociedade burguesa como ilustra Figueiredo Neto (1988).

Embora o curso tenha sido criado nessa época, a atuação do fonoaudiólogo teve os seus primórdios entre as décadas de 1930 e 1950,

marcada por uma relação de dependência de áreas do conhecimento⁴, como a medicina, educação, lingüística e psicologia.

Conhecer um pouco a história da fonoaudiologia no Brasil é interessante para a compreensão de como uma disciplina, que surgiu para cuidar da comunicação do ser humano, no início do século XX, ainda mantém uma análise sobre o corpo tímida.

Souza (1991) afirma que a fonoaudiologia tem a sua gênese assentada no positivismo, e Moore e Kester (1953), Van Riper (1981) e O'Neill (1987) consideram-na como uma atividade para-médica, portanto, em uma posição subalterna à medicina. Para Souza (1991, p. 11), a fundamentação das intervenções iniciais voltam-se para a correção das disfunções da fala, da voz e da audição, restringindo-se à

aplicação repetida de esquemas técnicos de correção, definidos para suprimir ou atenuar os sintomas observados [pelo médico]. No entanto, o tratamento técnico apenas nos aspectos biológicos vem demonstrando as limitações deste modelo no trato com as patologias da linguagem.

Permanecendo no diálogo com Souza (1991), em seus estudos sobre o desenvolvimento histórico da fonoaudiologia, fica evidente que

o desenvolvimento do capitalismo mercantil [acumulação primitiva] e depois industrial [revolução industrial] [com o] advento da revolução burguesa, colocam em cena um contexto novo, cheio de novas demandas e necessidades que, (...) vão se refletir no intenso desenvolvimento da ciência sob o signo do iluminismo e posteriormente o positivismo. Do ponto de vista do conhecimento médico, esse período assinala duas mudanças

⁴De acordo com Figueiredo Neto (1998), na formação do fonoaudiólogo da Universidade de São Paulo (USP) havia uma presença médica marcante, tanto na condução administrativa do curso como na pedagógica. Já na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) foram priorizadas mais a psicologia e a educação, por serem vinculadas ao Instituto de Psicologia e à Clínica de Psicologia da universidade.

importantes: em primeiro lugar a passagem da “medicina das espécies” para o estágio inicial da medicina clínica⁵. (...). A segunda mudança, de maior profundidade e mais fundamental ao delineamento da medicina clínica moderna, se refere ao surgimento, no limiar do século XIX, de um novo paradigma: a substituição da “medicina dos sintomas” pela “medicina dos tecidos”, a teoria Anátomo-clínica. As doenças já não denotavam espécies nem conjuntos de sintomas, mas, ao contrário, indicavam lesões em tecidos específicos. Esta transformação foi fortemente influenciada pelo processo da revolução burguesa; nele vários fatores relacionados às atividades médicas chamavam atenção: o aumento dos enfermos em tempo de guerra, a carência de médicos, a degradação de seu ensino e sua inadequação em relação aos ideais e necessidades que a revolução evocava.

Souza (1991) afirma ainda que a medicina recebe grande influência do dualismo cartesiano, que diz respeito a um universo constituído pelo mental e material como dimensões distintas.

Rodrigues, M. (1998), ao pesquisar a trajetória da fonoaudiologia, constata que até o início da década de 1980, ela tinha um caráter técnico-profissionalizante, buscando nas partes a compreensão do todo, ainda, que a fonoaudiologia recorreu à psicomotricidade como técnica reabilitadora dos chamados distúrbios de aprendizagem. Nesse sentido, a linguagem era percebida pela ótica do funcionamento orgânico e das condições psicológicas envolvidas na realização de uma língua código, e a patologia, como a totalidade do indivíduo.

De acordo com essa abordagem, o corpo humano era receptor das atitudes do especialista, vinculadas à recuperação das funções em prol de

⁵ A *medicina das espécies* e a *medicina clínica* são assim explicadas por Souza (1991): [Em relação à primeira], “as doenças como entidades sem ligação necessária com o corpo na medida que sua ocorrência residia na mistura (por afinidade) de “qualidades” inerente à doença ao temperamento dos pacientes, causando assim os desequilíbrios que definiam as doenças . (...). As cidades, por seus ambientes pouco ou não naturais, eram regiões mais propensas a incidência de enfermidades e de que as epidemias (...) se configuravam como perturbações que advinham de fatores externos como a fome e o clima. [Ao passo que no tocante à segunda] nos primórdios da medicina clínica (século XIII), (...) as doenças serão consideradas fenômenos dinâmicos resultantes de um conjunto de sintomas que, misturados, definem as patologias e são, ao mesmo tempo, os sinais que permitem verificar sua ocorrência”.

uma produtividade, de forma reeducadora, sistemática e ordenada. O corpo era percebido na perspectiva da doença, paciente e passivo, sem história e nem sujeito. As dimensões social e histórica eram desconsideradas.

Em sua gênese, a fonoaudiologia objetivava a correção “dos distúrbios funcionais da fala e da audição, tomando a patologia da linguagem por seu objeto e constituindo um arsenal de procedimentos técnicos e supostamente neutros de reabilitação” (SOUZA, 1991, p. 11). No entanto, os procedimentos técnicos e supostamente são insuficientes e restritos à esfera dos sintomas em seu processo de construção, “‘ganhando o mundo’ para redefinir-se fora desses muros” (SOUZA, 1991, p. 14).

No final dos anos de 1970, emergem certo mal-estar entre os profissionais, pois houve a intenção de identificar o fonoaudiólogo como terapeuta, pretendendo agir sobre o corpo de forma terapêutica, tornando-o capaz de receber, organizar e memorizar mensagens internas e externas. No início da década de 1980, certa influência da lingüística, mais precisamente da teoria interacionista, ofereceu subsídios para a fonoaudiologia modificar suas concepções da técnica, da relação terapeuta-usuário, passando a considerar o cliente sujeito-agente, portador de história influenciada pelas relações sociais.

É importante lembrar que a teoria interacionista tem como premissa o ser humano, constituindo-se como tal em suas interações sociais produzidas em uma determinada cultura, portanto, ele transforma e é transformado constantemente. O ser humano, na concepção de Rodrigues, M. (1998), passa a uma posição ativa e, portanto, participa do próprio processo terapêutico como sujeito de suas condições de vida, de saúde.

Na década de 1980 o fonoaudiólogo passou a ser definido como “(...) o profissional com graduação plena em fonoaudiologia que atua em pesquisa, prevenção, avaliação e terapia fonoaudiológicas na área da comunicação oral e escrita, voz e audição, bem como em aperfeiçoamento dos padrões de fala e voz.” **(parágrafo único, da Lei nº 6961/81; BRASIL, 1981)**. Assim, a influência da concepção sócio-interacionista de linguagem fortaleceu-se. A pessoa é referida como cliente e não paciente, agora em uma posição ativa no próprio processo terapêutico. O clínico passou a ler os sinais emitidos pela pessoa e com eles constitui sua ação, respeitando a singularidade de cada ser humano. A psicanálise, em paralelo, abre caminhos para considerar a singularidade da relação terapêutica, para pensar a intersubjetividade e sua influência sobre os resultados na clínica fonoaudiológica. O corpo é referido por Rodrigues, M. (1998) como dialógico.

Os estudos de Santiago (2001) apontam que ao se trabalhar a voz dos atores e dos operadores de *telemarketing*, toma-se a expressividade corporal como base. Rodrigues, M. (1998), Neisser (2003) e Parisi (2003) têm discutido a relação corpo e linguagem na clínica fonoaudiológica com o objetivo de rever conceitos e práticas.

Desse modo, constata-se na fonoaudiologia (e nas demais áreas) a existência de diferentes concepções demonstradas pelas pesquisas. De um lado, o predomínio da perspectiva organicista, caminho que alguns fonoaudiólogos ainda percorrem, pois têm eles uma atuação marcadamente assentada no modelo clínico, cujas ações são centralizadas no indivíduo em partes do corpo (orelhas, laringe, faringe, boca). De outro lado, porém, vigora

um movimento recente de fonoaudiólogos que concebem o corpo inserido em uma determinada sociedade, ultrapassando os limites do biológico.

No Brasil, a partir da década de 1980, apareceu uma nova concepção na fonoaudiologia, sobretudo quando a profissão se inseriu na saúde pública. Essa inserção trouxe um novo momento de transformação, pois novos questionamentos, especialmente à abordagem positivista/organicista, emergiram de novas perspectivas pelos fonoaudiólogos. As reflexões do grupo que atuava na saúde pública contribuíram para a reelaboração de outros modelos de intervenções profissionais, redirecionando-os para atender às demandas da população que procuravam o atendimento da fonoaudiologia que se apropriou de outra concepção de *corpo relacional*, tomando emprestada a expressão comumente usada na área da educação física.

É interessante lembrar que, durante aquela década, ainda ocorria o processo de redemocratização da sociedade brasileira, no qual o movimento dos sanitaristas provocava a redefinição da saúde pública, com a contribuição de alguns fonoaudiólogos. Em outras palavras, o movimento dos sanitaristas buscava encontrar alternativas para incorporar os princípios e as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), os quais, diante das más condições de vida de milhões de pessoas, que não usufruíam das riquezas por elas mesmas produzidas, apontavam, dentre outros, como critério primordial, a promoção da saúde como condição de vida. Essa compreensão foi uma deliberação da VIII Conferência Nacional de Saúde realizada em 1986, na cidade de Brasília/DF, e da Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde realizada em Alma Ata (URSS, 1978), que contou com a participação de 77 países. A definição de saúde como 'condição de vida, direito de todos e dever do Estado foi uma decisão da

VIII conferência e confirmada pela Constituição Federal do Brasil de 1988, no seu artigo 196, **(BRASIL, 1996)**. Dessa forma, a fonoaudiologia passou a assumir-se como uma profissão da saúde, defendendo os princípios constitucionais da Carta Magna do Brasil de 1988 e da Alma Ata (1978), isto é, a compreensão da saúde como condição de vida de todos.

Para Minayo, Hartz e Buss (2000), a busca da promoção da saúde é uma relevante estratégia para evitar uma atenção reducionista e possibilitar um diálogo intersetorial.

Todavia, a fonoaudiologia ao inserir-se como categoria profissional de saúde e ao absorver os princípios humanistas e sócio-políticos do movimento sanitarista, provocou, em seu interior, questionamentos anteriormente desconhecidos, tais como, apreender o processo do diálogo que deve ser realizado, e, ao fazê-lo, observar que nesse processo se encontra uma pessoa com um corpo. Segundo Quinteiro (2000, p. 2), o corpo

é o grande detentor do registro histórico de um ser, e por isto, necessita de uma avaliação minuciosa. Saber olhar, perceber, detectar uma manifestação desse registro na estrutura corporal (...) é um bom ponto de partida para a fonoterapia. O corpo (...) pode revelar indícios ou pistas que se bem compreendidos pelo terapeuta, estabelecem o melhor caminho para uma terapia bem sucedida.

Nos anos da década de 1990, a fonoaudiologia buscou compreender os aspectos emocionais, as relações familiares, a constituição do espaço terapêutico por meio da própria relação terapeuta-cliente, ampliando-se a percepção do terapeuta acerca da relevância em escutar o cliente. O fonoaudiólogo começou a atribuir sentidos ou novos sentidos ao que lhe era apresentado na clínica. A dimensão afetiva tornou-se fundamental para o processo terapêutico. O corpo passou a ser percebido como relacional.

A promoção da saúde encontra-se em constante redimensionamento com o objetivo de transpor a idéia da ausência de doença. Portanto, conforme Penteado (2000, p. 44),

compreender a relação saúde-doença em sua relatividade, (...) vista como um processo dinâmico que resulta de um conjunto de questões e fatores individuais e coletivos amplos que se relacionam e interagem entre si: sociais, econômicos, políticos, étnicos, religiosos, culturais, psicológicos, biológicos, ambientais, entre outros.

Ressaltamos que a história da promoção da saúde está sob a responsabilidade do Estado. Entretanto, a sociedade deve contribuir com as suas reflexões para a elaboração de programas, projetos políticos-pedagógicos nos diversos segmentos, para que a qualidade de vida seja conquistada e mantida. Entendemos qualidade de vida em consonância com Minayo, Hartz e Buss (2000), isto é, a capacidade de efetuar uma síntese cultural de todos os elementos que determinada sociedade considera seu padrão de conforto e bem-estar. Afinal, a qualidade de vida implica moradia, educação, saúde e outros, como resultado de conhecimentos, experiências e valores de indivíduos e coletividades formados em épocas, espaços e histórias diferentes. É, portanto, uma construção social inserida na relatividade cultural.

Os trabalhadores da saúde, dentre eles, os fonoaudiólogos, devem lutar para assegurar condições de trabalho estabelecendo intervenções que certifiquem atendimento de qualidade a todos, independentemente de sua classe social, etnia, gênero, idade, procedência, sexualidade, diferenças dentre outros.

A fonoaudiologia deve empreender esforço, para além de conhecer o cotidiano das pessoas que procuram os seus serviços, ainda entender e compreender que o ser humano que a procura está inserido em uma sociedade que tem cultura, hábitos, valores, sistema político-econômico-social e que esses componentes podem influenciar a vida de seus clientes, causando em seus corpos conseqüências em sua comunicação.

Como aponta **Chun (2002)**, as ações devem ser delineadas e planejadas de acordo com as necessidades e realidades locais. Ela cita que, mesmo na clínica fonoaudiológica, o profissional desenvolve ações de promoção da saúde e não apenas o mero tratamento da patologia, uma vez que o sucesso terapêutico no processo de atendimento depende da atenção integral à pessoa, à sua família e à comunidade. Por isso, é essencial na ação do fonoaudiólogo, de acordo com essa autora, envolver a família, a escola, no caso de crianças, e ofereça condições para que o ser humano se conscientize de que ele também é responsável por seu processo de saúde/superação da dificuldade fonoaudiológica, e, nesse contexto, ocorre o processo de capacitação do indivíduo como protagonista de sua história.

Penteado (2000, p. 15) concebe as questões de saúde nas dimensões econômica, política, cultural e social, que são incorporadas pela clínica fonoaudiológica com base em uma perspectiva mais ampla, compreendendo o indivíduo e seu processo de comunicação contextualizados. Para exemplificar, a autora cita trabalhos como o de Lacerda, Panhoca e Chun (1998), nos quais vigora a concepção de linguagem como constitutiva do sujeito, apoiada em pressupostos dialéticos, no sócio-construtivismo e em processos históricos e culturais.

Rodrigues, M. (1998), em sua pesquisa, com o objetivo de investigar as práticas e representações corporais em fonoaudiologia, presentes na atuação clínica de fonoaudiólogos, verificou que elas são variadas, pois têm origem em diferentes momentos de formação, mesclando assim, referenciais teóricos e produção de sentidos novos e antigos. A autora percebeu “como preponderantes [ainda], conceitos que tendem a conceber o corpo a partir de suas referências orgânicas e a considerá-lo apenas nas partes relacionadas especialmente à expressão do distúrbio.” Ela conclui ser necessário ampliar o olhar da expressividade do distúrbio para a expressividade corporal.

Nesse contexto, é imprescindível a re-significação das concepções corporais no decorrer da história, pois novos valores surgem de uma situação de desconforto e percepção da possibilidade de ter uma qualidade de vida melhor. A qualidade de vida é entendida como representação social com base em parâmetros subjetivos (de bem-estar, felicidade, amor, prazer e realização pessoal) e objetivos (de satisfação das necessidades básicas e daquelas criadas pelo grau de desenvolvimento econômico e social da sociedade).

Em outras palavras, são estabelecidos padrões que a própria sociedade define e se mobiliza para conquistar, assim como políticas públicas e sociais que garantam o desenvolvimento humano, as mudanças positivas no modo e nas condições de vida. Portanto, de acordo com Rodrigues, M. (1998), é preciso abarcar antigos valores, somá-los às novas idéias e construir novas concepções em prol de um fazer fonoaudiológico em sintonia com as necessidades da sociedade que constantemente se transforma.

A promoção da saúde indica aos dirigentes dos países que a facilidade em realizar está nas escolhas saudáveis: orientar para o cuidado consigo e com o outro, portanto, com a comunidade e com ambiente natural; colocar a responsabilidade do poder nas comunidades; capacitar os indivíduos pessoal e socialmente para que possam enfrentar qualquer dificuldade no decorrer de suas vidas; focalizar as necessidades globais considerando que o indivíduo se realiza em diversas dimensões (social, histórica, política, cultural, econômica, biológica, psicológica). Naturalmente, isso contribui para que as pessoas tenham a qualidade de vida que procuram.

A Terceira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde foi realizada em Sundsväl – Suécia, em 1991, quando se formulou a Declaração de Sundsväl, cujo conteúdo diz respeito à criação de ambientes favoráveis à saúde para além das dimensões física ou ‘natural’, ou seja, nas dimensões: social, econômica, política e cultural. É recomendado ainda que a busca de equidade e o respeito à biodiversidade sejam dois princípios que devem reger as estratégias para a saúde (BUSS, 2003).

De acordo com essa perspectiva, determinado segmento da fonoaudiologia trabalha com as concepções de corpo que vêm sendo delineadas ao longo de seu desenvolvimento. Assim, durante a comunicação, o ser humano, utiliza os recursos verbais (fala) e vocais, e simultaneamente, os não-verbais (corporais), que transmitem várias mensagens, por meio de gestos, expressões faciais, postura, aparência física e também vestimentas e adereços que usa. Esses recursos fazem parte da comunicação não-verbal, área pouco pesquisada pelos fonoaudiólogos.

Dessa forma, observa-se no meio profissional um empenho na produção do conhecimento com o propósito de encontrar outras abordagens considerando a pessoa em seu todo. Para tanto, um dos fatores propulsores dessas novas abordagens, conforme Penteado (2000) diz respeito às inquietações de alguns fonoaudiólogos que buscam a melhoria na qualidade de vida dos usuários da fonoaudiologia, e também, no que se refere à interlocução com outras áreas do conhecimento, como a educação, a educação física, dentre outras. Com essa perspectiva, Passos (1996, p. 5) considera que,

sem dúvida a relação com (...) áreas, dentre elas a da Educação Física] e eventualmente com outras permanece; no entanto, assume agora uma perspectiva não mais de dependência e sim de uma interlocução aberta e flexível, como convém a qualquer área do conhecimento científico. Sabe-se que esse processo de amadurecimento tem revelado uma série de impasses, dada a própria amplitude e diversidade do campo fonoaudiológico. Esses impasses, porém, precisam ser capitalizados como geradores de debates que propiciem uma construção dada vez mais consistente do seu referencial teórico-metodológico, ao mesmo tempo em que contribuía para abertura de novas frentes de trabalho.

Parisi (2003), ao estudar as técnicas corporais utilizadas na fonoaudiologia, refere-se ao agenciamento de conceitos de corpo advindos de diferentes áreas (medicina, psicossomática, psicanálise e a filosofia da diferença), bem como o processo terapêutico na área. Nesse sentido, contempla o corpo e a mente em uma abordagem monista. A autora propõe repensar o manejo corporal e a clínica fonoaudiológica como efeito da processualidade que configura o processo de subjetivação, que, quando obstruído, produz transtornos, afetando a comunicação e a linguagem e gerando demandas para a clínica fonoaudiológica.

Souza (1991) analisa que os mecanismos de redução das pessoas às patologias que as afetam impedem que o tratamento leve em conta a linguagem das pessoas e o contexto no qual as patologias da linguagem se originam e se desenvolvem. Como exemplo, cita que essa situação pode ser observada no desconforto que esse tipo de intervenção provoca na fonoaudiologia. Entretanto, acontece uma mobilização dos fonoaudiólogos, assim como das pessoas que buscam os seus serviços, com objetivo de re-significá-la para construir e se apropriar dos próprios elementos do saber como uma das formas de melhorar a qualidade de vida.

O corpo vem sendo estudado por áreas afins à fonoaudiologia diversas, como a lingüística, que interpreta seus gestos como um enunciado; a psicologia, que estuda as unidades do comportamento corporal para o entendimento psicológico do indivíduo; a psiquiatria, que relaciona os movimentos do corpo ao caráter, emoções e reações do ser humano; a sociologia, que relaciona os gestos da pessoa a um contexto sócio-econômico; a antropologia, que estuda a influência cultural sobre as mudanças corporais. Cada uma dessas áreas apreende uma dimensão humana de significado e apresenta contribuições inestimáveis. O corpo, muito estudado pela educação física, pode ser conceituado como corpo ativo, isto é, como “corporeidade vivida, em que o ser pensa o mundo, o outro e a si mesmo na tentativa de conceber essas relações, na [busca] de reaprender a ver a vida e o mundo” (MOREIRA; PORTO; MANESCHI; SIMÕES, 2006, p. 139.). Conforme essa perspectiva, como tem sido apresentado no texto, optamos adentrar um pouco mais esse campo, pois trata-se de uma concepção de corpo que fonoaudiologia deve acolher, refletir a respeito e fazer avançar.

Propomos assim que se faça o aprofundamento do conceito de corpo na fonoaudiologia para que ele sempre seja percebido contextualizado em sua objetividade e subjetividade, isto é, corporeidade. Nas palavras de Gonçalves (2005, p. 152),

o sentir expressa-se de todas as formas em nosso corpo: no ritmo de nossa respiração, nos nossos passos, na nossa postura, na contração ou descontração dos nossos músculos, no tônus muscular (...). O corpo (...) expressa não somente nossa história individual, mas a história acumulada de uma sociedade, que nele imprimiu seus códigos. (...) [Estando atentos que] a (...) comunicação corporal é anterior a qualquer entendimento verbal (...) e a própria palavra é também corporeidade.(...) No movimento corporal há uma analogia com a linguagem. Como na linguagem, no movimento corporal o inteligível e o sensível se unem na produção do sentido.(...) O corpo que sente, ao mesmo tempo que estrutura a percepção e se move.(...) O pensar assenta-se sobre essa experiência, em que o [ser humano] se abre para o mundo.

Oliveira (2004) mostra como a fonoaudiologia, talvez em outras palavras, sinaliza sua afinidade com os princípios da corporeidade, o que estimamos ser uma semente em solo fértil, e que os fonoaudiólogos possam re-significar suas concepções contribuindo para a melhoria na qualidade de vida das pessoas. De acordo com o autor, trata-se da

voz em resposta a uma atitude/movimento corporal, mas cuidando para que não haja esforço na fonação. A palavra transmite a existência de um objeto, uma pessoa, de um sentimento. Todavia, é na linguagem vocal(voz) que a palavra encontra toda a riqueza de significados que varia de acordo com o movimento e o contexto (p. 4).

O ser humano pesquisa e transforma o mundo porque vê sentido nisso, porque se realiza aí, porque consegue expressar dimensões latentes nele. Que sentido o ser humano busca realizar e viver quando dialoga técnico-cientificamente com a realidade? A análise desse questionamento nos abre para o sentido originário de Deus, presente também dentro do mundo moderno.

Leonardo Boff, 2002

TERCEIRA TRAMA – a pesquisa: os profissionais da fonoaudiologia e a diversidade de concepções

Movidos pelo compromisso profissional de contribuir para o avanço da fonoaudiologia trilhando uma concepção que aborda as pessoas em seu todo — a corporeidade — é que nos embrenhamos nesta pesquisa. Em nosso caminhar, fomos norteados pelo respeito à diversidade, mas com a firmeza de que há uma direção, a conhecer as diversas concepções de corpo presentes na fonoaudiologia e as contribuições que ela recebe de outras áreas do conhecimento.

Inicialmente, a pesquisa bibliográfica contribuiu para a revisão da literatura e nos possibilitou ampliar o arcabouço teórico deste trabalho, assim como escolher a metodologia.

Nesse sentido, escolhemos um percurso teórico-metodológico com a abordagem qualitativa, por considerá-la mais pertinente para a nossa proposta de trabalho. Para Minayo (1999), as metodologias da pesquisa qualitativa são capazes de incorporar as questões do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, e estas últimas, apreendidas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semi-dirigidas, nas quais “(...) ambos os integrantes da relação [de entrevista] têm momentos para dar alguma direção, representando ganho para reunir os dados segundo os objetivos propostos. (...)” (TURATO, 2003, p. 313).

Ao oferecer a palavra aos profissionais da fonoaudiologia, ficamos mais suscetíveis à fidedignidade das concepções de seus próprios corpos.

Essa metodologia permitiu-nos uma flexibilidade na ordem e na redação das perguntas para que pudéssemos encontrar e seguir novas pistas e/ou temas que surgissem no curso das entrevistas.

Um aspecto importante que Triviños (1987) apresenta, ainda a respeito da entrevista semi-estruturada (semidirigida), é que ela parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias que interessam à pesquisa, e, em seguida, oferece amplo campo de interrogativas que vão surgindo à medida que se recebem respostas do informante. Desta maneira, o entrevistado, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências de acordo com o foco principal proposto, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa⁶. Foi realizado um estudo piloto com três sujeitos para avaliar se os componentes da pesquisa eram entendidos claramente pelos sujeitos-alvo. Concluímos que as questões atendiam ao objetivo desta pesquisa e continuamos a realização das entrevistas.

A coleta de dados foi estruturada da seguinte forma: elaboração das questões para a entrevista, seguido da identificação dos sujeitos, da realização das entrevistas. Após a identificação dos sujeitos, entramos em contato, pessoalmente ou mediante meios de comunicação (telefone, Internet), convidando-os a participarem da pesquisa em questão. Os objetivos e as justificativas foram apresentados a eles, bem como esclarecidas as dúvidas. Com a aceitação do convite, agendamos data e local convenientes aos sujeitos, e nos dirigimos ao seu encontro. As entrevistas realizadas com os sujeitos foram gravadas e transcritas literalmente e apresentadas a eles. Somente após leitura e concordância dos entrevistados

⁶ O projeto desta pesquisa foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Metodista de Piracicaba-SP (CEP), nº 92/03, em 17 de fevereiro de 2004.

é que os dados foram utilizados. Todos entrevistados tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme a resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) da Universidade Metodista de Piracicaba efetuado por nós. Estando de acordo com o teor do documento, ele foi assinado por todos os sujeitos.

No contato com os sujeitos, utilizamos duas formas de abordagem a respeito das concepções de corpo e atuações profissionais. Primeiramente, solicitamos que cada entrevistado relatasse sua trajetória na fonoaudiologia como uma forma de deixá-lo mais à vontade. Em seguida, ele respondeu a outras questões elaboradas previamente e que constam do anexo 4 deste trabalho. Foram retiradas duas questões em razão do objeto do estudo.

O universo desta pesquisa é constituído por quatro sujeitos, escolhidos dentre um conjunto de dez fonoaudiólogos entrevistados, os quais atenderam aos seguintes critérios: fonoaudiólogos com experiência clínica e docência universitária em dois grandes centros urbanos da região sudeste, com o mínimo de quinze anos de formação e atuação profissional. De acordo com Minayo (1999), o critério de inclusão/exclusão dos sujeitos pode estar subordinado aos atributos dados pelo investigador em razão do que pretende conhecer.

A nossa participação nas entrevistas quase sempre se restringiu a demonstrar compreensão e interesse ao que estava sendo dito. Também, formatávamos questões pertinentes que surgiam como pistas no decorrer da entrevista, estabelecendo assim “uma relação de escuta ativa e metódica, tão afastada da pura-intervenção da entrevista não dirigida, quanto do dirigismo do questionário” (BOURDIEU, 1997, p. 695).

O registro do material coletado foi feito por meio de gravação em áudio, em fitas cassetes, cujo acesso é facultado somente aos entrevistados e a nós, garantindo o sigilo, como forma de preservar a privacidade dos sujeitos, e a necessária segurança aos dados. Posteriormente, realizamos a transcrição do material.

Para iniciarmos o processo de diálogo com os dados, retomamos à problemática e aos objetivos iniciais do estudo. Em seguida retornamos aos dados transcritos e efetuamos várias leituras do material com o intuito de neles encontrar as mensagens que respondessem às nossas inquietações. Com a apropriação das falas dos sujeitos, optamos por definir quatro eixos temáticos os quais respondessem ao objeto do nosso estudo. São eles:

- a) concepção de corpo para os profissionais;
- b) corpo e fonoaudiologia – como os profissionais lidam com o corpo;
- c) corpo e comunicação – o corpo comunica? Como?
- d) corpo e formação profissional – como os profissionais construíram a concepção de corpo que têm?

De acordo com Minayo (2007), os eixos temáticos são unidades de significação ligadas a uma afirmação a respeito de determinado assunto. Esses eixos naturalmente libertam-se de um texto analisado conforme critérios relativos à teoria que serve de guia para leitura.

Após esse momento, voltamos aos dados e selecionamos os trechos dos discursos correspondentes a cada eixo em particular, no qual foram encontradas expressões significativas em razão das quais o conteúdo das falas foi organizado. Aí então, estabelecemos um diálogo com a literatura estudada, o qual apresentamos a seguir.

DIÁLOGO COM OS DADOS

Eixo temático I: concepção de corpo

Tendo em vista dinâmica entre as leituras dos dados e a literatura a eles relacionada, à medida que fazíamos o percurso de leituras conseguimos destacar as concepções de corpo, objetivo primeiro desta análise. Dessa forma foi possível identificar as idéias e posições de cada sujeito, indagar se havia semelhanças entre elas e as concepções de corpo e corporeidade, como trabalhado na primeira trama.

Simões (1995, p. 117) afirma:

o conceito de o indivíduo ser um corpo é mais abrangente que a restrita idéia de ele só possuir um corpo. Além disso, as abordagens sobre o fenômeno corporeidade possuem uma complexidade, derivada do entendimento de que tanto o corpo como a idéia de corpo são complexos e, por essa razão, não podem ser explicados de forma simplista e definitiva.

A articulação que podemos fazer da fala dessa autora com os dados tem a ver com o que ela diz a respeito da complexidade das abordagens acerca do fenômeno da corporeidade. Assim como expressa a fala de Simões (1995), consideramos que os sujeitos, da pesquisa, também reafirmam essa concepção. Percebemos que todos os sujeitos têm uma concepção de corpo como uma unidade complexa, que o ser humano existe em determinado contexto e em determinada época.

Nesses termos, um dos entrevistados pontua:

tinha esse olhar mais no ser como um todo (...) eu já fui entrando nessa pesquisa da voz e o corpo inteiro, o tempo inteiro junto.(...) S1

Essa fala mostra o movimento de superar a concepção segundo a qual a matéria é a única base da existência humana de alguns profissionais da fonoaudiologia, apontando concepção de corpo mais ampla, ou seja, em direção à corporeidade. Outros dois depoimentos são também análogos à concepção do S1, indicando uma hegemonia na concepção de corporeidade como um fenômeno complexo. Essa afirmação pode ser constatada, ainda nas palavras de S2 e S3, conforme relatos que se seguem:

(...) Corpos entendidos, de novo, não apenas como instâncias físicas, mas também como instâncias físicas (...) S2

(...) eu penso é que o corpo e a mente e o pensamento são coisas indissociáveis pra pessoa viva. (...) S3

Os dois sujeitos mencionados deixam claro também em suas falas uma concepção de corpo como um todo, superando assim a concepção dualista referenciada no pensamento cartesiano. Outro aspecto observado é que os sujeitos caminham em direção ao equilíbrio na sua concepção de corpo, ultrapassando uma abordagem reducionista:

corpo (...) processos complexos, que implicam, que contêm várias dimensões (...) naturais ou físicas, relacionais, afetivas.[no sentido da capacidade dos corpos vivos se afetarem.] (...) simbólicas, lingüísticas. (...) que compõem esse universo complexo que conforma o corpo (...) [que] imbricadas fazem o funcionamento do corpo. (...) S2 (grifo nosso)

(...) a minha concepção é uma concepção de corpo simbólico. [O] sujeito tem o corpo que ele pensa que ele tem. (...) Tudo o que eu penso sobre, sinto ou não sinto. (...)

Por isso que o diálogo com palavras, eu penso, você pensa, a gente vai trocando é semelhante ao que eu faço com o corpo; ele também é um diálogo. S3

Destacamos nas falas de S2 e S3 a concepção de corpo como registro das experiências vividas em suas diversas dimensões e complexidades, por considerar que esses sujeitos assumem uma concepção de corpo relacional. As expressões dos sujeitos, ao referirem-se às dimensões do corpo, tais como, **naturais ou físicas, relacionais, afetivas, simbólicas e lingüísticas**, são indicadores dessa posição teórica. Consideramos que suas declarações podem ser sustentadas na afirmação de Porto (2005) acerca do corpo:

Corpo é vida, é movimento e é sentimento, (...) O corpo, na sua completude e complexidade, é quem possibilita e permite ao ser humano estar presente em todo o tempo e lugar vivendo todas as situações que por ventura possam surgir; corpo é ser-no-mundo (p. 22).

Sendo corpo vida, movimento e sentimento, podemos relacionar essa concepção com a de S3 que, de certa forma, indica que corpo é tudo que se pensa, sente ou não sente. É um diálogo com palavras estabelecido com um eu penso, você pensa, é uma troca que também se faz com o corpo dialeticamente. Consideramos que essa relação seja uma atitude corporal, assim como afirma Moraes (2005, p. 79): “toda atitude do ser humano é atitude corporal.(...) [É] registro de uma dialética cujos pólos (carne e espírito) se realizam e são superados pela totalidade e pela unidade do [ser humano] vivente”.

Um dos entrevistados (S2) destaca o contexto do ser humano e sua existência ao falar da concepção que têm de corpo:

Me interessa essa idéia de que o corpo continua se construindo, que o corpo humano nunca está pronto, que está sempre se fazendo. Tais experiências se fazem no limite entre o corpo próprio de um sujeito, o corpo do outro e o corpo das coisas do mundo. Nessas relações e nessas experiências ele continua se moldando, se esculpindo, se criando e recriando (...) S2

Há o entendimento de que essa fala de S2 permeia uma possível compreensão e conseqüente processo de superação de “um modelo civilizatório baseado na noção de progresso material e desenvolvimento econômico nos moldes da modernidade científica e industrial”, como afirma Pelizzoli (2007, p. 45). Segundo o autor, esse modelo civilizatório caminha para o desequilíbrio e perda de harmonia/interligação com os aspectos fundamentais da vida.

De acordo com Morin e Lê Moigne (2000, p. 67), o mundo torna-se cada vez mais um todo.

Certamente ainda temos impregnadas em nossa cultura atitudes dualistas, as quais, por vezes nos denunciam até mesmo em nossa escrita, como justificativa de facilitar a compreensão das pessoas em relação a determinados conceitos. O processo de superação acontece aos poucos. Trata-se uma constância de ordem e desordem e posterior re-organização de pensamentos e atitudes que vão sendo incorporados pelo ser humano e configurados diante de novas perspectivas. Assim, herdamos concepções, as experienciamos em nosso contexto até o momento em que constatamos ser preciso re-significá-las para que atendam às necessidades do universo, como revela o entrevistado S2:

O corpo é composto também das imagens do corpo, que ele produz na relação com outros corpos. O corpo se molda, se esculpe na experiência com outros corpos

(humanos ou não). Ele se produz nesse entre-corpos, (...). Houve mudanças em vários níveis, em várias faces do teu corpo, mas também nos contextos com os quais você se relaciona. S2

Salfatis e Cunha (2006, p. 211) esclarecem:

Os conflitos psíquicos marcaram o corpo desse paciente. Os conteúdos inconscientes converteram-se em sintoma no corpo: a impotência vocal. Um "nada" não tem voz e, sem voz, não fala com outras pessoas, não faz laços. Armando refugiou-se em seu problema vocal e ao buscar tratamento demandava recuperar e possibilidade de vincular-se, de estar com o outro.

Os entrevistados expressam uma concepção de corpo que vai sendo construída, a todo o momento, em sua existência que é cultural, física, emocional, energética, psíquica, simbólica. Assim, os fonoaudiólogos vêm superando a concepção de mundo como um sistema mecânico composto de unidades materiais estáticas para entendê-lo como dinâmico, e que a vida em sociedade é uma luta competitiva que acontece no dia-a-dia. É o que mostra S4 ao expressar que

(...) corpo é você, corpo é energia (...) você fala de corpo, fala de circulação sanguínea. Tem que falar de sorriso. Quando você sorri você não sente? A postura que você está. Se você pensar na postura que está você consegue delinear, imaginar o desenho do seu corpo? Então corpo é isso. Corpo é vida. (...) Tem que ter um espaço.(...) A roupa que não agrada. (...) [Se vai] falar em público, e não se sente bem. (...) Juntou as pernas, tencionou. (...) Acaba com a voz. Tem que estar relaxada. Para que a voz possa projetar no espaço. (...) A escolha da roupa é corpo! S4

Consideramos que a fala de S4 diz respeito a uma concepção de corpo integradora por justamente por ele enfatizar as suas diversas dimensões, tais como: energética ("corpo é energia"), física ("circulação sanguínea", "postura", "tensionou"), emocional ("Quando você sorri você não sente?"), simbólico

(“você consegue delinear, imaginar o desenho do seu corpo?”), cultural (a escolha da roupa é corpo!”).

No entender de Moreira e Simões (2006, p. 74),

corporeidade é incorporar signos, símbolos, prazeres, necessidades, por meio de atos ousados ou de recuos necessários sem achar que nega o outro. É cativar e ser cativado por outros, pelas coisas, pelo mundo, numa relação dialógica.

Morais (2005), assim como S4, refere-se ao corpo como energia. Esse autor, ao refletir sobre as duas categorias da corporeidade aponta a categoria corpo-mistério, afirmando que em nós há a centelha vital, a qual sustenta as energias básicas de nosso viver. Ele também menciona a categoria corpo-problema, cuja estrutura e funcionamento, em suas complexidades, constituem sua trama problemática.

Portanto, compreendemos que as concepções de corpo a respeito das quais os sujeitos da pesquisa discorrem estão em consonância com os princípios da corporeidade, Moreira (2002), assim como eles, refere-se a corpos que, por produzirem cultura e história, são, ao mesmo tempo modificados, as quais produzem, e recebem marcas que estão presentes no modo de serem e de se relacionarem com os outros e com o mundo. Os corpos sujeitos são atores e autores de suas histórias e culturas. São corpos relacionais, portanto, há necessidade da consciência de si mesmo dos outros ou do mundo.

Eixo temático II: corpo e fonoaudiologia

O eixo temático, corpo e fonoaudiologia, contempla os profissionais no exercício da docência e da clínica, como também em sua atuação em áreas de trabalhos que discutem e promovem políticas públicas.

Consideramos as explicações Salfatis e Cunha (2006, p.211) podemos ilustrar a relevância da relação corpo e fonoaudiologia no relato e discussão do caso de uma pessoa em atendimento fonoaudiológico. As autoras afirmam que a fala dela em dado momento

soava como uma recuperação daquilo que parecia ser tão desvalorizado, como uma proteção aos conteúdos que o faziam sofrer, e pareciam associados à sua doença. Sua voz [a da pessoa em atendimento] também denunciava essa impotência inconsciente ao mantê-lo confinado nessa impossibilidade de se colocar frente ao outro, de "ser alguma coisa". Esses conteúdos foram trabalhados em terapia, juntamente com os exercícios vocais, e [a pessoa] começou a recuperar a voz ao mesmo tempo em que recuperava sua própria história. Durante os exercícios era levado a perceber corporalmente seus movimentos fazendo-os sem medo de errar ou de ser julgado.

A apresentação extensa do dado de S2 se faz necessária por considerar a riqueza de sua fala acerca da relação corpo e fonoaudiologia:

(...) mais do que disciplinas a gente tinha que desenvolver atitudes de formação em relação ao corpo, que pudessem trabalhar desde atividades de sensibilização corporal e de trabalho corporal direto: exercícios, mobilidade, relaxamento, massagens, você tem teorias e suportes em várias áreas pra isso, até conteúdos e discussão sobre as questões que implicam – e são quase todas – o corpo dos pacientes, nos atendimentos, nas disciplinas teóricas, no campo dos estudos fisiológicos, neurofisiológicos, fisiopatológicos, anatômicos, etc. (...) Você tem que fazer com que minhas palavras não sejam nem falar sobre coisa e nem sejam palavras de ordem, prescrições para o outro, que na verdade, alienam o corpo do outro nas suas dimensões psíquicas, físicas e tal. Mais que isso, O que significou? Que efeitos produziu? Ou o que mobilizou? Por onde? Como? Então um exercício, às vezes

banal, uma vibração de lábios, pode produzir efeitos, pode atualizar experiências e marcas que dão campo de elaboração enorme pros seus pacientes em torno dos seus problemas de comunicação. Então eu acho que abordar o corpo passa por essas múltiplas vias. Quer dizer, usar de maneira sensível, delicada e disponível, o manuseio dos procedimentos técnicos de manobra corporal, e ao mesmo tempo fazer com que aquilo que a gente conversa, intervém, interpreta, pontua para o paciente, funcione como ação sobre o corpo dele nas suas várias dimensões. (...) S2

A fala do S2, evidencia que tanto o corpo do profissional como o da pessoa em atendimento devem ser abordados para além dos procedimentos técnicos, de forma sensível delicada e disponível, o que implica considerar a corporeidade dos indivíduos que compõe a relação que se estabelece na clínica.

Chama ainda atenção à frase final de S2 negritada por nós. Consideramos que o trecho “a gente conversa, intervém, interpreta, pontua para o paciente, funcione como ação sobre o corpo dele nas suas várias dimensões” contém a dialogia fundamental na concepção de corporeidade, uma vez que o diálogo entre o profissional e quem está em atendimento implica a forma de lidar com esse processo. E, como explana Moreira (2002), analisar o fenômeno corporeidade implica adentrar os símbolos e signos que estão registrados em nosso corpo ao longo de nossa vida. Ele evidencia também, que o ser humano ao produzir cultura e história, é, ao mesmo tempo, modificado por ambas, as quais produzem e recebem marcas presentes no modo de ser desse ser humano e também de relacionar-se com os outros e com o mundo.

Ao percorrer os dados no que diz respeito à relação corpo e fonoaudiologia, percebemos que aquele é relevante na atuação dos quatro sujeitos da pesquisa. Eles afirmam que o contato com o corpo ativa várias outras dimensões que não só a física, assim como o diálogo com a pessoa pode da mesma forma possibilitar o despertar de dimensões outras da pessoa. Um dos entrevistados, S1, esclarece:

(...) eu parto sempre da premissa corporal. (...) Tentar soltar o corpo para poder conectar com as pessoas, com você mesmo. (...). S1

Nessa fala, S1 mostra que parte da dimensão física do corpo para acionar outras. Nesse caso, é acionada a dimensão emocional ao falar sobre “soltar o corpo”, “conectar com as pessoas” e “com você mesmo”.

Outro aspecto a ser mencionado refere-se à eficiência do processo terapêutico quando a pessoa está disponível em suas dimensões. E para tanto, trabalhar o corpo mediante o uso de dinâmicas e manobras corporais faz que a respiração da pessoa melhore, ela se abra para o contato consigo mesma, com o outro e com o mundo, fatores fundamentais para o seu re-equilíbrio. Há uma sensação corporal integral, o que muito favorece a fonoterapia.

Essa análise convoca o que foi discutido na segunda trama e referido nas reflexões de Quinteiro (2000). Essa autora fala da necessidade de uma avaliação minuciosa do corpo, pois saber olhar perceber e detectar uma manifestação corporal permite *des-cobrir* indícios, “que se bem compreendidos pelo terapeuta, estabelece o melhor caminho para uma terapia bem sucedida” (QUINTEIRO, 2000, p. 2).

A esse respeito, dois entrevistados S1 e S4 informam, respectivamente:

(...) Assim de correr, rolar. (...) Uma boa massagem você sente o pulso, você sente a respiração, você sente vida. (...) Está no corpo. (...) A base pra mim de todo trabalho corporal é a respiração. (...) Muda a relação com tudo. (...) [Se] eu percebo, se eu sinto a minha relação com o outro já vai ser diferente, (...) vou me desidentificar das questões de fora, do outro. Não interferir menos no eu, porque eu existo. (...) E logicamente você vai estar muito mais disponível na relação pra troca com o outro, realmente trocar. (...) Não pra trabalhar em cima do sintoma. Mas poder estar olhando o outro no todo. No contexto dali, da gestalt dele. (...) S1

(...) todo o meu trabalho tem o corpo presente. (...) S4

O trabalho corporal está presente no atendimento fonoaudiológico. É necessário compreender que a colocação do corpo e da voz no espaço é fundamental para caminhar em direção ao bem-estar corporal da pessoa, que proporciona o bem-estar vocal. É o que fazem dois entrevistados, S1 e S4:

(...) A massagem, eu trabalho [para] desbloquear basicamente. (...) [A pessoa] precisa de uma sensação de inteireza do corpo inteiro, (...) que a massagem dá. (...) S1

(...) A minha preocupação é com a colocação da voz no espaço. De voz e corpo. Você não pode dissociar a voz do corpo. Eu costumo dizer no teatro, (...) você anda com a voz e você pensa com o corpo. (...) Se eu não estou bem corporalmente, a minha voz também não vai estar. (...) S4

Percebemos a relevância, na fonoterapia, de conversar com a pessoa no momento das manobras para a formulação de discursos e atribuição de sentidos a elas como forma de superação da dificuldade em questão. Em outras palavras, há uma relação entre o sentimento e a manobra, ou entre a dificuldade, por exemplo, o ceceio (projeção da língua) e determinado momento na vida da pessoa.

Independentemente de qual seja a dimensão com que o fonoaudiólogo inicia seu trabalho, ele poderá ativar outra ou outras dimensões do corpo humano. Dessa forma, pode ter um bom conhecimento das dimensões acionadas, e, portanto, ser capaz de lidar com o corpo para além do físico, o que é fundamental para a saúde da pessoa. Em consonância com essa perspectiva, Birkman e Cunha (2006 p. 87) afirmam que

as questões do corpo devem ser analisadas para além do funcionamento orgânico. Por exemplo, a surdez profunda em crianças com graves quadros psíquicos e de linguagem, não justifica, em si mesma, tais manifestações sintomáticas. Ressalta-se que as histórias do corpo, quaisquer que sejam, merecem atenção privilegiada do fonoaudiólogo. Porque a doença orgânica não deve ser entendida como algo “estrangeiro” à subjetividade, mas como algo “produzido” pelo sujeito, como uma solução encontrada para resolve um conflito profundo e, conscientemente, inacessível.

Na mesma direção, dois depoimentos evidenciam esse tipo de abordagem, o de S4 e o de S2:

(...) Quando eu crio um exercício, eu sei exatamente o que está ocorrendo no interior do corpo do indivíduo. (...) Buscar quais são os músculos que estão sendo ativados. Que tipo de reação corporal que eu tenho. Eu espero que a pessoa sinta. (...) eu aplico primeiro em mim. (...) Nada é feito sem uma explicação, sem uma fundamentação. (...) S4

(...) [Quando] a gente trabalha com o corpo, (...) manobra física, é legal que você peça para as pessoas sentirem e depois conversarem sobre o que sentiram e ao que relacionam tais sensações: quais imagens e estados são atualizados, (...) Não basta o exercício físico ser executado de maneira adequada, é preciso lidar com as questões que a ele se ligam no momento em que ele é feito. Ou seja, que outras dimensões do corpo ele põe em movimento? Ao exercitar, o que sente? O que pensa daquilo que ele faz? Como se vê, fazendo o exercício? (...) Falamos sobre marcas psíquicas.(...) Como um sintoma ou uma reação muscular se ligam a essas marcas psíquicas. (...) Trata-se de produção de sentidos em torno e a partir dos sintomas e do tratamento, que implicam, que envolvem dimensões do corpo: físicas, psíquicas, lingüísticas... É nessa direção que eu tenho pensado e trabalhado com o corpo. (...) S2

O profissional da fonoaudiologia, ao estabelecer um diálogo com as pessoas que o procuram, aos poucos acaba por inteirar-se da sua história de vida. O desvendar de símbolos e sentimentos, expressão da corporeidade, oferece condições de melhor localizar a dificuldade a ser superada. O

fonoaudiólogo, com seus conhecimentos, ajudará as pessoas a trazê-las para a consciência e oferecerá condições para que elas se conheçam profundamente, aprendam a lidar com seus corpos, a conhecer os registros que neles se encontram, o que lhes possibilita existirem com melhor qualidade de vida. O processo de auto-superação é uma construção que se efetiva momento após momento. O relato de S3 que se segue é significativo:

(...) Então eu uso todo um trabalho corporal que eu tomo igualzinho um diálogo. (...) É como se eu levasse o sujeito a fazer um diálogo com ele, mas depois passa a ser comigo. Então o diálogo com ele eu estou falando de um saber que eu tenho do corpo, que ele está sentindo que o canal está aberto, que é pra depois ele poder perceber que o canal fechado, e ele poder perceber que o canal fechado é músculo que ele juntou, mas juntou inconscientemente. Mas que eu quero que ele conscientize; pra ele poder ter outras estratégias consigo. (...) S3

Ainda em diálogo com Birkman e Cunha (2006), entendemos que a técnica fonoaudiológica compreende capturar as dispersas produções verbais e não-verbais da pessoa em terapia e inseri-las em uma sintaxe. Em outras palavras, significa apostar naqueles gestos ainda que tão primitivos, o valor de atividade simbólica.

É interessante observar que a dimensão física é tão imprescindível como as demais. É preciso ter claro que os sujeitos desta pesquisa, suas atividades terapêuticas, evidenciam a equidade de valor de todas as dimensões do corpo. Eles mostram a necessidade das pessoas em atendimento e terapeutas percorrerem a história do outro. O terapeuta oferece elementos por meio de sua voz e fala para que a pessoa penetre em seu próprio interior, perceba seu corpo, se sinta, respire, conheça melhor as dimensões de seu corpo e como elas estão. Após o autoconhecimento do

indivíduo em sua dificuldade fonoaudiológica, ele e o fonoaudiólogo podem conversar a respeito do percebido e sentido na busca de uma tomada de consciência dessa corporeidade. Um entrevistado, S2, informa:

(...) [ativar] dimensões do corpo, (...) faz com que a gente sinta o corpo para além do estritamente físico. (...) Eu diria, [que a dimensão física é necessária] mas não é suficiente pra qualquer trabalho que se queira clínico. (...) Qualquer clínica lida com o sofrimento do sujeito. Com a possibilidade de acolher, de tentar entender, para poder intervir, mesmo que num campo particular de questões, porque há várias clínicas. (...) S2

O corpo é sensibilizado em suas multidimensões durante o processo terapêutico. Dessa forma, há um desequilíbrio intenso, pois as dificuldades são trazidas à tona. A partir de então, com a conscientização a respeito delas, o corpo procura uma nova organização para atingir o equilíbrio. Acontece então o processo de auto-organização. Acolhemos as palavras de João (2004) para entender que ordem e desordem se co-produzem, e ao entrelaçá-las em um diálogo, poderemos compreender que estamos constantemente em organização e desorganização, passando por estágios de estabilização. E que, é

fundamental compreendermos que o resgate de nossa corporeidade precisará de ações intencionais de ruptura de padrões comportamentais que gerem conscientemente ações de desequilíbrio, sobretudo para impedir que condicionamentos passem a ser desapercebidos e se tornem elementos de bloqueio para novas aprendizagens e também do fluxo vital. (JOÃO 2004, p. 268)

Podemos perceber nos depoimentos dos sujeitos uma concepção ampliada de corpo, uma vez que estão atentos às suas diversas dimensões e

cuidam delas. Portanto, relacionam-se com um ser humano que tem em sua essência a existência do todo.

Eixo temático III: corpo e comunicação

Nesse eixo temático, iremos tratar da relação corpo e comunicação, buscando conhecê-la e compreendê-la. O corpo é o detentor do registro de nossa história de vida de um ser, e segundo a fonoaudióloga Quinteiro, (2000), saber perceber esse registro na estrutura corporal é um bom início de um processo terapêutico.

. Podemos compreender então que, por meio do corpo, contamos, mesmo em silêncio, toda a trajetória que percorremos. É com o corpo que construímos e transformamos nossos caminhos. É nele que se revela o universo, como relata um entrevistado, S1:

Em 1986 como eu tive esse nódulo, eu fui fazer esse trabalho com a fonoaudióloga, (...) e estava fazendo formação Reich. (...) eu entrei em contato muito rápido. Foi exatamente o que eu não chorei e engoli. E nisso em uma sessão que eu já chorei, saiu. [O nódulo] foi embora. (...) Eu fiz uma sessão com o J., (...) [E ele pegou em um] ponto [do meu corpo] e eu entrei em contato comigo. Eu me vi lá criança, três anos de idade, num quarto. Porque está no nosso corpo! Tudo o que aconteceu na nossa vida está aqui [no corpo]. (...) S1

O relato de S1 referente aos registros no corpo como uma forma de comunicar algo da história do indivíduo, podemos articular com as reflexões de Porto (2005) a respeito da comunicação. Ao falar sobre os sujeitos vidente e cego, a autora diz que a percepção de mundo não se reduz somente ao visual. Assim, ao experimentarem o mundo “terão a

possibilidade de se conhecerem mutuamente como seres-no-mundo, no qual cada um será um pelo seu corpo que percebe e está no mundo” (PORTO, 2005, p. 42)

Nós somos influenciados e influenciados a todo o momento. Entretanto, há situações em que nos reprimimos, bloqueamos a energia de determinado sentimento. O corpo, então, transforma-se por vezes em uma dificuldade, como o nódulo, a que S1 se referiu. Uma vez que a pessoa e o fonoaudiólogo percebam onde está esse bloqueio e o trazem para a consciência, em um diálogo corporal e verbal, o nódulo isto é, a dificuldade, se desfaz.

Segundo Porto (2005, p. 42), “a comunicação e o diálogo acontecem a partir do momento em que há uma troca de sinais com significados cuja característica é o mostrar algo”.

A respeito, especificadamente, da voz e da fala, há dois depoimentos, o de S4 e de S2 que são esclarecedores:

(...) A voz denuncia um estado corporal, o sentimento, uma sensação, uma atmosfera. (...) Eu dei um exercício que é alongamento mental. Você está de pé, e crescer, trinta centímetros. Você falar se sentindo grande. (...) Se eu me sinto grande, a minha voz vai ser o quê? Grande. Ela vai preencher o espaço. (...) É o alongamento interno, para que eu possa falar, bem. S4

(...) O ceceio: ele vem de onde na história desse sujeito? Significa o quê? Mexe com o quê no corpo físico, mas também na imagem de si, no modo como se relaciona com o outro, no como significa as coisas (ou não), como incomoda a ele e com quem ele convive? Como se implica com outras faces do corpo? Essas coisas são básicas. Porque senão você mexe na musculatura e o ceceio muitas vezes volta, e volta por quê? Volta porque o que o mantém no corpo, não apenas físico, não foi tocado. (...) S2

Nos depoimentos de S4 e S2 podemos perceber a expressão da corporeidade por meio da voz e da fala como movimento na intenção da comunicação. Ainda nesse sentido remetemos ao que afirma Fiche (2004, p. 45):

A voz é considerada um movimento do corpo, na medida em que nasce, vibra, cresce e sai dele. É por intermédio dos movimentos dos músculos, ossos e tecidos corporais que o som é emitido. Além disso, a voz humana é produtos de fatores psicológicos, culturais e sociais relacionados com a história pessoal de cada indivíduo.

Tendo em vista que toda expressão humana envolve o corpo que se comunica em suas dimensões, o profissional deve estar consciente de que, ao cuidar de uma pessoa deverá implicar todas elas para que alcancem o estado de saúde, evitando assim, a recidiva da dificuldade do momento.

Um entrevistado, S3, informa que em seu trabalho aborda dimensões do corpo ao articular voz, respiração e movimentos corporais:

(...) Então eu trabalho com meu paciente assim, de frente pro outro, então eu convido ele a encostar a cabeça aqui, fechar os olhos, se interiorizar, se sentir, respirar, perceber várias coisas; perceber que o ar vai e vem, que o canal que passa o ar está completamente aberto. (...) Eu vou sugerindo a ele; sinta, traga confiança pra dentro dessa sensação. (...)Aí eu começo a trabalhar com sons. Então é um relaxamento completamente diferente. E a gente começa a soltar, aaaôôô. Aí eu começo a analisar com ele os movimentos que a boca dele faz em cada som, mas numa atitude de relaxamento; não é numa conversa. (...) E a gente começa, aaaaaeeeeiiiiiooooouuuuu aaaaaeeeeiiiiiooooouuuuu aaaaaeeeeiiii. (...) Então eu me inspiro muito nesta compreensão da lingüística pra trabalhar com meu paciente. Pra que ele perceba que a fala é um saber que não se sabe. (...) S3

Pela fala desse sujeito podemos considerar que ele contempla a corporeidade do indivíduo, uma vez que ele aciona, como já afirmado, as diversas dimensões do corpo. A fala de S3 relativa à descrição de seu

trabalho possibilita perceber consonância com os princípios da corporeidade, tais como, “sempre ir ao encontro do outro, do mundo e de si mesmo. (...) A presentidade no mundo. (...) A presença concreta da vida, fazendo história e cultura e ao mesmo tempo sendo modificada por essa história e por essa cultura,” como nos ilustra Moreira (2003a , p. 148).

Eixo temático IV: corpo e formação em fonoaudiologia

Na análise dos dados em que priorizamos articular corpo e formação em fonoaudiologia, fomos remetidos à discussão que fizemos na introdução deste trabalho acerca dessa temática e que consideramos como o tema que desencadeou a elaboração de nossa pesquisa, ou seja, os limites percebidos entre as teorias e as atuações ao longo da formação em fonoaudiologia.

Os dados a serem tratados mostram que os quatro sujeitos vêm construindo a concepção de corpo ampliada, na sua atuação no decorrer de suas vidas. Trata-se de abordagem complexa, que percebe o corpo em suas diversas dimensões, e, portanto, de forma contextualizada na relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo, influenciando e sendo influenciado a todo o momento.

A formação é o alicerce da atuação profissional e é importante destacar que ela ultrapassa as fronteiras da graduação, se consolidando na formação continuada, que se concretiza na pós-graduação e em um processo na relação profissional com a pessoa em atendimento.

Esta afirmação está contida no depoimento de S1:

[Eu] fui entrando nessa pesquisa da voz e o corpo inteiro, o tempo inteiro junto (...) Sempre utilizei nas minhas sessões como fonoaudióloga e psicomotricista, massagem. (...) Eu utilizo a questão do corpo, do movimento corporal em si, dos arquétipos⁷ e seus movimentos. (...) Você entrando no corpo, (...) nas imagens arquetípicas, do Jung(...) E trabalho corpo, voz e interpretação. (...) Eu sempre me interessei porque eu sinto em mim, eu tenho [uma] relação com o corpo forte. Isso fica muito claro no meu trabalho. (...) Eu sinto e aprendi muita coisa. (...) S1

O sujeito S1, ao expressar-se, demonstra ir além de uma concepção fragmentada de corpo. Capra (1987, p. 260) considera que “todo e qualquer organismo é uma totalidade integrada e, portanto, um sistema vivo. Bem como que os sistemas não estão limitados a organismos individuais e suas partes.” Do mesmo modo, S2 propõe superar a fragmentação do conhecimento por meio da transdisciplinariedade, como pode ser constatado em seu depoimento a seguir:

(...) Tem a ver com muitas experiências, (...) desde em casa, minha mãe (...) nos levava ao teatro, lia poesia. (...) Isso tudo me fascinava, então eu sempre queria estar entendendo de coisas de vários campos, (...) Eu cheguei a cursar alguns anos de física, e junto com a fonoaudiologia, cursei história, no âmbito da graduação. física eu abandonei, história eu cursei. Eu sempre fiz grupos de estudo, estudo sozinho, (...) muita Filosofia, Mitologia. Fiz formação teórica, não clínica no campo da psicanálise, meu doutorado é nesse campo. Quer dizer eu sempre busquei um diálogo interdisciplinar muito forte e muito intenso e fui pensando isso, não pensava isso quando era aluno de fonoaudiologia. Fui pensando aos poucos que a fonoaudiologia é uma área; lidar com clínica e com linguagem, com questões de comunicação, é uma área necessariamente de fronteira, (...) transdisciplinar.S2

E que daí a gente vai poder trilhar uma clínica peculiar, própria, singular. (...).S2

⁷ Fiche (2004, p. 51) conceitua: “Os arquétipos são gravações da psique, herdadas pelo nosso código genético; sistemas distintos de predisposição a pensar, sentir e agir inerentes a todos os seres humanos. Constituem a base da memória coletiva inconsciente, repetindo-se eternamente, reanimando, assim, a experiência da humanidade.”

A fala do sujeito S2 expressa o processo de sua formação e o reconhecimento da complexidade de uma única profissão para esclarecimento da realidade. Defende a busca de outros conhecimentos de modo a contribuir para a intervenção profissional: *“Uma área [a fonoaudiologia] que precisa de conhecimento que vem de vários lugares e precisa compor com (...) novos conhecimentos (...) que nascem dessas interfaces com campos de estudo sobre o homem, a linguagem, o corpo”* (S2).

Os sujeitos entrevistados declaram que a sua concepção foi sendo construída na continuidade de sua formação no curso de graduação, e que, nesse nível de ensino ainda se encontra presente uma abordagem nos limites da técnica. Capra (1987), ao propor a superação da concepção de Descartes, aponta que sua teoria convida a ir além da técnica e a contemplar um ser humano interativo e social.

Ressaltamos que a abordagem tecnicista não expressa o pensamento do universo pesquisado. Mesmo que tenham avançado em suas concepções de corpo e estando inseridos na academia, os sujeitos desta pesquisa criticam a atual formação acadêmica do fonoaudiólogo, ao falarem sobre suas experiências nesse nível de formação, como pode ser constatado nos depoimentos:

(...) [O] fonoaudiólogo ganharia mais se ele trabalhasse com o corpo não de modo mecânico. (...) mas em muitas dimensões, e não nesta ou naquela apenas. Já foi comum na área, talvez agora menos, por exemplo, você definir quadros de alterações apenas pelos sintomas, como se os sintomas fossem a doença. (...) S2

(...) Eu gostei muito do curso, mas a parte das técnicas me irritava. (...) eu não achava que esse era o único caminho. (...) E aí, entrei lá nas aulas de gagueira e vi que não era como aquela receitinha. De exercícios. (...) O curso parecia que a gente era [alguém] que corrige defeitos. (...) S3

Devemos atentar que esses sujeitos são docentes dos cursos de fonoaudiologia há mais de quinze anos e vêm contribuindo para a integralização dos saberes, pois entendem o ser humano como complexo. Esta situação funcional dos sujeitos aponta a contribuição da academia na produção do conhecimento. Significa, ainda, que um número considerável de pessoas vem tendo a oportunidade de conhecer uma concepção ampliada de corpo, e de atuar de acordo com eles. Esta afirmação poderá ser comprovada com os depoimentos de S2 e S3, que se seguem:

(...) A discussão sobre o lugar do corpo na experiência da linguagem, da aquisição da linguagem, do uso da linguagem; ela devia ser permanente. (...) um espaço de envolvimento, de implicação, de compartilhamento de saberes que o fonoaudiólogo deve colocar à disposição para a elaboração que o paciente faz das suas possibilidades corporais; sejam elas lingüísticas, motoras, psíquicas, sociais, relacionas, enfim. Então, eu acho que a gente tem que fazer as nossas palavras agirem e também a gente tem que afinar os nossos recursos de poder tocar no outro, de massagear o outro, propor exercícios pro outro e fazer isso de maneira contextualizada, fazer isso de maneira a poder transformar isso também num texto que é comentado, discutido. (...) S2

A clínica pede que a gente se reinvente a cada novo paciente, a cada novo desafio. E ela tem que ser flexível pra moldar suas fronteiras e seus limites disciplinares o tempo todo. E eu acho que fui descobrindo isso. Não sei muito bem como começou, aonde, mas eu acho que aí tem a ver com os encontros com as pessoas, com o tipo de hibridação e de transdisciplinariedade que eu fui construindo ao longo desses anos. A [universidade] tem muito a ver com isso, minha grande base de formação se deu aqui, e se dá aqui. Mais outras tantas interlocuções. Na fonoaudiologia e fora dela. Na medicina, na filosofia, na psicologia, na psicanálise, na educação. Eu acho que a verdade não está em lugar nenhum, a gente constrói verdades provisórias e parciais o tempo todo. Então a gente tem que ver aonde estão as coisas que interessam e que fazem funcionar melhor aquilo que a gente faz. (...) S2

Assim eu fui aprendendo um modo de fazer terapia que eu jamais eu tinha visto na sala de aula. (...) Era um trabalho completamente centrado na subjetividade, no

modo lógico de funcionar da cabeça do sujeito. (...) A consciência de si dentro da produção de si como falante. (...) É um processo de auto-reconhecimento de auto-percepção e como é a minha maneira de produzir, de sentir tensões. (...) Eu queria um espaço que me permitisse pensar a relação do sujeito com o outro. (...) Se a relação com o outro é constitutiva de subjetividade. (...) E também, aos poucos eu fui compreendendo que a fonoaudiologia é um conhecimento interdisciplinar. (...) É uma área em que o objeto dela é a linguagem em sofrimento. A linguagem e seus problemas. (...) Somos seres psico-sociais, [logo], não tem como você não aplicar para uma área como a fonoaudiologia, talvez para outras áreas também, a perspectiva psico-social. S3

De acordo com Freitas (1999), o homem é seu corpo, e no movimento intencional de dirigir-se ao mundo, o faz como unidade, e, na ação humana, é o ser que interage como indivíduo, ser único, capaz de testemunhar sua experiência na complexa rede de inter-relações, com base na qual constrói sua vivência singular. As relações dialéticas entre o corpo, a alma e o mundo no qual se manifestam, marcam o ser humano. Essas são relações dialéticas que transformam o corpo humano em uma corporeidade, unidade expressiva da existência.

A corporeidade permite a coexistência do individual e o coletivo e nas relações com o outro e com o universo, o ser humano influencia e é influenciado, existindo em um processo de transformação contínua, de si, do outro e do universo. Para Morais (2005, p. 79), “toda atitude do ser humano é atitude corporal”.

Nessa direção, recorremos ainda a Morin e Lê Moigne (2000) os quais afirmam que os indivíduos produzem a sociedade em e mediante as suas interações, do mesmo modo que a sociedade, como um todo emergente, produz a humanidade desses indivíduos trazendo-lhes a linguagem e a cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – amanhecer, um toldo tecido

Ao percorrer, pela literatura, os fios de sol da história da fonoaudiologia, podemos conhecer e compreender que profissionais dessa área do saber têm buscado re-significar a concepção a respeito do corpo, concebendo-o em sua totalidade. E a fonoaudiologia, que cuida da comunicação de um sujeito complexo, essencial, presente pode compor um arcabouço capaz de contemplar a diversidade de tramas dimensionais do corpo.

Aliás, encantamo-nos ao perceber os fios da trama tecida pela fonoaudiologia, de acordo com os depoimentos dos sujeitos, que realizou uma bela trama com os fios da corporeidade. Alguns profissionais já estão tomando consciência do corpo de um ser humano que existe nas relações que estabelece, que ele é a forma com que estamos presentes no universo.

De acordo com essa compreensão, a fonoaudiologia, que trabalha com comunicação do corpo-sujeito, considera a sua re-significação, entendendo-o como a linguagem da vida real. Deve compreender que o ser humano não está aprisionado, como os animais, nos limites de suas condições naturais. Ele as amplia, variando os pontos de vista, reconhecendo em uma mesma coisa diferentes perspectivas. Em outras palavras, cria cultura, porém, o mundo cultural não se sobrepõe ao mundo natural, mas ambos formam uma unidade

Entendemos que embora a fonoaudiologia ainda permaneceu sob influências do dualismo cartesiano, estabelecendo hierarquias com uma visão fragmentada e desconsiderando as dimensões do corpo, uma nova concepção e atuação vêm sendo consolidadas. Os dados dessa pesquisa comprovam tal afirmação, uma vez que os sujeitos entrevistados afirmaram

suas relações com o corpo em suas dimensões diversas e as consideram também imprescindíveis ao processo terapêutico. O ser humano é uno, e, portanto, para que seja saudável, é preciso lidar com ele de forma a acolher sua objetividade e subjetividade. A linguagem, que era vista apenas como funcionamento psíquico e orgânico, vem sendo percebida como uma construção do sujeito que existe e se constitui em suas relações. A partir do momento em que há uma dificuldade de comunicação a ser superada, ela constitui, se configura com muito sofrimento. Provavelmente, em algum momento, em determinada experiência do ser humano em suas relações, ele ignore certa dimensão constituinte de seu corpo fazendo que se configure em uma dificuldade que proporciona sofrimento e compromete a comunicação dessa pessoa.

Esses dados podem confirmar que o mal-estar emergido no final dos anos 70 do século XX, entre os fonoaudiólogos diante de uma atitude reducionista, atingiu um número cada vez maior de profissionais. Eles têm compreendido que o atendimento só tem sentido com o acolhimento do ser humano em sua totalidade, a qual diz respeito, também, à leitura dos sinais que cada indivíduo transmite, em sua singularidade e pluralidade, mediante concepções e ações cotidianas.

Um fator interessante observado é que, de um lado, os fonoaudiólogos atuam na saúde pública, e este é um espaço de prática interdisciplinar, portanto, que contribui para o avanço das práticas dos profissionais envolvidos. De outro lado, a pesquisa nos mostrou que os sujeitos com concepção de corpo como um todo complexo, não atuam na referida área. Este fato nos leva a afirmar que o avanço de concepção de corpo dos fonoaudiólogos é explicado pela sua presença na academia onde produzem conhecimento, e fazem interlocução com outras áreas do saber.

Essa constatação implica dizer que diversos tecidos estão em diversos cantos, nas mãos de vários tecelões fonoaudiólogos, dispostos a tecer belos toldos para acolher muitos outros seres humanos.

Precisamos então estar atentos para ouvir esses gritos de seres humanos que querem sim compartilhar suas corporeidades e assim existirmos em unidade. Fica aqui um convite a novas escutas por esse universo tão belo e engrandecedor acolhidos por esse toldo composto dentre outros, pela fonoaudiologia e a corporeidade, referindo-se ao ser humano como multidimensional e complexo, abstrato para falar da essência e da existencialidade humanas.

Propomos, então que a fonoaudiologia continue acolhendo fios de sol com a corporeidade, e que esta trama se fortaleça a cada momento em prol da saúde dos corpos de seres humanos em suas relações com o universo.

VIVER, AMAR, VALEU

"Quando a atitude de viver
É uma extensão do coração
É muito mais que um prazer
É toda carga da emoção
Que era um encontro com o sonho
Que só pintava no horizonte
E de repente diz presente
Sorri e beija nossa fronte
E abraça e arrebatava a gente
É bom dizer: viver, valeu!
Ah! Já não é nem mais alegria
Já não é nem felicidade
É tudo aquilo num sol riso
É tudo aquilo que eu preciso
É tudo aquilo paraíso
Não há palavras que explique
É só dizer: viver, valeu!
Ah! Eu ofereço esse momento
Que não tem paga e nem preço
Essa magia eu reconheço
Aqui está a minha sorte
Me descobri tão fraca e forte
Me descobri tão sal e doce
E o que era amargo acabou-se
É bom dizer: viver, valeu
É bem dizer: amar, valeu
Amar, valeu!"
(Gonzaga Jr.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 2003.

BIRKMAN, Malka; CUNHA, Maria Claudia. Internações hospitalares e cirurgias precoces, linguagem e psiquismo: estudo de dois casos. **Pró-Fono R. Atual. Cient.**, Barueri, v. 18, n. 1, p. 79-88, 2006 .

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

BRASIL. Ministério da saúde **Promoção da Saúde**, Brasília, 2001.

BUSS, Paulo Marchiori. Uma introdução ao conceito de promoção da saúde *In*: CZERESNIA, D.; FREITAS C.M. de (org.) **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003, p.29.

CAPRA, Frijof. **O ponto de mutação – a ciência, a sociedade e a cultura**. São Paulo: Cultrix, 1987.

SALFATIS, Daniele Guilhermimo; CUNHA, Maria Cláudia Distonia focal laríngea: investigações no corpo que remetem à mente. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, Barueri (SP), v. 18, n. 2, p. 207-212, maio-ago. 2006.

FICHE, Natália. **Voz em cena**. Rio de Janeiro: Revinter, 2004, v.1.

FIGUEIREDO NETO, Lúcia Elena. **O início da prática fonoaudiológica na cidade de São Paulo: seus determinantes históricos e sociais**. 1998. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo.

FREITAS, Giovanina Gomes de. **O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999. (Coleção Educação Física)

GONÇALVES, Clézio José dos Santos. A corporeidade humana e enação: implicações desta hipótese em educação. **Revista Corpo em Movimento** Canoas, v. 1, n. 1, p. 137-154, out. 2003.

GOULART, Bárbara Niegia Garcia de; CHIARI, Brasília Maria. Avaliação clínica fonoaudiológica, integralidade e humanização: perspectivas gerais e contribuições para reflexão. **Revista da Sociedade Brasileira Fonoaudiologia**. São Paulo, v.12, n.4, p. 335-340 2007.

JOÃO, Renato Bastos; BRITO, Marcelo de. Pensando a corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes** v.18 n.3 p. 263-272 set. 2004.

LACERDA, Cristina Boglia Feitosa de; PANHOCA Ivone; CHUN, Regina Yu Shon. Formação em fonoaudiologia: a constituição de um caminhar. *In*: LACERDA, Cristina Boglia Feitosa de; PANHOCA Ivone; CHUN, Regina Yu Shon.(orgs.) **Tempo de fonoaudiologia**. Taubaté: Cabral Editora Universitária: 1998, p. 9-28.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. **História oral: procedimentos e possibilidades**. São Paulo: CERU/USP, 1995. Mimeografado.

MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARIOTTI, Humberto. **O conhecimento do conhecimento: a filosofia de Baruch de Espinosa e o pensamento complexo**. 2004. Disponível em: <www.geocities.com/pluriversu>. Acesso em: 13 jan 2005.

MELO NETO, João Cabral de. **Os melhores poemas de João Cabral de Melo Neto**. Seleção de Antônio Carlos Secchin. São Paulo: Global, 1989. (Os Melhores Poemas, 17)

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 1999.

-----. Maria Cecília de Souza; HART, Zulmira Maria de Araújo; BUSS, Paulo Marchiori. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 5, n. 1, p. 7-18. 2000.

-----. **O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed.** São Paulo: Hucitec, 2007

MORAIS, Regis João Francisco de. Consciência corporal e dimensionamento do futuro. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI.** Campinas: Papirus, 2005. (Coleção Corpo & Motricidade)

MOREIRA, Wagner Wey. Corporeidade e a busca de novas palavras para o saber: uma das tarefas da educação motora. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE EDUCAÇÃO MOTORA 1; CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO MOTORA 2. **Anais.** Foz do Iguaçu, 1998.

-----. **Corporeidade e formação profissional: da educação física à motricidade humana.** Piracicaba: 2002.

-----. Corporeidade e lazer: a perda do sentimento de culpa. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, 2003b.

-----. Corporeidade é!!!!!!! Croniqueta 27 – produzida na atual forma em 27-01-2003. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Croniquetas: um retrato 3X4.** Piracicaba: Unimep, 2003a p. 148-149.

-----. Wagner Wey. O fenômeno da corporeidade: pensado e corpo vivido. In: DANTAS, E. (org.). **Pensando o corpo e o movimento.** Rio de Janeiro: Shape, 2005, p. 196

-----. PORTO, Eline T.R.; MANESCHY, Pedro Paulo Araújo e SIMÕES, Regina. Corporeidade aprendente: a complexidade do aprender viver. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Século XXI: a era do corpo ativo.** Campinas: Papirus, 2006, p. 139.

-----.; SIMÕES, Regina. Educação física, corporeidade e motricidade: criação de hábitos para a educação e para a pesquisa In: DE MARCO, Ademir (org.). **Educação física: cultura e sociedade.** Campinas: Papirus, 2006, p. 74.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

-----.; LÊ MOIGNE, Jean-Louise. **A inteligência da complexidade.** Tradução de Nurimar Maria Falci. São Paulo: Petrópolis, 2000. (Série Nova Consciência)

-----. Edgar. **O método 1: a natureza da natureza.** 2. ed. Tradução de Ilana Heineberg. Porto Alegre: Sulina, 2005.

-----. Conferência: **Educação na Era Planetária** - Universo do Conhecimento. Disponível em: <<http://www.universodoconhecimento.com.br>> Acesso em: 20 dez 2005a

NEISSER, Vera Lúcia Gaspar. **Relação corpo-linguagem: estudo de caso na clínica fonoaudiológica.** 2003. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (PUC-SP), São Paulo.

NÓBREGA, Teresinha Petrucia da. **Corporeidade e educação física do corpo-objeto ao corpo-sujeito.** Natal: EDUFRN, 2000.

OLIVEIRA, Domingos Sávio de. **Voz em cena.** Rio de Janeiro: Revinter, 2004, v. 1

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

PALLADINO, Ruth Ramalho Ruivo; CUNHA, Maria Claudia; SOUZA, Luiz Augusto de Paula. Problemas de linguagem e alimentação em crianças: co-ocorrências ou coincidências? **Pró-Fono R. Atual. Cient.**, Barueri, v. 19, n. 2, 2007 .

PARISI, Carolina de Oliveira. **O corpo na fonoaudiologia: agenciamento de conceitos.** 2003. Dissertação (Mestrado em Clínica Fonoaudiológica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (PUC-SP), São Paulo.

PASSOS, Maria Conceição. Apresentação. *In*: PASSOS, Maria Conceição. (org.). **Fonoaudiologia: recriando seus sentidos – séries interfaces.** São Paulo: Plexus, 1996, p. 5.

PELIZZOLI, Marcelo Luiz. **Correntes da ética ambiental.** Petrópolis: Vozes, 2007.

PENTEADO, Regina Zanela. **A linguagem no grupo fonoaudiológico: potencial latente para a promoção da saúde**. 2000. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, (USP), São Paulo.

PORTO, Eline. **A corporeidade do cego: novos olhares**. Piracicaba: Editora Unimep/ Memnon, 2005.

QUINTEIRO, Eudósia Acuña. **Manual de terapia corporal como base da estética da voz e fala**. Carapicuíba: Pró-Fono, 2000.

RODRIGUES, Mirian de Castro. **Práticas e representações corporais em Fonoaudiologia**. 1998. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, (PUC-SP), São Paulo.

RODRIGUES, José Carlos. **O corpo na história**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

SANTIN, Silvino. Perspectivas na visão da corporeidade. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papyrus, 2005, p. 52. (Coleção Corpo & Motricidade)

SANTIAGO, Frederico Cunha. **Encenam voz e corpo**. 2001. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, (PUC-SP) São Paulo.

SIMÕES, Regina. Ciência e consciência: tatuagens no corpo idoso. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Corpo Presente**. Campinas: Papyrus, 1995, p. 117.

SOUZA, Luiz Augusto de Paula. **Clínica e linguagem: presságios de um entre os possíveis encontros**. 1991. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, (PUC-SP), São Paulo.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TURATO, Egberto. Ribeiro. Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa – construção teórico- prático-epistemológica – discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2003.

ANEXO 1

Comitê de Ética em Pesquisa



Piracicaba, 17 de fevereiro de 2004.

Para: Profª Regina Yu Shon Chun

De: Coordenação do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP-UNIMEP

Ref.: Aprovação do protocolo de pesquisa nº 92/03 e indicação de formas de acompanhamento do mesmo pelo CEP-UNIMEP

Vimos através desta informar que o Comitê de Ética em Pesquisa da UNIMEP, após análise, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº 92/03, com o título “**Questões de corpo e promoção de saúde na fonoaudiologia: a perspectiva dos profissionais envolvidos**” sob sua responsabilidade.

O CEP-UNIMEP, conforme as resoluções do Conselho Nacional de Saúde é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos promovidas nesta Universidade.

Portanto, conforme a Resolução do CNS 196/96, é atribuição do CEP “acompanhar o desenvolvimento dos projetos através de relatórios anuais dos pesquisadores” (VII.13.d). Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP-UNIMEP um relatório anual de seu projeto, até 30 dias após completar 12 meses de atividade, acompanhado de uma declaração de identidade de conteúdo do mesmo com o relatório encaminhado à agência de fomento correspondente.

Agradecemos a atenção e colocamo-nos à disposição para outros esclarecimentos.

Atenciosamente,

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Gabriele Cornelli', is positioned above the printed name.

Gabriele Cornelli
COORDENADOR

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO À PESQUISA

Eu, _____, autorizo a aluna Kátia Ludovico Martins, de registro acadêmico nº6080881, do curso de Mestrado em Educação Física da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP/SP), responsável pelo desenvolvimento da pesquisa “Corporeidae: uma expressão da comunicação humana como possível vertente da Fonoaudiologia?”, juntamente com a sua orientadora, professora Dra. Eline Tereza Rozante Porto, a incluir-me como sujeito desta pesquisa.

Estou ciente de que esta pesquisa tem o objetivo de conhecer as concepções de corpo na Fonoaudiologia propondo contribuir para a formulação de uma concepção/ prática na Fonoaudiologia que leve em conta a existência do corpo como um ser humano, sujeito inserido em sua realidade social buscando qualidade de vida.

Para coleta de dados serão realizadas entrevistas, utilizando um instrumento de pesquisa – roteiro de entrevista – com questões a serem respondidas por fonoaudiólogos em atuação há mais de dez anos.

Declaro ainda que a aluna pesquisadora informou-me que o meu direito de interromper, a qualquer momento, a minha participação na pesquisa retirando o meu consentimento sem qualquer prejuízo, bem como impedir a utilização do material por mim fornecido, será respeitado neste trabalho científico. Também recebi esclarecimentos sobre a maneira como acontecerá a pesquisa, tendo a pesquisadora me garantido que concederá outras informações que eu desejar em qualquer etapa desta pesquisa.

Além disso, me foi garantido que minha identidade será mantida em sigilo, que a minha participação não me trará danos e nem envolve qualquer custo financeiro para mim, mas caso ocorra deverá ser ressarcido em moeda corrente imediatamente pela pesquisadora; e que todas as fases da pesquisa serão acompanhadas e/ou realizadas pela aluna pesquisadora e sua orientadora.

Autorizo a aluna pesquisadora e sua orientadora a utilizarem os dados por mim fornecidos para fins desta pesquisa, para dissertação de mestrado e publicação de seu resultado em livros, revistas, palestras e aulas.

Piracicaba - São Paulo, de de 2007.

Participante

ANEXO 3

TERMO DE COMPROMISSO

Nós, Kátia Ludovico Martins[aluna pesquisadora] e Dra Eline Tereza Rozante Porto[professora orientadora], comprometemos-nos a utilizar as informações obtidas nesta pesquisa obedecendo ao conteúdo deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Garantimos que os resultados sejam apresentados aos(às) participantes que manifestarem interesse, na forma de entrega de cópia de artigo científico

Data: de de 2007.

Professora Orientadora

Aluna Pesquisadora

Qualquer dúvida quanto ao compromisso ético desta pesquisa, você poderá consultar:

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA[CEP] DA UNIMEP:

Rodovia do Açúcar, Km 156,
Piracicaba – São Paulo, CEP 13400-911
Telefone: (19) 3124 1652
E-mail: cep@unimep.br

Colocamo-nos à disposição para quaisquer outros esclarecimentos.
Muito obrigada por sua colaboração!

Kátia Ludovico Martins

(19) 3411 8710 ou 96088004
martinskl@terra.com.br

ANEXO 4

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

- a) Conte um pouco sobre o seu trabalho (atuação) na fonoaudiologia.
- b) Fale sobre trabalho corporal e fonoaudiologia.
- c) Você considera que o fonoaudiólogo deva atuar com o corpo?
- d) Como você entende que deva ser esse trabalho corporal?
- e) O que contribuiu para que você tivesse esse tipo de concepção no seu trabalho?
- f) Para você, qual a repercussão do trabalho com o corpo no acompanhamento fonoaudiológico que você desenvolve?

Questões eliminadas:

- g) Como você considera que as atuais grades curriculares de graduação têm trabalhado a questão corpo- fonoaudiologia?
- h) Qual a relação que você faz entre trabalho corporal e promoção da saúde?

ENTREVISTAS

S1, entrevista realizada em seu consultório, Rio de Janeiro, RJ, no dia 23 de março de 2004 às 15:00 horas.

Bom, eu como fonoaudióloga, no segundo ano de faculdade, comecei a ficar meio enjoada. [Falei] não é isso que eu quero! E eu fiz um nódulo nas minas pregas vocais; isso em 1986. Eu fui fazer um trabalho com a R. G. Não sei se você conhece. Que na época era professora, dava aula no IBMR. Eu me formei no IBMR. E tinha a equipe dela.

Kátia: Aqui?

S1: Aqui no Rio. É lá na praia de Botafogo.

Kátia: O que é ibmr?

S1: Instituto Brasileiro de Medicina e Reabilitação. Na época eles tinham só Fonoaudiologia e Ortopedia. Hoje em dia eles têm Fisioterapia, tem pós-graduação em Psicomotricidade. Psicomotricidade na graduação, Psicologia, pós-graduação em Psicologia, Fisioterapia; eles ampliaram bem. Bom, aí em 1986 como eu tive esse nódulo, eu fui fazer esse trabalho com a R. G.. E na época, eles estavam envolvidos com Reich. Tinha um grupo fazendo, e todos eles estavam fazendo terapia reichiana e formação reichiana. [...]Muitas coisas aconteceram, mas o meu tratamento com ela inclusive, foi bem um enfoque de um movimento, de uma terapia reichiana, que na época ela estava fazendo.

Kátia: Ela é fonoaudióloga?

S1: Ela é fonoaudióloga, mas na época ela estava fazendo formação Reich. E, eu me lembro foi muito rápido a sessão porque eu entrei em contato. Foi exatamente o que eu não chorei e engoli. E nisso em uma sessão que eu já chorei, saiu. Foi embora. E aí eu continuei, aí eu fui trabalhar com ela. Então já se estabeleceu esse vínculo desde aquela época, e eu quando comecei a trabalhar com na equipe dela, tinha essa visão mais na psicomotricidade, tinha esse olhar mais no ser como um todo. Ela já tinha esse trabalho estruturado muitos anos, já se falava em *gestalt*, tal. E em 1986 também, eu conheci um trabalho de música orgânica, e trabalhei com o R.O, ele até lançou esse livro, que é Música Saúde e Magia.

Kátia: ele é o livro que você...

S1: Que eu indico? É. Eu indico esse.

Kátia: na bibliografia

S1: Música Saúde e Magia. Ele é músico, mas tinha todo um trabalho de ritmo, porque ele trabalha com os cantos das vogais, com os pés no chão, sabe? Essa coisa do ritmo mesmo. Porque eu acho que isso que é saúde total. Trabalhar com o pulso, as vogais, o som. Então eu já fui entrando nessa área, nessa pesquisa da voz e o corpo inteiro, o tempo inteiro junto. Porque com ele, eu já fazia ioga, nessa época eu fiquei vegetariana, então eu sempre tive uma disponibilidade. Eu fiz vários cursos de massagem. Sempre utilizei nas minhas sessões como fonoaudióloga e psicomotricista massagem. De trabalhar massagem, com criança com atraso de linguagem, com hiperatividade. Alguns cursos (pensa). Em 1997 foi que eu reencontrei com a S. P. Essa questão da Vozterapia. E eu trabalho diferente porque na verdade, eu não entro na terapia em si. Eu utilizo questão do corpo, do movimento corporal em si. Por exemplo, dos arquétipos e seus movimentos. Se eu vou fazer o som do neném, pra buscar o som do neném (demonstra como faz, emitindo o som). Você entrando no corpo, nas imagens arquetípicas, do Jung. Eu hoje em dia estou estudando o Jung pra poder até me aprofundar um pouquinho mais. Eu faço parte de uma grupo de estudos de junguianos, pessoas são formadas. Assim, eu acho que eles sabem muito mais. Em 1995 eu comecei na CAL[Centro de Artes Laranjeira]. E conheci a M., a J.de preparação vocal. E preparação vocal de ator quando você entra em interpretação vocal para ator, eu não vejo outra maneira se eu não começar por um trabalho corporal. Porque? Porque eu acho que o corpo, se eu solto o corpo, se eu vou fazer um trabalho com ator, ou mesmo com os meus clientes também, eu parto sempre da premissa corporal. De fazer um exercício de fazer uma massagem, ou de se soltar. Essa bola que eu tenho, pra soltar, tentar soltar o corpo para poder conectar com a pessoas, com você mesmo. Fica tão cheio de couraça, de dureza, que quando você se abre, abre o todo também. Abre pro contato. Então isso na escola de teatro, às vezes eu faço dinâmica corporal mesmo. Assim de correr, rolar... Eu também tive experiência com professores de teatro. Eu conheci o C., ele fez um workshop. E trabalho com a D. T. que é professora da universidade, de corpo, e aí a gente faz um trabalho junto: Corpo voz e interpretação. Aí vendo a história de Laban e Grotovsky. Grotovsky que fala das caixas e

ressonância e utiliza as caixas de ressonância quando fala. Então, por exemplo, às vezes eu trabalho com essa coisa de ta trabalhando com o impulso, e perceber que a voz sai daqui mesmo (aponta para a pélvis). Quando você percebe, quando você faz o impulso, ou se você pega, você relaciona com o espaço, e faz /i//i//i/ com a intenção e eu tiro a voz daqui(pélvis). Quer dizer, na verdade, é como se fosse a mesma coisa; é diferente, entre aspas. Porque a G. fala dessa história do corpo, da voz que sai do corpo, de você perceber que em alguns momentos você sente. E o que você sente? De onde que você sente? E você realmente percebe a voz saído desses outros lugares. Então as coisas vão se juntando. E cada profissional que eu conheço, essa busca... Quando fala: alguma coisa de corpo e voz, eu vou. Eu sempre me interessei, justamente porque eu sinto em mim muita, eu tenho essa relação com o corpo forte também. Eu acho que isso fica muito claro no meu trabalho. Hoje em dia eu vejo assim, tem M., a R., a G. que nesses últimos anos eu tive mais acesso a ela. Porque antes a G., eu ficava naquela sensação de não vou ter perto. Eu sinto e aprendi muita coisa com a M. do método da G. com o D. E aí hoje em dia eu fico vendo eu tendo alunos que já tiveram muitas aulas com a R., Eu fico vendo quando eles passam, o que eles aprenderam? Primeiro dia de aula, depois de dois anos com a R.. Aí eu vejo nitidamente a diferença. Ambas têm a mesma formação, e ambas passam o que a G. Cada cada um vai estar descobrindo o método e vai passar de uma maneira diferente. E isso é muito interessante. Porque é realmente deferente.

Uma é poética, a outra é diferente na maneira de ...Na relação a voz, com o espaço, com o corpo do Método do Espaço-Direcional. E eu, venho aí com o espaço-direcional de uma maneira diferente também. Assim, acho que hoje, eu já absorvi muito mais, até porque eu já tive contato direto com a G.. Um monte de coisas caiu a ficha. Que eu não conseguia entender. Entendi. Aí sim eu acho que ficou muito mais pra criatividade em cima do método. O que mais?(pensa) Eu acho que esse trabalho do R.O. Aqui eu tenho um ponto forte que marcou pra mim, dessa experiência com o eu, comigo, com a sensação do corpo. Porque essa história do grupo, do coletivo, da respiração. A base é na respiração. Eu vejo esse trabalho que eu fiz de Vozterapia, é tudo questão da respiração. Eu só vou conseguir fazer um som (emite), se eu entrar no urso, do som, se eu tiver interagindo com o outro. Quando você interage com o outro, entra na coisa mesmo e o som sai. E isso abre realmente a extensão vocal. A minha extensão vocal depois que eu fiz esse trabalho (sinaliza que ampliou), abriu, é completamente diferente. Muito mais do que com ele. Porque? Esse trabalho de uma certa maneira, com o R., ele trabalha muito com como eu falo no (refere-se ao livro Voz em Cena) no som da flauta, que ele entra mais nas melodias, (emite). Busca o som mais daqui. Abre, afina, abre o ouvido. Abre pra sensação do corpo que você vai estar ouvendo, ouvindo, sentindo, percebendo, o coração pulsa porque você sente o seu corpo, aí a voz sai, você perde, você num vai ficar pensando. Então assim, e várias e várias oficinas tinha depoimentos das pessoas que nunca tinham cantado e que na hora, quando você deixa, você não está pensando, ou você está solta, embalada pelo grupo, respirando e deixando o som sair. Ou seja, corporalmente, você desfez as couraças. Corporalmente você pode relaxar de uma certa maneira, e aí a voz sai! Sai da mente. Não fica pensando 'tem que fazer, ou não sei fazer, não sei cantar'. Depois quando eu conheci esse trabalho fiquei voltada pra essa pesquisa um pouco, mais.

E assim, hoje em dia eu já uno um pouquinho isso com o trabalho da G. no sentido do teatro em si. É como se eu usasse ainda isso daí. Esse trabalho de Vozterapia ainda estou pesquisando. O que eu já pesquisei em mim, que eu sei, que eu sinto em mim, que eu tenho a técnica. Eu estava até falando com a S. 'É, eu tenho que já pode até ter trabalhado e estar trabalhando com ela, como assistente dela já se intuindo, e entrando mais nas intuições e trabalhando mais em termos da terapia em si. Eu como fonoaudióloga, também eu acho que fico muito mais na técnica da Vozterapia. Eu não posso e não vou fazer nunca de mandar a pessoa fazer som se eu não estiver vendo o que está fazendo. Porque eu não quero que vai sair dali cheio de dor, ou que possa causar alguma coisa. Então, ainda, num processo de técnica, eu utilizo. E como personagens, os alunos... Engraçado que eu fico tendo o retorno deles. 'Ah! Aquele exercício do urso eu uso até hoje como meu aquecimento' (refere-se aos alunos). Acho que é por aí! Por enquanto. Lógico que eu ainda vou aprofundar muito mais, pra poder estar percebendo. Mas aí, depende de eu ter disponibilidade. De eu estar mais aberta intuitivamente, pra poder estar fazendo esse tipo de trabalho. Como ainda não posso! Acho que eu tenho que entrar mais, estar estudando mais Jung pra poder mexer. [...] A gente vai descobrindo outras formas, vai pesquisando outras coisas. Eu acho que esse trabalho com essas professoras de Grotvsky e Laban. Aí começa a ver sintonia da relação das coisas. Porque o corpo... Quando eu assisto hoje em dia uma apresentação dos alunos de interpretação, eu olho o professor e digo 'Olha lá, não saiu.' Porque realmente, não é todo fonoaudiólogo que tem esse olhar. Eu vejo quando sai a voz daqui (aponta para a pélvis), quando ele realmente está pensando no impulso, e de onde está saindo a voz. Vem do impulso quando ele tem a intenção do impulso. Ou quando ele está fazendo assim (movimenta para a frente e á direita a pélvis), e a voz ta saindo daqui (aponta para a esquerda na altura do ombro). Essa é a grande diferença, perceber que quando tem o impulso do corpo, ou seja, quando você percebe que tem um movimento, e nesse momento você está percebendo. A G. pode falar de um outro jeito. Mas também ela fala de você estar no palco e sentir que a voz sai daqui (pélvis). E sai. Porque a gente sabe que a voz sai daqui (aponta para o pescoço). Você tem a intenção. É uma imagem talvez.

Kátia: Tem a questão da vibração também, não é?

S1: Vibração?

Kátia: É. Por que a voz sai daqui, ou daqui?

S1: Não, porque a vibração mesmo é aqui das pregas vocais.

Kátia: É. Mas em termos de...vibra prega vocal... Como você está falando. Como que ela vai sair daqui?

S1: Realmente, é uma coisa, é uma imagem. Mas que você tira a intenção. (risos) Às vezes a gente fala assim: Você está com o dedinho aqui ó (à frente) por quê? Você vai colocar em vez de você pensar na sua voz que está lá. Se você pensa que a voz.... você tira o foco. Eu acho que muda o foco. Se eu mudo o foco pra cá, eu falo pra cá, mas eu estou sentindo minha voz no dedo. Tem sim. Você sente energia aqui! Tem uma questão de vibração, de energia, se é que eu posso usar essa palavra. Eu sinto que tem! Agora ressonância é clara. Os ressonadores. Quando eu faço (emite), eu fui lá pra cima. E quando eu vou sentindo (emite). E aí você tira daqui (aponta para estômago). Aí vem algo de abrir a boca. Você precisa estar mexendo com o corpo. Eu não vou conseguir nunca esse (emite o som) se ficar com essa boca (mais fechada). Eu acho que é a disponibilidade do corpo mesmo. Eu não consigo ver. Como que é difícil. Eu tenho clientes, às vezes, que não tem jeito! Tem uma coisa aqui (aponta região dos ombros), aquela tensão que a pessoa vai carregando. Como é que eu vou fazer? Não adianta! Trabalho um pouco. Relaxa. Daí na outra semana volta aquilo tudo aqui. Você tem o que fazer. Ai peço para fazer tai-chi ou ioga. Coisas que possa ajudar, porque vem uma vez na semana. Chega com a voz ruim, sai com a voz boa, mas não consegue manter durante a semana. O diálogo fica na ansiedade e fala, fala, fala; sem respirar. Aí não tem contato com o corpo. Você quando está em contato com seu corpo fica em contato com o todo! E com a voz, que é o nosso fruto de observação. A gente está falando com o fonoaudiólogo que trabalha com a voz. Talvez tenha que pensar que têm fonoaudiólogos que foram abrindo os campos. Tem fonoaudiólogos que passaram essa parte aí e já foram para Alexander, RPG, trabalham com... Eu inclusive tenho uma fonoaudióloga, a S. acabou largando a fonoaudiologia, agora está retornando. Ela faz massagem, a Rhashyatsu. Que é uma massagem que ela aprendeu na Itália, maravilhosa, uma massagem toda de alongamento. e vai ser ótimo porque ela vai poder utilizar isso. Faz massagem nesse cara, depois volta pra trabalhar o que tem que ser falado(?) né? Eu às vezes utilizo a massagem na própria aula mesmo. Mas aí eu não vou bota deitado, fazer shiatsu, porque tem que tá ligado. Mas aí eu faço massagem, um auto-shiatsu sabe? Sempre faço um trabalho de alongamento. De peso contra peso. Quis durante um tempo, contar com a improvisação(?) do Fernando Nero, que é um dançarino que faz justamente essas coisas de peso. Do corpo do outro ajudar. Porque aí eu entro na dinâmica pra ajudar nas minhas aulas. E aí é essa coisa de alongar. Dez minutos eu consigo que o cara... ' E aí ? Como é que vocês estão? Você olha pra cara de todo mundo, ta todo mundo com o olho brilhando e o olho diferente. Dez minutos de alongamento. Mas aquele alongamento assim, às vezes não adianta. O cara ta tão duro! Você olha pra ele... Você se alonga. Eu faço às vezes na? Porque nem sempre eu posso dispor de um tempo pra poder fazer isso. Ai, às vezes eu passo esse alongamento base. Eu me alongo! Mas eu vejo fazem daquele jeito assim; às vezes ainda fazem conversando. Mas aí quando ce entra com peso contrapeso, um alongamento de dupla, dinâmico. Parece que eles acentaram sabe? Ta todo mundo prontinho. Tava lá 'Ih... Não sei o que.' Aquela coisa assim. Não. Vamos lá. Quinze minutos ali. Alonga, estica, puxa. Faço uma massagem mais dinâmica sabe? De dupla. Porque aí um vai em cima do outro, alonga, faz um pouquinho, depois vai pro chão. Puxa de cá, puxa de lá. Faz uma massagem aqui, uma massagem ali, puxa aqui.(risos) 'Agora levanta' E aí já puxo pra levantar pra gente entra na dinâmica do teatro. Temos que ver, enxergar, olhar. Ver, enxergar, escutar, ligadão. (risos) Não pode relaxar. Relaxa um pouquinho, logo já puxa pra cima.

Kátia: Você trabalha só com esse pessoal do teatro? Como é que você ta? Por exemplo, você ta com consultório? Como é que é o seu trabalho?

S1: Meu trabalho, eu dou aula na UNI-RIO duas vezes na semana.

Kátia: Na UNI-RIO ce dá que disciplina?

S1: Dou aula de Técnica e Expressão Vocal. E to dando(apagou) justamente pra podê trabalhá com a Denise Teles, que é de Eco(?) II e Interpretação II, que é (?) Grotovsky. Então eu to com esta pesquisa na UNI-RIO. A gente tá trabalhando com corpo e interpretação, mas interpretação Grotovsky, que tem a coisa de desconstruir um pouco toda essa questão de entrar nas partituras corporais, vocal né? De uma maneira diferente, assim, é um aprendizado diferente no sentido posterior, porque aí vem Stanislav, que aí já é Interpretação III, que aí já eles já vão ter uma coisa de energia do Stanislav. E também a gente trabalha, e tem umas pesquisas de Stanislav também que fala das caixas de ressonâncias, né? A Tatiana (?) a gente também estuda um pouco dessa questão do Stanislav. Na CAL(Centro de Artes de Laranjeiras), eu dou aula, cada semestre é uma coisa porque eu não tenho fixo assim. Esse semestre eu to dando pra pré, que são os que iniciam, to dando pra REG I, to dando pra REG IV, que é o final. Aí por exemplo, REG IV, eu já posso entrar um pouco com, eu já entro com a pesquisa dos timbres, já entro porque aí eles já estão um pouco mais sabendo trabalhar com a voz. Então eu posso entrar um pouco mais. Se bem que REG II também já trabalho quando é montagem porque eles podem utiliza os sons que têm, da bruxa. Principalmente ligado à montagem tem que ver, qual é a montagem que ele quer. Às vezes aquela pessoa que tem a voz muito aguda, aí eu utilizo sabe? Ce pode utiliza de alguns exercícios desse trabalho de Vozterapia pra colocar a voz mais... Além de sentir o calcanhar, além de trabalhar com (emite). Mas pode pesquisar nas outras coisas. Que é um instrumento de pesquisa mesmo. Voz é uma coisa infundável. Tanta coisa que tem aí pra aprender né? Ce vê aí tanta coisa. Por exemplo, Madalena Bernardes. Ce conheceu em São Paulo? Vale a pena ce conhecer. Muito interessante o trabalho dela. Ela trabalhava, trabalhava, não sei, tem muito tempo que eu a conheci.

Kátia: É São Paulo mesmo?

S1: É. São Paulo mesmo. Madalena Bernardes. E ela trabalha, tem um pouco a visão do Miguel Snik(?) sabe? Eu tava falando da massagem. Então, a massagem, eu trabalho hoje como? A nível de desbloquear, basicamente, o que? Eu trabalho aqui (mostra) essa região de pescoço, chegando até aqui. A gente sabe que tem inserção do diafragma na décima, décima segunda lombar. Então, essa própria musculatura de tensão que fica aqui, ela vai ta diretamente ligada na respiração. Se eu trabalho, básico que seja esta parte aqui de manipulação... Hoje em dia, nos meus clientes, eu não dou uma massaaagem inteira, porque eu não quero que eles fiquem na coisa plácida, na prostidão de táá relaxado. Tem até cliente que eu falo, to precisando dá uma massagem inteira em você, então vamos fazer uma sessão maior porque não ta adiantando sabe? Ela precisa te uma sensação de inteireza do corpo inteiro, pra poder fica num estado de sensação corporal, que a massagem dá. Uma massagem bem feita, dá uma sensação de êxtase! Eu, várias vezes quando recebi massagem falei ' Gente! Realmente to no paraíso! Pra mim se você pergunta 'o que que você gosta mais na vida?' Pra mim a melhor coisa na vida é uma boa massagem. Eu gosto de massagem mais do que viajar sabe? Adoro viajar! Mas eu prefiro uma massagem. Tipo assim, 'Você prefere comer ou receber uma massagem?' Eu prefiro receber uma massagem e ficar sem comer. Um dia. (risos) Mas é porque essa coisa a massagem dá. Uma boa massagem...

Kátia: É um alimento.

S1: Nossa! É um alimento! Você sente aqui, vibrar, a energia do corpo inteiro pulsar. Uma boa massagem você sente o pulso, você sente a respiração, você sente vida. Entendeu? Então às vezes a pessoa ta tão bloqueada, tão fechada, ou às vezes nem ta em contato, nem sabe que ta tão fechada, que uma massagem pode fazer assim (estala os dedos). Agora, lógico, tem pessoas que às vezes ta tão bloqueadas que você não vai pode mexer. Porque aí os reichianos é que sabem. Eu não mete a mão ali... Eu mesma já fiz uma sessão com um cara, o Jorge, ele é um argentino, mora em Nova Iorque, e ele dá formação aqui. Reichiano. Ele vem uma vez no Brasil. Pra você ter noção a sessão é U\$90. Eu fiz uma sessão com ele, o cara pegou aqui ó, ou aqui atrás, foi direto no ponto. No ponto ali comigo, no ponto! Que naquele ponto eu entrei em contato comigo. Eu me vi lá criança, três anos de idade, num quarto, num sei quê. Sabe como? Porque está no nosso corpo! Está aqui ó. (mostra o corpo). Tudo o que aconteceu na nossa vida Está aqui. Isso não tem como, está aí no corpo. A gente vê na leitura corporal, quando você faz, quando vê como é que essa pessoa vai ficando carregada, ali tudo mais. Está no corpo. Ou então que está aqui, mas ele está todo dura aqui. Está no corpo. Então, às vezes você também corre o risco. Não é todo mundo que você vai poder fica... Uma massagem superficial no sentido de dá uma sensação corporal, de dá um relaxamento. De desbloquear um pouquinho os carcos. Principalmente nessa região que a gente segura mesmo. E se puder pelo menos da uma no corpo inteiro, fazer, trazer pro chão, você vai ta, opa! 'Tô diferente.' Isso já vai traze uma respiração melhor. Ali naquele momento uma sensação de prazer, uma sensação de vida, de pulsar, de vibração, de energia pelo corpo inteiro. Eu acho que isso muda a relação com tudo. Porque se você se sente, se eu percebo, se eu sinto; a minha relação com o outro já vai ser diferente, porque eu me sinto, então eu vou me desidentificar muito mais das questões de fora, das questões do outro, vão interferir menos no eu, porque eu existo. Eu e você é porque eu me sinto. Se eu tiver tão misturada nas minhas coisas, nas minhas inseguranças, não respirando, que a base pra mim de todo trabalho corporal é a respiração. Porque uma boa massagem vai te ajudar respirar, se vai te ajudar a respirar vai te ajudar a ser você, estar mais em contato com você. E logicamente você vai estar muito mais disponível na relação pra troca com o outro, realmente trocar. O outro vai ver, enxergar, ouvir muito melhor.

Kátia: E aí o reflexo disso na fonoaudiologia, qual a relação que ce faz?

S1: Você vai ta muito mais disponível, mais desperta pra poder ta vendo o outro. Não pra trabalhar em cima do sintoma. Mas poder ta olhando o outro no todo. No contexto dali, da gestalt dele.

Kátia: Que relação que você faz da fonoaudiologia e promoção de saúde?

S1: Eu acho que é isso que eu acabei de te fala. Porque se você... A saúde ta ligada à vida, à qualidade de vida. Se a fonoaudiologia, ela pode ajudar na qualidade de vida da pessoa, do ser humano, ela vai está atuando na área da Saúde, diretamente. Eu acho que a fonoaudiologia é incrível! Eu adoraria ter tempo sabe? Eu adoraria hoje em dia eu fico pensando 'Ah! Meu Deus!' Eu já trabalhei muito tempo dentro da linha do desenvolvimento com a Psicomotricidade, eu trabalhava só com criança, antes de eu entrar pro teatro. Eu, inclusive naquela época eu já tava achando 'Bom, como psicomotora, trabalhando com criança na linha de desenvolvimento da Neuropsicologia? Vygotsky, Luria? Maravilhoso esse trabalho. Esse trabalho. Desenvolvimento. Aquela arte(?) ver a idade. Era assim; eu adorava! Fazendo aquelas avaliações, ver a criança, chega pra você com problema de troca. Às vezes você nem vai mexer com aquela troca dela, você vai trabalhar com o que? Você faz uma avaliação e vai ver onde é que a criança ta precisando. Aí você vai trabalhar com a forma; a Psicomotricidade. Que é uma delícia! Mas, a vida me levou pra focar na voz. E não tem como, não dá conta! Hoje em dia tem gente que me pergunta assim ' Você trabalha com criança?' Trabalho. Se começar a vim criança de novo, lá vou eu correr pra poder voltar todo o meu estudo de Vygotsky, de Luria, de desenvolvimento, dentro da Psiconeurolingüística. Que o trabalho é maravilhoso. Guardei ali, ta ali. Estou atualmente sem criança, a gente pára. Hoje em dia se eu for fazer um curso em um congresso eu vou pra voz, porque é o universo que eu estou estudando.

Kátia: Mas você acha que é possível fazer esse trabalho com criança? Também? Assim o que você faz hoje?

S1: De voz? Com certeza. Hoje se vier criança pra mim eu vou trabalhar isso. Hoje em dia, por exemplo, eu fico pensando quando eu peguei criança, muito tempo atrás, que eu peguei criança com disфонia, era novo pra mim aquela coisa. Hoje eu vou trabalhar muito melhor! Eu utilizaria, com certeza essas coisas mais, acho que teria mais idéias (risos), mais disponibilidade. Também já to trabalhando com essa coisa lúdica de uma maneira cognitiva com os adultos, e isso indo pra criança.

S2, entrevista realizada na universidade em que é docente, São Paulo, SP, no dia 14 de abril de 2004 às 14:00 horas.

S2: Bom, eu me formei em Fonoaudiologia aqui na PUC de São Paulo em mil novecentos e oitenta e cinco. Então há dezoito, dezenove anos quase. E logo na seqüência, há um ano depois eu entrei no mestrado aqui mesmo. Fiz mestrado em Fonoaudiologia; que na época chamava Distúrbios da Comunicação, no Programa de Mestrado, na área de Linguagem propriamente. E depois, alguns anos depois eu fiz doutorado. Me doutorei em noventa e sete, em Psicologia Clínica. Sou professor da PUC desde mil novecentos e oitenta e sete na graduação, depois na especialização quando a gente abriu. Depois que eu me doutorei também no Pós graduação stricto sensu. Além disso, dei aula na UNESP de Marília na época da implantação do curso; trabalhei lá um tempo. E, enfim, é isso. Sou professor convidado da UEL, da Universidade Estadual de Londrina; no Mestrado de Saúde Coletiva da Medicina. E além disso dou aula em algumas especializações como professor convidado. Em linhas gerais, de formação é isso.

Kátia: e a atuação clínica? Ou você está só na universidade?

S2: Não. Eu tenho consultório particular.

Kátia: como é? Conta pra mim como que é sua atuação clínica.

S2: A minha área de atuação é Linguagem. Eu trabalho na clínica não especificamente com determinadas patologias. Meu corte, minha perspectiva não é trabalhar a partir de patologia.

Kátia: como é que é?

S2: Eu atendo distúrbios de linguagem, em geral, na clínica. Embora eu tenha uma demanda pelas minhas interações e pelos meus trabalhos com o pessoal da Psicologia, da Psiquiatria e tal, eu tenha uma demanda grande no consultório de distúrbios psíquicos, não é? Neurológicos, psiquiátricos, no campo do espectro autístico. É uma demanda grande desse tipo de paciente. Mas também atuo com pacientes com atraso de Linguagem, tenho pacientes com gagueira. Não tem um trabalho com patologias específicas na verdade. Embora cabe, pelo tipo de inserção e de percurso, tende uma demanda maior de distúrbios psíquicos e psiquiátricos, neurológicos.

Kátia: daí, clínica e aqui, universidade?

S2: Clínica e universidade.

Kátia: bom, não sei se você lembra do que eu tinha te colocado do meu trabalho?

Kátia: então, eu estou verificando concepções e práticas corporais na Fonoaudiologia. Então o cerne do meu trabalho tem sido esse. Fala pra mim um pouco da relação trabalho corporal e a Fonoaudiologia. Como você vê isso daí, trabalha?

S2: Bom, essa pergunta é genérica. Acho que primeiro seria bom falar um pouco do que eu considero, do que eu chamo de corpo, por onde eu entendo corpo, bem rapidamente. Pra mim corpo, quando se fala em corpo a gente está falando em processos complexos, que implicam, que contêm dimensões, várias dimensões. Dimensões naturais ou físicas; dimensões relacionais ou afetivas. E aí afetivas não no sentido de sentimentos, mas afetivas no sentido de uma capacidade dos corpos vivos de se afetarem. Então afeto no sentido de capacidade de afetar e ser afetado por outros corpos. E a gente tem também dimensões simbólicas e lingüísticas, não é? Quer dizer que são modos de significar, de pensar ou de imaginar, ou mesmo de delirar, de sair do literal o corpo. Enfim, essas outras dimensões compõem esse universo complexo que conforma o corpo. Então quando eu falo de prática corporal eu não estou falando necessariamente de manejo físico só. Embora o manejo físico; articulatório, muscular, postural, respiratório faça parte de uma abordagem ao corpo. Eu costume brincar quando eu dou supervisão na graduação por exemplo, e dizer assim: quando a gente está trabalhando com o corpo, mesmo quando você está fazendo uma manobra física, é legal que você peça pras pessoas sentirem, e depois conversarem sobre o que sentiram e ao que relacionam, que imagens, que sensações, que afetos, que são atualizados, por exemplo, por um movimento físico? Num exercício de respiração, num relaxamento, ou mesmo num exercício motor oral? Porque isso ativa dimensões do corpo, ou seja, faz com que a gente pense o corpo, ou sinta o corpo para além da sensação estritamente física. Então não basta apenas esse exercício físico estar sendo executado de maneira adequada, mas ao que ele está se

ligando no momento em que ele é feito. Ou seja, que outras dimensões do corpo ele põe em movimento? Então, ao fazer aquilo, o que o cara sente? Como ele se sente? O que ele pensa daquilo que ele faz? Como ele se vê, fazendo o exercício? Uns exemplos caricatos: O cara fala assim, Ah, eu me sinto meio infantil fazendo tal coisa. Isso fala de um modo como ele lida com o corpo, e com as dimensões do corpo, porque essas dimensões se atualizam, por exemplo, numa ação de fazer um exercício físico. Do outro lado, a mesma coisa, quando do contrário, estamos conversando sobre uma lembrança dele, sobre um sonho, sobre uma história que ele está contando, sobre uma marca psíquica, não é? De falar assim: Quando eu era pequeno minha mãe me falou tal coisa e isso retorna, eu acho que tem a ver com o meu problema. E aí tentar ver o que essas coisas que ele vê, ou que ele lembra, se ele por exemplo, relaciona com coisas que acontece no corpo físico. Então como que esse sintoma muscular e tal, se liga a essa lembrança. E se liga de muitos modos, desde de coisas que fala assim: "Ah, isso tem a ver, sei lá, com o fato de eu travar a mandíbula quando eu durmo. Então de ter uma dor aqui, acho que isso tem a ver com a minha tensão, ou com a minha insegurança." A gente quando está falando disso, manejando isso na clínica, que não é só falar sobre, mas é intervir a partir daí, quer dizer, fazer ligações, produzir discursos; produzir formas, interpreta mesmos. Então, na verdade é uma produção de sentidos em torno dos sintomas e do tratamento que implicam, que envolvem dimensões do corpo; dimensões físicas, psíquicas, lingüísticas, afetiva assim por diante. Então é nessa direção que eu tenho pensado corpo. Quando eu falo de corpo eu estou falando desse complexo de coisas, não só de uma face, mas dessas múltiplas faces. E fico caçando inclusive nas minhas pesquisas os modos de articular de mostrar como que essas coisas são articulações, como essas coisas se imbricam de fato. Elas não são apenas uma roupinha, ou uma articulação metafórica, eu não estou falando de metáforas. Eu não estou fazendo metáfora do corpo quando eu falo do corpo como um símbolo. Eu estou falando de que isso é empírico. É assim que o corpo funciona. O corpo humano funciona. Uma palavra, um enunciado é uma ação, ou pode ser uma ação tanto quanto uma ação física do braço, da cabeça. Um suspiro, ele é uma ação afetiva tanto quanto uma ação respiratória. São ações corporais em dimensões diferentes, mas imbrincadas, articuladas de funcionamento do corpo. Então uma imagem, uma lembrança, uma emoção é uma afecção do corpo. Ela não paira pelo corpo. Então a dimensão básica que subjaz a isso é pensar o corpo não de maneira dualista. Pensando: "O corpo é uma coisa, o psiquismo, alma é outra coisa." O psiquismo nada mais é do que um modo de funcionar. Um tipo de registro, ou de um conjunto de registros de funcionamento corporal. Funcionamento corporal, redes neuronais são capazes por exemplo, de reter imagens. Essas imagens retidas não só criam trilhamentos cerebrais, etc, como funcionam emocionando, excitando, deprimindo. O corpo, e são imagens do corpo. Do corpo no corpo. E que se produzem na relação entre um corpo e o outro. Na relação entre os corpos. O corpo do homem nessas múltiplas dimensões diferente de muitos outros animais, dos mamíferos e tal, ele nasce pouco adaptado. Ele é pouco determinado geneticamente quando comparado a outros animais. E por conta disso mesmo, na psicanálise a gente fala de estado de desamparo. E aí esse corpo se molda, se esculpi na experiência da vida. Então ele se produz nesse entre-corpos, aliás que é o nome da minha tese de doutorado. No entre-corpos é justamente essa idéia de que o corpo continua se construindo, que o corpo humano nunca está pronto nessas várias dimensões; e que ele continua se construindo na experiência. Essa experiência se faz no limite entre o corpo próprio de um sujeito e o corpo do outro, e o corpo das coisas do mundo. Então nessas relações e nessas experiências que ele continua se moldando, se esculpindo e produzindo, criando e recriando o corpo. Daí as mudanças que o corpo vai operando ao longo da vida, tanto aquelas que só biologicamente dariam, mas que mesmo assim implicam todas as dimensões do corpo, que dizer, a gente não pensa a mesma coisa hoje que pensava a uma semana; há uma semana pode não perceber muita mudança mas, se perguntar e há um ano? E há cinco anos atrás? Você fala, não penso nada! Mas você não pensa essas mesmas coisas? Você não tem a mesma pele? Você já trocou múltiplas vezes? Os cabelos? O mesmo tamanho? A mesma acuidade visual, auditiva pode ter melhorado ou piorado, não importa. Você tem outros, E por que você não tem? Porque houve mudanças em vários níveis, em várias faces do teu corpo, mas também dos contextos com os quais você se relaciona. Então você já não afeta o outro como você afetava quando era criança. Mas também não é mais afetada pelo outro como você era afetada quando era criança. Então os encontro, esse entre, portanto, também vai se moldando em função das novas paisagens, dos novos contextos que eu encontro entre os corpos que vão produzindo. E corpos entendidos, de novo, não apenas como instâncias físicas. Também como instâncias físicas, que, aliás, é o esteio básico fundamental.

Kátia: você considera que o fonoaudiólogo deva trabalhar com o corpo também? Como é isso?

S2: Claro que sim. Porque eu acho que o fonoaudiólogo ganharia mais se ele trabalhasse com o corpo não apenas de um modo mecânico, não como um adestrador físico de certas dimensões do corpo, posturais, respiratórias articulatórias, motoras orais, enfim. Não que isso não seja importante, porque eu acho que é. Eu acho que tem um trabalho de treinamento e até de adestramento do corpo como há para os esportes, como há na Educação Física, na fisioterapia, etc. E que acho que tem mesmo, quer dizer, tem um uso que pode ser disciplinado do corpo pra produção oral, pra respiração, pra postura, etc. que contribuem pra comunicação, pra linguagem. E mesmo pra superação, e pra enfrentamento dos quadros sintomatológicos, dos transtornos. Então eu não desprezo, muito pelo contrário eu acho que ele é fundamental. Mas eu acho que ele seria mais rico se ele pudesse ser visto em perspectivas; que dizer, se ele pudesse ser tomado justamente nessas interfaces com essas outras dimensões do corpo que eu acabei de referir. E não apenas como um trabalho de adestramento motor oral, articulatório, respiratório, postural que seja.

Kátia: você acha que ele é pouco visto na Fonoaudiologia em uma abordagem mais ampla como você tem colocado?

S2: Acho. Acho que o mais comum é a gente pensar o corpo pela aparência do corpo. Então, o corpo se dá a ver, a ouvir de maneira imediata, pela sua dimensão exterior e física. Então é comum, já foi comum na área, acho que agora

menos, mas, por exemplo, você definir quadros de alterações apenas pelos sintomas, como se os sintomas fossem a doença. Então, você chama de ceceio, apenas a projeção da língua e o escape de ar lateral. Veja, nada contra o termo. Você pode chamar de ceceio isso. Mas, o que é isso naquele sujeito? Porque ter diferentes aqui. (?) Da onde veio isso? O que isso significa? E como que isso se implica, se articula com outras faces essas que eu te falei, do corpo? Então, se eu tomo apenas o ceceio como uma projeção, ou uma alteração de tónus, de projeção, de mobilidade de língua, por exemplo, de bochechas, de lábios, de órgãos fono-articulatórios, pra resumir aqui, de língua. Então, se eu tomo como isso, como aquilo que aparece, imediatamente; meu trabalho seria apenas de reabilitar os movimentos da língua. Eu diria, isso é necessário, mas não é suficiente pra qualquer trabalho que se queira clínico. Porque a clínica lida com o sofrimento dos sujeitos. Qualquer clínica lida com o sofrimento do sujeito. Com a possibilidade de acolher, de tentar entender, pra poder intervir, mesmo que num campo particular as questões porque há várias clínicas. Acolher, compreender pra poder intervir de maneira assistêmica, digamos assim nessa questão. Então, o ceceio vem da onde na história desse sujeito? Significa o quê? Mexe com o quê no corpo físico, mas também na imagem de si, no modo como se relaciona com o outro, no como significa as coisas ou não, em como isso incomoda a ele e com quem ele convive? Essas coisas são básica. Porque senão você mexe na musculatura e o ceceio muitas vezes volta, e volta por quê? Volta porque o que mantém no corpo, não apenas físico, o ceceio, não foi tocado. O ceceio é um exemplo qualquer, reducionista até. Pode ser mais amplo do que isso. Mas são coisas dessa natureza que ao meu ver, estão ainda pouco presentes no trabalho fonoaudiológico que ao meu ver a Fonoaudiologia só teria a ganhar se ela ampliasse as possibilidades de pensar o corpo.

Kátia: quando você fala história. Foi uma questão que me veio aqui. A história de vida dessa pessoa. Você chama de história o quê? Do o nascimento...

S2: Então pra mim tudo bem, a história dos fatos, ela também interessa porque ela pode pontuar, indicar certas coisas; ela nasceu a termo, teve tal doença, entrou na escola com tal idade, comeu sólido, líquido, pastoso, os itens de uma anamnese. Mas, isso não é o fundamental. Isso são elementos, que às vezes, servem pra mapear uma trajetória, mas não fala do que interessa. Pra mim quando eu estou falando de história de vida, eu estou falando de história das marcas, do que afetou. Então muitas vezes você passou por um monte de coisas e o que te marcou, ou seja, o que te esculpiu, esculpiu o teu corpo nas suas várias dimensões, ou em parte delas, são coisas imperceptíveis à primeira vista. Não tem a ver com o fato de você ter sentado aos seis meses, ou de ter comido sólido ou não. Pode até ter a ver com isso não é? Então, às vezes uma lembrança infantil de que sua mãe dava mais atenção e era mais carinhosa pra alimentar o teu irmão do que a você. Isso pode ser uma marca da tua história. Porque isso não apenas marcou o teu corpo físico, mas marca o modo como você se faz como sujeito. Então isso marca o teu corpo na dimensão simbólica, marca o teu corpo na dimensão afetiva de como você se dá e como você se abre ou não pro outro. Então quando eu estou falando de história, eu estou falando de história das experiências, e das marcas físicas e subjetivas que essas experiências puderam produzir ao longo da vida. E quando você conversa com as pessoas e elas te contam coisas, numa entrevista inicial na clínica, elas normalmente te falam do que importa. Às vezes, o fonoaudiólogo é que fica, "mas teve que doença? Teve algum caso na família?" Enquanto a pessoa está preocupada em te contar, "Sabe eu tomei um tombo quando eu tinha três anos, talvez isso tenha a ver." Ou então, "Meu pai era assim." Ou então, "Minha mãe não deixava eu falar errado e eu ficava com medo de falar errado." Ele está te falando muitas vezes de marcas, ou pelo menos, de coisas que ele ouviu falar e que o impressionaram. O impressionaram. Legal isso não é? O nome. Produziram uma pressão sobre ele, então de algum modo isso o constrange e ele está preocupado em saber se aquele tombo não foi isso, ou se o fato dele ter feito tal coisa não foi o responsável pelo que ele está assando hoje e tal. Ele está agoniado, ele está sofrendo por essas coisas que ele está te falando. Essa é a ponta da história, a ponta do novelo a partir da qual você pode desdobrar uma história. E não desconsiderar; "A não, isso é muito interessante, mas me diga, nasceu a termo? Com que peso? Teve que doenças infantis? Falou? Começou a falar com que idade?" Não que esses dados não possam ser úteis eventualmente, mas eles só serão úteis se eles tiverem lugar nessa história, naquilo que faz sentido e que o paciente te trás. Mesmo sem que você muitas vezes peça.

Kátia: então eu poderia estar dizendo que a história dessa pessoa, no caso, que a história da humanidade também poderia ser a história dela? Como você colocou, às vezes alguma coisa que o pai falou. Porque eu fiquei pensando assim: de repente a minha história não é só a história do dia em que eu nasci até aqui. Eu vivo uma série de reflexos de fatos que sucederam antes de mim.

S2: Ah! Nesse sentido certamente, que dizer, a história me precede e me sucede não é? A gente é um evento no meio. É como se a gente entrasse numa piscina, a piscina já está lá e a gente está banhado em águas que já estão rolando, já estão em processo. Quando a gente chega e continua a gente faz ali uma transitoriedade, a gente faz ali uma passagem. Agora, o fato é que certas marcas da história de outras pessoas, ou mesmo de outras épocas se atualizam e re-atualizam na tua experiência com o outro. Então, às vezes, uma transmissão oral do bisavô que contou pro avô que contou pro pai que contou pra você; de coisas que você aprende, de conhecimento que você tem de períodos mais remotos, etc. Sem dúvidas que a gente carrega marcas, aliás, isso inclusive biologicamente, porque se não houvesse uma continuidade e uma transmissão de determinadas informações, inclusive genéticas, não haveria espécies; a espécie já teria se extinguido. Isso também é corpo. Isso vale pras dimensões culturais, quer dizer, se não houvesse essa transmissão, como é que a gente saberia, ou teria condições de continuar produzindo coisas, mesmo tecnológicas e tal. Se cada geração esquecesse e não tivesse possibilidade de acesso ao que já foi produzido? Você trás, carrega informações e tem meios de transmissão no corpo físico e tem meio de transmissão metabólica, genética e tal. E na cultura, meios de transmissão via linguagem, via interação

com o outro. Via inserção e emersão na cultura. Nesse sentido sem dúvida; agora, sem nenhuma transcendência, quer dizer, isso não vem de outras vidas, isso não vem de um sopro divino que mantém(?) essa possibilidade. Pra mim no campo da ciência essas coisas estão descartadas a não ser como fenômeno da cultura; e pode ser analisado como a crença, a fé. Quer dizer, são coisas fundamentais como fenômenos na cultura, mas a meu ver não como explicações científicas pra dimensão(?) obviamente, mas nem podem ser reivindicadas como explicações racionalmente válidas, cientificamente válidas pra esse tipo de fenômeno. Então se fala de trazer coisas de antepassados eu estou falando de que essas marcas se fazem na cultura, se trás como informação genética no campo das espécies e não como possibilidade de revisitar antepassados, vidas pregressas, isso eu acho que não faz nenhum sentido a não ser no campo da elaboração ficcional, e como fenômeno cultural tudo bem, às vezes é até interessante estudar. Mas não como efetividade. Não acredito que ninguém volte às vidas pregressas e que se descobre um príncipe no Egito. Eu acho isso bobagem. Acho isso curioso como um fenômeno cultural. É possível estudar isso antropológicamente, mas não como efetividade da vida. Aliás, a química e a física moderna, contemporânea já descobriram a irreversibilidade dos fenômenos. Os fenômenos não se repetem.

Embora eles façam ciclos e voltem semelhantes, há uma singularidade absoluta nos ciclos vitais, da natureza, etc. Ainda que as diferenças sejam sutilíssimas. Então, não é possível fisicamente, empiricamente comprovado um retorno a condições passadas tais como elas aconteceram. O que há é a possibilidade de evocar condições passadas e de atualizá-las num novo estado de coisas do presente. Aliás, eu acho que é assim que a história funciona. Michael Foucault, pensador francês, morto nos anos oitenta, tinha uma definição de história, pra mim muito interessante. Ele dizia assim, algo assim, não é literal, mas algo nessa direção, dizia que "A história não diz o que fomos nem o que somos, ela nos cerca e nos delimita. E o que ela nos diz é aquilo de que a gente está em vias de diferir. O que ela mostra? O quanto a gente não é mais o que a gente era; e o que a gente está se tornando." Então a história serve como uma espécie de campo de referências pra gente ver pra onde a gente está indo, e não pra onde voltar a ser ou pra gente reconhecer o que a gente foi, porque não dá mais pra ser o que foi. Agora dá pra usar o que foi, ou atualizar o que foi no sentido de inclusive entender, ou pelo menos em parte, entender ou pensar, e orientar pra onde a gente está indo. Por aí.

Kátia: bom, você estava falando que está na academia faz tempo não é? Como é que você vê com relação às grades curriculares, essa questão do trabalho, desse conhecimento do que é o corpo, a dimensão do corpo, você acha que deveria ter uma disciplina que contemple isso, a questão corporal?

S2: Olha, eu não sei como é que é em muitas partes do Brasil, eu não sei como isso está posto não é? Nas grades curriculares. O que eu sei é que havia já uma preocupação com isso lá na época em que a gente tinha currículo mínimo, e isso reaparece nas atuais diretrizes curriculares. Como cada curso, e a vocação dos cursos em função do tipo de contexto e de como eles nascem, se estruturam. Eu não sei se aparece e como aparece. Se aparece como disciplina, se aparece como atividade como conteúdo de disciplina. Aqui na PUC, a gente tem disciplinas que lidam com o aspectos teóricos da dimensão do corpo desde as disciplinas da área biológica até disciplinas da área clínica e fonoaudiológica; e a gente tem uma disciplina que chama Abordagem Corporal, que os alunos estudam técnicas e procedimentos de abordagem corporal. Trabalhar postura, respiração, relaxamento, enfim. Então você tem uma disciplina pra isso. E tem uma disciplina, eu acho, até com uma boa posição. No entanto, o grande problema que eu vejo, é que muitas vezes, no campo disciplinar, e aí só posso falar da PUC mais propriamente que é onde eu estou a mais tempo, é que essa disciplina fica isolada do resto. Quer dizer, o que há é uma pouca vaso-comunicação horizontal entre as disciplinas. Não só dessa, é que você está perguntando dessa. Eu acho que os currículos ainda, são no Brasil e aqui na PUC também, conteudistas, quer dizer, um conjunto de disciplinas que os alunos vão fazendo as conexões pela cabeça deles ou por uma outra atividade ou pela boa vontade e não pelo projeto pedagógico, pela vontade deste ou daquele professor. Mas elas são muito estanques, elas se vaso-comunicam pouco. Aí uma disciplina prática, de efetuação(?), e mesmo de treinamento de aprender técnicas em ação, aplicando em si no colega, é assim que funciona aqui na PUC, ela funciona como um laboratório, uma oficina que acontece durante um ano inteiro, dos quatro. Mas ela fica lá; ela não conversa muito com outras disciplinas, a não ser em função daquilo que o aluno trás, mas ela tem uma articulação pouco orgânica com outras disciplinas clínicas, com a supervisão clínicas. E deveria a meu ver, poderia ser melhor. Então mais do que disciplina, veja, no modo como os currículos estão estruturados hoje no Brasil, acho que poderia ter sim disciplinas pra isso. Agora mais do que disciplinas a gente tinha que desenvolver atitudes de formação em relação ao corpo que pudessem trabalhar desde atividades de sensibilização corporal e de trabalho corporal direto; exercícios, mobilidade, relaxamento, massagens, você tem teorias e suportes em várias áreas pra isso, até você ter conteúdos de discussão sobre as questões que implicam, e são quase todas, o corpo dos pacientes, nos atendimentos, nas disciplinas teóricas, no campo dos estudos fisiológicos, neurofisiológicos, fisiopatológicos, anatômicos, etc. A discussão sobre o lugar do corpo na experiência da a linguagem, da aquisição da linguagem, do uso da linguagem; ele devia ser permanente. Agora pra isso a gente teria que ter outros modos de formação e outros tipos de currículo que ainda não é a realidade do Brasil. A gente aos pouquinhos quem sabe vai melhorando isso, vai indo um pouco mais longe.

Kátia: o trabalho com o corpo, como é que você pensa que ele deve ser? Acho que um pouco você já colocou; como ele deva acontecer. Pra gente, fonoaudiólogo, como que a gente deve abordar o corpo?

S2: Então, eu acho que a gente deve abordar o corpo o tempo todo. Quando a gente fala a gente deve abordar o corpo. A gente deve fazer quando atua com os pacientes, seja individualmente ou em grupos e tal. A gente está visando o corpo do outro, e tem que entender isso o tempo todo. Você tem que fazer com que minhas palavras não sejam nem falar sobre coisa e nem sejam palavras de ordem, prescrições pro outro, que na verdade, alienam o corpo do outro nas suas dimensões

psíquicas, físicas e tal. Mais que isso, um espaço de envolvimento, de implicação, de compartilhamento de saberes que o fonoaudiólogo deve colocar à disposição para a elaboração que o paciente faz das suas possibilidades corporais; sejam elas lingüísticas, motoras, psíquicas, sociais, relacionas, enfim. Então, eu acho que a gente tem que fazer as nossas palavras agirem e também a gente tem que afinar os nossos recursos de poder tocar no outro, de massagear o outro, propor exercícios pro outro e fazer isso de maneira contextualizada, fazer isso de maneira a poder trans4ormar isso também num texto que é comentado, discutido.

O que significou? Que efeitos produziu? Ou o que mobilizou? Por onde? Como? Então um exercício, às vezes banal, uma vibração de lábios, pode produzir efeitos, pode atualizar experiências e marcas que dão campo de elaboração enorme pros seus pacientes em torno dos seus problemas de comunicação. Então eu acho que abordar o corpo passa por essas múltiplas vias. Quer dizer, usar de maneira sensível, delicada e disponível, o manuseio dos procedimentos técnicos de manobra corporal, e ao mesmo tempo fazer com que aquilo que a gente conversa, que a gente intervem que a gente interpreta, que a gente pontua pro paciente, funcione como ação sobre o corpo dele nas suas várias dimensões. De maneira geral é isso, suas perguntas são amplas, elas mereceriam, dariam pra fazer uma tese, que aliás é o que você está fazendo. Mas resumindo muito rapidamente, acho que é por aí.

Kátia: A visão que você tem hoje. Você contou um pouco da sua trajetória na Fonoaudiologia, o que você pode dizer que contribuiu pra que você tivesse essa visão que você tem hoje relativo ao corpo, ao trabalho corporal na Fonoaudiologia?

S2: Olha, eu sempre fui muito curioso, irrequieto, e muito pouco passivo diante das coisas que me eram ofertadas(?) E acho que isso não é uma questão pessoas; eu sou assim, eu nasci assim. Isso tem a ver com as experiências, de como o meu corpo foi podendo ser esculpido e moldado. E isso tem a ver com muitas experiências, entre elas desde experiências em casa, por exemplo, minha mãe adorava teatro, nos levava ao teatro, lia poesia. E ler pra mim foi uma coisa que, a partir da adolescência ganhou uma importância muito grande. Tomar contato com certos modos de pensar e de ver, sempre foi uma coisa muito forte na minha casa, no meu meio, com amigos. Eu tinha, a partir da adolescência amigos sempre mais velhos do que eu. Era mais ou menos comum, sei lá eu tinha quatorze, quinze anos, meus amigos tinham vinte e estavam na universidade, era um momento mais agitado. Isso tudo me fascinava, então eu sempre queria estar entendendo de coisas de vários campos, tanto é que eu comecei cursos, eu não comecei pela Fonoaudiologia. Eu cheguei a cursar alguns anos de Física, eu junto com a Fonoaudiologia, cursei História, no âmbito da graduação. Física eu abandonei, História eu cursei. Eu sempre fiz grupos de estudo, estudo sozinho, coisas da Filosofia, muita Filosofia, Mitologia. Fiz formação teórica, não clínica no campo da Psicanálise, meu doutorado é nesse campo. Quer dizer eu sempre busquei um diálogo interdisciplinar muito forte e muito intenso e fui pensando isso, não pensava isso quando era aluno de Fonoaudiologia. Fui pensando aos poucos que a Fonoaudiologia é uma área; lidar com clínica e com linguagem, com questões de comunicação, é uma área necessariamente de fronteira, não é? É uma área necessariamente transdisciplinar. Não nem interdisciplinar. Mas é uma área que precisa de conhecimento que vem de vários lugares e precisa compor com eles novos conhecimentos que não são exatamente de áreas(?) são próprios, mas que nascem dessa interfaces com campos de estudo sobre o homem, sobre a linguagem, sobre o corpo, enfim. E que daí a gente vai poder trilhar uma clínica peculiar, própria, singular. Tem um professor aqui da PUC, escritor, um psicanalista chamado Luis Cláudio Mendonça Figueiredo, que ele diz uma coisa que eu acho curioso, ele diz assim "Que uma disciplina interdisciplinar e transdisciplinar, além dessas interfaces orgânicas com outras disciplinas, ela tem que ter um caráter necessariamente indisciplinar. Porque ela tem que estar o tempo todo transcendendo os limites da disciplina. Então ela tem que romper suas próprias fronteiras e ir desdobrando. E eu acho que a clínica tem muito isso porque a gente está o tempo todo diante do inédito do outro. A gente nunca conhece totalmente nem a gente, quanto mais o outro. A clínica pede que a gente se reinvente a cada novo paciente, a cada novo desafio. E ela necessariamente, tem que ser flexível pra moldar suas fronteiras e seus limites disciplinares o tempo todo. E eu acho que fui descobrindo isso. Não sei muito bem como começou, aonde, mas eu acho que aí tem a ver com os encontros com as pessoas, com o tipo de hibridação e de transdisciplinariedade que eu fui construindo ao longo desses anos. A PUC tem muito a ver com isso, minha grande base de formação se deu aqui, e se dá aqui. Mais outras tantas interlocuções. Na Fonoaudiologia e fora dela. Na Medicina, na Filosofia, na Psicologia, na Psicanálise, na Educação. Eu acho que a verdade não está em lugar nenhum, a gente constrói verdades provisórias e parciais o tempo todo. Então a gente tem que ver aonde estão as coisas que interessam e que fazem funcionar melhor aquilo que a gente faz. E acho que essa curiosidade e essa inquietação permanente, e ao mesmo tempo essa idéia de que eu não vou chegar nunca a um lugar "Ah, finalmente sei o que é! E sei tudo." Fazem com que eu continue me movendo, e acho que essas coisas ajudam aí ficando menos onipotente, menos narcísico, de achar que o meu saber porque é meu, é melhor do que o teu ou de qualquer um. Cada vez menos eu acho isso. Eu já achei mais, e ainda acho um pouco porque a gente tem demandas narcísicas. Mas cada vez mais eu consigo admitir o saber do outro e usá-lo naquilo que me convém, naquilo que faz liga com o meu. E mesmo que haja coisas que eu discorde, o que eu acho natural, assim como acho absolutamente natural que as pessoas discordem de mim. E acho que essa é uma atitude em face do conhecimento que interessa pro clínico, mas que interessa também pro professor. E acho também que a atividade docente, que eu fui descobrindo. Nunca planejei ser professor quando era adolescente, não era um sonho de vida, virei professor pelas circunstâncias. E acho que fui aprendendo também com essa coisa de ser professor que é preciso uma generosidade, uma humildade pra lidar com o conhecimento porque é assim que se aprende. Poruqe senão na verdade a gente cria sectos, seguidores, e eu quero só que os meus alunos sejam melhor do que eu. Ou seja, eu já vou ser o melhor professor do mundo. Eu não quero que eles me sigam.(risos)

Kátia: A repercussão do seu trabalho. Como é que, o trabalho com o corpo não é? Como é que tem sido na Fonoaudiologia? Tanto no meio profissional, quanto com as pessoas que você trabalha, que você atende S2: Então, esse tipo de visão que eu estou trazendo aqui muito esquematicamente pra você, não é uma visão hegemônica como eu falei, na Fonoaudiologia, muito pelo contrário. Mas ela não é uma visão que desqualifique as outras. Nesse sentido, eu vejo assim, quem entra em contato com as pesquisas, com os textos, com as aulas que eu produzo e que a minha linha de pesquisa produz, porque são trabalhos muitas vezes que não são só meus não é? São meus, dos meus orientando, ou de colegas, enfim, de outros pesquisadores. A gente tem uma aceitação grande, quer dizer, pessoas que vêm nos procurar, que vêm fazer pós-graduação, que entram nas especializações, que dão notícias de terem lido meus textos, ou de colegas que trabalham junto nessa perspectiva também, são as mais animadoras. Embora elas não sejam massivas, quer dizer, a gente sabe que o tipo de trabalho que a gente faz, ele não tem uma penetração no conjunto, na malha inteira da Fonoaudiologia. Ele tem uma penetração em alguns setores e pra gente de pós-graduação e a partir de alguns textos e tal. Agora eu também não esporo ter nem unanimidade, de novo, acho que a diversidade é muito rica. Agora eu acho que a repercussão é muito positiva; e a repercussão clínica é sempre muito positiva. Isso se vê no consultório ou nas supervisões clínicas realizadas na clínica-escola aqui da PUC na DERDIC. Pelos encaminhamentos, pelas interlocuções com os profissionais, ou instituições que encaminham, sejam eles médicos, psicólogos, fisioterapeutas, instituições como hospitais, APAES, AACD, etc. E a gente tem muito boa repercussão porque os encaminhamentos continuam; as pessoas fazem parcerias. Quer dizer, são coisas que mostram que o trabalho tem consistência e pertinência, embora ele não tenha uma repercussão em sentido massivo. Ele não é uma linha de trabalho dominante na Fonoaudiologia, eu sei disso e de certa maneira, gosto que não seja. Gostaria que houvesse várias linhas e que a interlocução fosse ainda mais diversificada na Fonoaudiologia do que é. Acho que é isso. E do ponto de vista pessoal, por menor que fosse a repercussão, penso eu, atualmente é nisso que eu acredito. Então essa é talvez uma das principais repercussões, quer dizer, eu faço isso não apenas por uma opção entre outras, ou por uma exigência profissional, mas porque esse é no momento, o que eu consegui alcançar em termos de formulação na direção de coisas que eu acredito, que eu pesquiso e que eu trabalho. Então mesmo que fosse pra mim e pra mais meia dúzia, se desse pra preencher uma Combi eu já estaria satisfeito. (risos) Mas é mais do que isso felizmente. Tem ressonância.

Kátia: Quando você fala de setores, que tem alguns setores que procuram, você consegue perceber mais ou menos, de onde que vem? Deixa eu clarear. Quando eu me interessei pelo tema, isso já tem muito tempo. Daí eu comecei a atuar; comecei a fazer um curso de Psicologia Transpessoal, você conhece?

S2: Já ouvi falar.

Kátia: É um trabalho que eles abordam bastante o corpo. E aí mobilizam sentimento, puxa a história por meio de algumas atividade corporais e aí começa o trabalho; acho que o corpo visto dessa forma mais ampla. Aí falei "Nossa, isso aqui com a Fonoaudiologia acredito que vá dar algo muito bom!" Comecei a atuar e na minha atuação fui percebendo realmente respostas positivas, e disse "Eu vou pesquisar isso." Aí comecei a buscar uma coisa e outra e fui vendo que era super restrita a discussão corpo-Fonoaudiologia, e que a visão era a maioria, a minha formação foi bem reduzida também, o corpo é o biológico, e fui percebendo que a maioria dos cursos e em conversa com pessoas de formação diferente que também era a formação que eu tinha tido. E foi muito no sentido de estar contribuindo pra isso daí. Daí comecei a pesquisar e um dos lugares que eu comecei a pesquisar foi a própria UNIMEP, a biblioteca lá que eu tinha um acesso mais fácil e aqui na PUC. Então não fui muito pra fora, não tive muito tempo ainda. Mas eu conversando com minha orientadora, ela disse "Você não vai achar praticamente nada." E eu me surpreendi.

S2: Porque achou algumas coisas.

Kátia: É. E fui vendo que muita gente vinha da Psicologia. Que as dissertações ou teses que tinham nessa discussão de corpo.

S2: Vai buscar subsidio aonde essa discussão está mais...

Kátia: avançada

S2: é. Mais avançada.

Kátia: e na própria fonoaudiologia, realmente muito restrito. Mas mesmo assim, quando eu te falo "Nossa, encontrei" Eu encontrei muito. A maioria na Psicologia, que onde eu via que já existia. Por isso que eu estou te perguntando. Como é que está nesses setores, essas pessoas que te buscam. Estão na Fonoaudiologia? Como é que você tem percebido?

S2: Eu acho que tem na Fonoaudiologia. É curioso por duas coisas. De um lado tem uma demanda crescente de alunos que vêm pra pós-graduação em busca dessa linha de pesquisa, da minha linha de pesquisa que chama Linguagem, Corpo e Psiquismo. É um número crescente de gente que vem procurando essa linha, não só por mim obviamente, tem outros professores na linha, [...], mas que tem um trabalho bastante próximo, tem diferenças, mas bastante próximo, com vários projetos conjuntos. Essa é uma questão recorrente, seja no meu trabalho, no do [...]. Eu tematizo especificamente questões do corpo nessas dimensões aí e a [...] um pouco menos especificamente, mas também trabalham com isso. O [...] também muito especificamente, fazendo uma interface também com

as neurociências, mais fortemente, é médico. Então a gente tem uma demanda crescente de alunos, já tem várias dissertações produzidas se não diretamente no tema, mas passando por questões de pensar o corpo, dentro do conteúdo das dissertações. Eu tenho alunos já defendendo teses. Eu tive três dissertações já defendidas e algumas no forno pra sair sobre o corpo especificamente. Dissertação da Vera Neisser, da Carolina Parisi, tem mais duas em andamento que passam pela questão de corpo, e tem dissertações trabalhando especificamente essa questão, no âmbito dos conceitos; no âmbito da leitura clínica; de aspectos da relação entre corpo e linguagem; entre corpo e subjetividade; de corpo e distúrbios de linguagem, de comunicação. Do ponto de vista acadêmico a repercussão é grande e a gente vê isso pela busca de alunos, mestrandos e mesmo na especialização, gente procurando, querendo saber, comentando os textos, buscando literatura. A gente vê na área assim; pessoas pedindo, além das publicações que a gente toma a iniciativa de fazer, pessoas pedindo textos, pro tratado de Fonoaudiologia, pra coletânea A, pra falar sobre isso, convites pra conversar, como esse da UNIMEP no próximo dia trinta, mas também em outros lugares. Isso na Fonoaudiologia. Mas também de outros cursos. Às vezes da Psicologia, às vezes aqui na PUC. Fui convidado pra assessorar um projeto bárbaro que chama LINC- Laboratório de Inteligência Coletiva, que é um projeto da Comunicação e Semiótica junto com a Tecnologias e Mídias Digitais, que tem a formação de coletivos inteligentes. Então várias questões passam pelo corpo. Então eu virei o que eles chamam de expertise pra assessorar o projeto. O projeto é financiado pelo MIT, pelo governo francês. A gente vai pra França no ano que vem apresentar os resultados parciais. Então quer dizer, tem repercussão na área e fora da área. Além disso coisas vão acontecendo, a gente foi convidado a participar de um projeto interinstitucional, um projeto temático, que já está financiado pela FAPESP junto com a Escola Terapêutica Lugar de Vida, da USP, coordenado pela [...] que é a coordenadora as escola, que é uma psicanalista. Um grupo grande de pessoas, entre eles eu e a Cláudia nessa linha, pra trabalhar com questões relacionadas à Fonoaudiologia. Quer dizer, é um olhar, digamos fonoaudiológico, numa equipe de pesquisadores, tem médicos, psicanalistas, enfim. E pra trabalhar com questões relacionadas ao laço social. Que passam por questões relacionadas pelos problemas de linguagem, quadros de psicose, de autismo e outros que o Lugar de Vida acolhe. Mas também pra produzir indicadores de constituição psíquica e de Linguagem para o Ministério da Saúde, para os pediatras da rede pública. Então vai pintando caminhos aí pra gente falar disso, diretamente sobre o corpo, ou às vezes, não indiretamente, mas em assuntos, ou questões que tocam isto também. E do ponto de vista dos encaminhamentos clínicos também eu acho que a grande referência é que quando a gente faz parcerias, por exemplo, via DERDIC com instituições, com SUS, portanto, com alguns equipamentos da rede pública, municipal e estadual; ou com instituições filantrópicas como APAE e AACD e outras, a grande questão é se isso cresce, reverbera, tem uma aceitação do tipo de trabalho dos relatórios que manda, dos resultados que os pacientes dessas instituições retornam pras instituições. E o que a gente vê é que essas coisas crescem. Então, há uma aceitação embora a gente não tenha nenhuma pesquisa de ir lá e medir o grau de satisfação em relação ao tipo de trabalho que a gente faz, por exemplo, em Avaliação de Linguagem que é uma disciplina de supervisão clínica de avaliação desses casos e de supervisão clínica lá na DERDIC, que é por onde a gente trabalha essas questões. Nessa disciplina e pra outros setores e serviços na DERDIC trabalha por outras vertentes. Há uma multiplicidade de posições também.

Kátia: Você tem outro grupo de estudos também não e?

S2: Temos um grupo que chama Linguagem e Psiquismo, que é um GT, Grupo de Trabalho. Esse grupo de trabalho agrega além dos professores dessa linha de pesquisa, Linguagem, Corpo e Psiquismo, do pós-graduação, ele agrega professores da graduação, alunos da graduação. Então é um GT ligado à Faculdade de Fonoaudiologia e não ao diretamente ao Programa. Na verdade, entra os dois, mas não é uma linha de pesquisa, é um grupo de trabalho, que produz estudos de caso, que produz publicações, Iniciação Científica, eventos. Tem um evento bimestral, que a gente curte que chama Café com Linguagem, trás convidados, debate temas relacionados às questões de Linguagem nas vertentes que a gente trabalha, não só com o corpo, mas também o corpo. Então, várias coisas acontecem. Algumas mais internas, outras com um pouco mais de visibilidade pra fora da PUC; e devagarinho as coisas vão ganhando corpo. Essa linha de pesquisa é uma linha de pesquisa recente. Eu acho que a gente criou em 2000 ou 2001 não me lembro bem. Quer dizer, ela tem três anos, mais ou menos. Então ela está se consolidando e por isso que estão saindo as primeiras dissertações nessas interfaces, nesse entre, Linguagem-Corpo-Psiquismo. Essas brechas. Essas relações entre uma dimensão e outra.

S3, entrevista realizada em seu consultório, São Paulo, SP, no dia 31 de março de 2004 às 17:00 horas.

Kátia: Fala pra mim da sua trajetória na fonoaudiologia. Como é que foi?

S3: Eu fiz fonoaudiologia na primeira turma de quatro anos de curso da pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A turma de mil novecentos e setenta e um. De setenta e um à setenta e quatro. Então era a primeira vez que a gente tava tendo o currículo que poderia ser considerado de nível universitário. Em números de horas. Eu fui fazer fonoaudiologia por nada de especial, uma conversa com a minha mãe. Ah, faz fono, uma coisa nova, lida com gente. De verdade mesmo, eu queria ter feito Artes. E eu faço mesmo, pintura, um monte de coisa. Não tive coragem, ninguém me apoiou, ficou meio assim, "É difícil ser artista. Então vamos pra uma profissão reconhecida socialmente. Aquele ideal de tanta gente, "Vamos cuidar de gente." Ter uma profissão que ajude as pessoas. E assim eu fiz fonoaudiologia. E durante a faculdade, pessoalmente assim, eu me irritava muito com o formalismo que me era apresentado no curso. Para tal coisa faça tal exercício. Técnicas de fazer. Eu gostei muito do curso, mas a parte das técnicas me irritava. E me irritava eu acho, porque eu já compreendia o curso; era uma linha, mas eu não achava que esse era o único caminho, sabe? A minha cabeça era cheia de idéias. Então eu pensava assim ; Imagina, que besteira, com um lápis e o papel eu posso fazer terapia de isso tudo que

tão me ensinando. Que coisa, joguinhos, papeizinhos, comprar coisinhas. As meninas compravam um monte de jogos. E eu tinha também um caso de gagueira na família. Então eu tinha um pouco a expectativa de descobrir como tratar dessa pessoa da família. E aí, entrei lá nas aulas de gagueira e vi que não era como aquela receitinha. De exercícios. A gagueira veio que era controvertido. Que não se sabia. Que os resultados eram ruins. E aí eu lembro do professor que eu tinha, (...), falou que iria trazer uma terapeuta que trabalha com gagueira já faz dez anos. Que ela iria contar melhor pra nós. E foi aí que eu conheci uma pessoa que chama (...) E ela veio com um paciente gago, e falou lá um monte de coisas. E me deixou com a impressão de que a gagueira devia ser do campo psi. E eu não tinha muita clareza sobre isso no curso. O curso parecia que a gente era algo mais que educador, o cara que corrige defeitos. Então o campo psi não era dado pra gente, a não ser na Psicologia do Desenvolvimento. Com tal idade, tal coisa, não é? (...) Falei; mas como assim? Isso aqui então não é um trabalho psicológico, não sei o que. E eu sei que terminou ela lançou um desafio, ela falou que todo ano entravam estagiários, na época tinha uma clínica que chamava CEDAU, do (...), disfoniatra. E ela trabalhava nesse CEDAU e todo ano vinha estagiários. E vinha estagiário pra ela, que ficavam uma semana e sumiam. Ela queria ver se tinha algum estagiário que ficava lá com ela. E aí, eu por causa dessa situação familiar e dessa incógnita que ficou, e internamente me ativou uma curiosidade, e eu falei, "Bom vale mais a pena eu me aprimorar nesse negócio e aprender a atender gago, porque se ninguém ta fazendo isso, eu vou me dar melhor. Eu pensei assim mesmo, bem pragmática.(risos) E fui lá no CEDAU, fui conhecer a Iara, e foi uma relação muito frutífera, que durou muitos anos. Muitos anos mesmo; a gente fez muita coisa juntas. Só de cursos a gente deu assim uma pacoteira, anos a fio. Porque de fato, acompanhando, foi um privilégio que eu tive como terapeuta. De poder assistir as sessões da Iara. Ela cobrava, e cobrava bem lá na CEDAU! Mas ela me apresentava como estagiária dela e simplesmente eu ficava sentada na sala de terapia junto com ela e o paciente. E ela nunca tinha aprendido técnicas de relaxamento, então logo ela me colocou como aquela que faria o relaxamento com os pacientes. Coisa que hoje eu nem concordo. Relaxamento e depois a terapia. Mas era assim, paciente chegava e eu na salinha, aplicava lá as técnicas que eu aprendi na faculdade, de relaxamento vários que eu sabia, e depois ela chegava e fazia a terapia. Que no fundo, eu achava ao paciente que era uma maneira de justificar também a minha existência. E assim eu fui aprendendo com a Iara um modo de fazer terapia que eu jamais eu tinha visto na sala de aula. E era totalmente centrado no sujeito, na história do sujeito, nas idéias dele. Vale dizer que a Iara é uma pessoa que tinha dezessete anos de Psicanálise, quer dizer, embora ela nunca tenha me ensinado Psicanálise, mas ela tinha isso inspirado nela, não é? Então era totalmente era totalmente centrado no que o sujeito trazia, e a gente de modo nenhum trabalhava ela. No sentido de controlar a gagueira, ou apresentar S3: técnicas de fala pra que ele melhorasse a gagueira, mas era um trabalho completamente centrado na subjetividade, no modo lógico de funcionar da cabeça do sujeito. Então desde aqueles primórdios eu fui ter essa inspiração com a Iara, de que trabalhar com a gagueira é trabalhar com a subjetividade, com o modo de funcionamento subjetivo de uma pessoa. E assim, nós líamos Van Riper, líamos, sei lá, um monte de autores americanos que apareciam. Van Riper a gente gostava muito porque embora ele fosse bastante behaviorista, mas ele tem um modo extremamente compreensivo de falar do ser humano. E ele, na verdade, trouxe pra mim pelo menos, técnica. Foi com ele que eu comecei a pensar muito e a Iara pensava junto comigo. Sobre a importância de trabalhar a própriocepção, né? A consciência de si dentro da produção de si como falante. Que não deixa de ser um trabalho de subjetividade. Não é assim que eu vou treinar você a falar do modo b ou c, mas é um processo de auto-reconhecimento de autopercepção e como é a minha maneira de produzir, de sentir tensões. Que lá o Van Riper tinha um jeitinho de falar e a gente entendia assim. Já faz tanto tempo que hoje eu só entendo como eu entendo hoje. E foi assim que eu comecei a trabalhar cada vez mais com própriocepção. E também a [...] tem um jeito que eu achava que também era discursivo; não discursivo demais, ela ficava escarafunchando muito assim o jeito do paciente. Eu sou uma pessoa mais pragmática, eu não gosto de perguntar coisas. Ela perguntava, e perguntava, e perguntava, e perguntava, e ia tirando assim a saca rola. Aquilo me inervava. Eu queria responder mais. Então a gente foi criando cada uma o seu jeito pessoal, mas desses estudos, dessas experiências nós demos muitos cursos. Chegamos a escrever algumas coisas e levar para congressos e tudo. E depois eu acabei querendo ter o meu espaço, e querer ficar separada da Iara. E depois de um tempo, dez anos que eu trabalhava como fonoaudióloga, só atendendo gagos. Claro que sempre pintava um caso aqui, um caso ali de outra coisa, e eu ia de curiosa, mas voltava pra gagueira; que eu resolvi procurar um auxílio pra encontrar uma linguagem que me permitisse compartilhar com meus colegas o que eu pensava que eu sabia sobre gagueira. Eu tinha clareza. Eu não tinha coragem de me por a escrever assim, à toa. À toa não; livremente sabe? Eu achava que isso era meio idiota. Então eu percebi que o pós-graduação. Porque quando eu me formei pós-graduação não nada de uma conversa que existisse entre a gente. Mas nada mesmo! Parecia até uma coisa longuíquia. Mas com o correr do tempo tinha cada vez mais essa coisa de pós-graduação. E também aqui na família, não é? Minha irmã fazendo pós-graduação, então começa assim a competitividade. Então eu resolvi procurar o pós-graduação. E aí justamente pra isso. Eu queria suporte pra poder contar o que eu já sabia. Uma coisa teórica mesmo, pra poder contar. E então eu fui procurar o de Distúrbios da Comunicação na minha escola, na PUC-SP. Mas aí eu vi que aquele programa, naquela época, não ia fazer cola. Ele era muito médico-positivista. E ali não tinha o que eu queria. Eu queria um espaço que me permitisse pensar a relação do sujeito com o outro. Porque não tinha como eu não entender, assim, na minha cabeça. Que o ponto central da gagueira estava na relação eu-outro. Por um fato muito simples; todo gago que eu conhecia, todo, sempre era a mesma história; "Eu gaguejo, mas não é sempre. Tem lugar aqui que eu não gaguejo, tem lugar lá que eu gaguejo." Aí você começa a levantar história e tudo isso de gaguejar tem a ver com o outro. E eu não tinha uma teoria. Era uma empiria. Onde? Que teoria que podia me ajudar num negócio desses? Então eu fiz uma primeira disciplina muito interessante nos Distúrbios da Comunicação, mas depois eu não queria mais ficar lá, e aí eu descobri que eu podia mudar para outros programas; que pós-graduação era uma coisa assim, aberta, que não precisava de reopção, nada disso. Então eu fui lá no que chamam de cardápio das disciplinas e fui olhar as psicologias. E aí eu vi na Psicologia Social uma pessoa, que também foi muito importante na minha vida, a professora [...] oferecendo uma disciplina que era, Psicologia da Linguagem. Eu falei

opa. Então eu li, algo assim como a gente chamaria de Psicolinguística. Ela tava oferecendo reflexões sobre a linguagem na sua dimensão social, nas implicações do social sobre a linguagem. Eu falei, bom, vou lá conversar. Me apresentei e falei, sou fonoaudióloga, trabalho com gago; que eu via uma coisa muito forte na gagueira em relação ao outro e tal; e eu tava pensando em fazer uma disciplina nesse pós-graduação, fazer uma disciplina com ela. Se ela achava que tinha a ver, se ela me aconselhava a me inscrever. E não é que a pessoa foi super receptiva! Falou inscreva sim. E comecei a fazer a disciplina com a Sílvia que foi ótimo. Comecei a aprender coisas; a palavra como arma, teorias psico-sociais de constituição da subjetividade a partir da relação com o outro. Então aí começou a chegar meu elemento, opa! Se a relação com o outro é constitutiva de subjetividade, então eu comecei a entender melhor o que eu já conhecia. Eram as teorias que eu estava querendo pra mim. Então eu fiz a disciplina dela e depois eu me mudei para o pós-graduação de vez. Psicologia Social. E ela se tornou minha orientadora, ela me orientou no mestrado, me orientou no doutorado. E foi assim que eu comecei a absorver todo um campo de teoria de natureza psico-social, que eram extremamente adequadas pra compreender linguagem, pelo menos no que eu via naquele tempo, do ponto de vista da pessoa que gagueja. Mas que hoje em dia eu tenho clareza que é muito maior que isso. A perspectiva psico-social é uma perspectiva que não tem como você não aplicar pra uma área como a fonoaudiologia, talvez pra outras áreas também. Porque nós somos seres psico-sociais; é até uma redundância falar isso, não é? Não existe o psiquismo pelo psiquismo. Sempre há uma interconexão, uma dialética psiquismo-sociedade constituindo uma subjetividade. Não vou dizer que isso é tudo, mas que isso é muito. Então eu acho que em todos os problemas de linguagem você sempre tem essa dimensão, de como você é visto, de como você pensa que é visto, dos medos que você tem de ser visto no modo a, b ou c. Então essa história da imagem do mal falante que o ponto central da minha teoria, acho que tem a ver com tudo. Tanto que recentemente, eu fiz uma palestra num encontro estudantil no nordeste, que eu até fiz um ensaio pra revista da UNIMEP, porque tinha modelo do ensaio, da imagem de falante que é uma recepção ampla, pra uma posição ética diante do outro. Então, realmente a Psicologia Social casou bastante com o meu imaginário e com a fonoaudiologia. E também, aos poucos eu fui compreendendo que a fonoaudiologia é um conhecimento interdisciplinar. É impossível você falar de alguma coisa, fonoaudiologia genuína. Só Fonoaudiologia. Seria o quê? Simplesmente não há isso! A Fonoaudiologia leva você a falar de teorias linguísticas por exemplo. A Fonoaudiologia, eu entendo, é uma área em que o objeto dela é a linguagem em sofrimento. A linguagem e seus problemas. Mesmo falando de Áudio. Pra que que o audiologista faz e deS9:az tudo o que ele faz se não é para um ser da linguagem, pela linguagem dele, pra ele poder se constituir linguísticamente? Eu me perdi.(risos) Eu tava argumentando que a Fonoaudiologia não tem uma possibilidade de alguém dizer, "Não, mas eu quero só o que é genuinamente fonoaudiológico. Como eu poderia dizer, "Eu quero só o que é puramente matemático. Isso tem. Puramente matemático. Puramente físico. Porque a Física estuda as propriedades da matéria. Então eu posso dizer o que é puramente físico. E por exemplo, não matemático. Porque a Física só se expressa por linguagem matemática; pra mostrar. Mas tem como você explicar a realidade física sem matemática, né? Então, eu posso querer o genuinamente físico da Física. O genuinamente químico, o genuinamente biológico e até o genuinamente psicológico. Mas eu não posso querer o genuinamente fonoaudiológico. Eu penso assim; no existe. Porque quando eu começo a falar desse fonoaudiológico, ou eu entrarei em teorias biológicas, médicas, do campo orgânico; vou te falar de um organismo. Isso já tem no espaço. Ou eu vou te falar de uma linguagem que já está na Linguística. Ou eu vou te falar de um psiquismo linguístico, eu vou entrar na Psicologia. Vou te falar da sociedade, vou entrar na Sociologia. Então a fonoaudiologia, ela lida com a linguagem em sofrimento, e isso me chama a uma somatória de disciplinas pra poder dar conta dessa linguagem em sofrimento. A fono eu acho é uma ciência porque ela tem um objeto. Se eu não pudesse localizar o objeto dela aí tava ferrado. O objeto aí acho que dá pra concordar. O objeto dela é a linguagem em sofrimento. Aí eu falava da Áudio. A Áudio com aquela história lá ela também ta preocupada com o sujeito que tem linguagem, que não ouve. Como é que vai ser? Ele não quer o técnico que ta lá só fazendo audiometrias. Tudo bem, mas ele ta concorrendo pra isso. Então esse objeto existe; linguagem em sofrimento. Como eu lido com a linguagem em sofrimento? Então a fonoaudiologia é uma somatória singular de saberes que é do jeito que é dentro da cabeça de um fono. Quer dizer, foi um fonoaudiólogo que construiu uma teoria como eu sobre gagueira. Outros fonoaudiólogos construindo outras. Mas sempre chamando áreas afins. E eu construí um saber fonoaudiológico costurado, que não é aplicado. Esse negócio de aplicação é uma meleca! Eu não apliquei a Psicologia Social à fonoaudiologia. Eu me inspirei num modelo psico-social pra poder explicar o modo de produção de fala gaguejada. E eu considero isso, teoria fonoaudiológica. E a fonoaudiologia se inscreve no dentro do campo da teoria psi; essa discussão que não deve ser da sua entrevista, eu particularmente, acho que sim. Eu acho que se a gente tivesse que fazer uma grande reflexão sobre as ciências; essas coisas originais como eu te falei, a Matemática, a Física. fonoaudiologia. Como a Linguística ela não é. Porque a Linguística é uma coisa que tem mais a ver com a língua, definição da língua. Ela não poderia se inscrever na Linguística. Medicina ela não é porque ela não está corrigindo doenças. Até porque o nosso sujeito; um gago, por exemplo, ele é doente? De quê que ele ta doente? Ele é um sujeito saudável. Ele tem sim, um funcionamento psíquico né? Atravessado. Os sujeitos, os nossos pacientes, eles podem ter problemas que também são da ossada da medicina. Um sujeito que ta afásico, teve um derrame. O meu objeto é a linguagem em sofrimento. E sendo a linguagem um sofrimento, embora eu vou usar a Linguística, o campo pra mim, é o campo psicológico. Eu disse que não é o campo médico porque não é a doença do corpo. E mesmo que a linguagem atenha de um retardo, que é do corpo, eu to com o sujeito da linguagem; o sujeito psicológico. Se eu tivesse que participar assim, de uma reclassificação; onde colocamos a fonoaudiologia? A colocamos na Psicologia. Acho bem difícil essa sustentação da fonoaudiologia fora. Não é difícil quando eu digo que o objeto dela é a linguagem em sofrimento. Mas acontece que a Psicologia teria maneiras de mostrar que a linguagem em sofrimento também poderia fazer parte do objeto dela. O psiquismo tem linguagem, tem linguagem de sofrimento. Mas enfim, acho que esta não é a questão. Você falou minha trajetória., eu já te contei. Que inclui essas reflexões assim?

Kátia: Quando você fala, porque eu percebo esse desconforto com relação ao objeto?

S3: Na área?

Kátia: É. E que tem uma discussão né? Qual que é o objeto? Qual que é o objeto? E eu percebo que cada momento as pessoas estão colocando um objeto, né? E quando você fala pra mim a linguagem em sofrimento como um objeto da fonoaudiologia; a gente tá vivendo um momento assim da promoção da saúde né? Tem se falado muito. Que relação você faz assim entre fonoaudiologia, promoção da saúde, uma vez que eles tão trabalhando a questão da prevenção?

S3: Olha, igualzinho a Medicina. O raciocínio fica igual; porque tradicionalmente, ela não trabalha com o doente? Porque que a medicina existe sequer no universo? Porque um dia alguém ficou doente e reclamou. Se não tivesse um dia o doente reclamado, pedido ajuda, não tinha se constituído um médico. E o que que é a prevenção? Pelo acúmulo da compreensão das doenças, das suas origens, causas, etc. Então surge um passo pra frente. Um passo pra frente é, vamos tratar a humanidade de tal maneira que ela não chegue a adoecer. E que a medicina seja só um jeito de resolver a doença. Vamos dar um *up grade*. E vamos trabalhar então numa nova coisa, prevenção. Então é de toda a sabedoria da clínica, das pesquisas todas em cima da doença, que é possível criar um raciocínio preventivo não é? Então vale as ações que visam diminuir a incidência das doenças e manter o homem com saúde. A mesma idéia. Todo mundo que trata do bem estar do homem, está na área da saúde. O fonoaudiólogo trata do bem estar do homem, como um ser que comunica com prazer, com confiança, essas coisas. É saúde também. Então a fonoaudiologia pode até saber menos, mas a Medicina puxa a idéia de prevenção né? Então é essa ponte que eu faço. Todo o saber da fonoaudiologia sobre as diversas questões da fala humana, da linguagem, comunicação, nos levam a pensar também em ações que permitam ter mais saúde. Por exemplo, porque não é em tudo que tá não é? Por exemplo a voz. Tá uma área maravilhosa. Tá certo? Fala, cada vez se fala mais, o ser humano fala, argumenta, fala, fala, fala. E o que tá acontecendo com as vozes, o ruído, poluição. Por que eu vou ficar só no meu consultório esperando os disfonônicos? Por que eu não vou botar os meus pés na rua e na sociedade e não vou fazer campanha de esclarecimento? Eu tenho uma estudante agora que tá trabalhando com a voz do político. E agora nessa época de campanha. Eu nunca tinha pensado nisso. Começa uma parafernália de falas. Dominar situações no go-go, gritar muito. E ela tá querendo estudar as estratégias que os políticos usam na fala e as consequências das estratégias. É um trabalho totalmente, que pode se voltar pro preventivo. Então o que eu te respondo? Que é exatamente clínica, do sofrimento da linguagem como amplo, que envolve a voz, a fala, que vai poder pensar em ações que previnam o sujeito de ficar mal. Eu também posso pensar em várias ações. Nesse caráter preventivo com relação à fluência. Uma educação do povo sobre o que de fato é a disfluência é uma destruição, uma demolição das idéias de fluência absoluta, do mito contra a disfluência infantil e tudo isso, vários mitos que tem. Permitiria uma, poderia desaparecer da face da Terra esse sujeito gago.

Se é verdade o que eu penso sobre a gagueira, também eu não sei. Se é verdade o que eu penso, uma conscientização efetiva, porque conscientizar você pode querer, mas não; precisa ser efetiva, a consciência do outro precisa entrar. Seria o caminho pra não ter gente gago. Então, é isso que eu te respondo.

Kátia: Uma outra coisa que você falou que eu pensei. Você falou pra mim que hoje você não concorda com a questão do relaxamento antes da terapia. Como é que é isso? Onde que entra o corpo na história da fonoaudiologia? Qual a relação que você faz com a questão do corpo? Por que fazer relaxamento? Pra que fazer relaxamento?

S3: O que eu penso é que o corpo e a mente e o pensamento são coisas dissociáveis pra pessoa viva. Eu não sou um corpo depois uma fala. Então eu considero ridícula essa posição minha de antigamente. De ficar com o carinho relaxando ele, pra depois fazer a terapia. Não é ridículo em termos. Algum benefício tem. Mas eu acho que ele é pouco evoluído com relação ao que eu faço hoje; com muito relaxamento. Porque eu não compartimentalizo, eu não dicotomizo o momento do relaxamento do momento da terapia deixando para Deus(risos) a possibilidade do sujeito juntar os dois momentos. Como terapeuta, eu chamo a mim, a junção disso tudo. Então eu trabalho com meu paciente assim, de frente pro outro, então eu convido ele a encostar a cabeça aqui, fechar os olhos, se interiorizar, se sentir, respirar, perceber várias coisas; perceber que o ar vai e vem, que o canal que passa o ar está completamente aberto. Então eu vou trilhando uma coisa assim meio que hipnótica. Eu vou sugerindo a ele; sintá, traga confiança pra dentro dessa sensação. Confie na abertura desse canal. Identifique-se com isto; canal aberto, tá tudo certo. Aí eu começo a trabalhar com sons. Então é um relaxamento completamente diferente. E a gente começa a soltar, aaaôô. Aí eu começo a analisar com ele os movimentos que a boca dele faz em cada som, mas numa atitude de relaxamento; não é numa conversa. Eu não to olho no olho falando sobre. Eu convidei a fechar os olhos e me seguir. Então é uma atividade. Então a gente começa, aaaaaeiiiiiooooouuuaaeiiiiiooooouuuu aaaaaeiiiiiooooouuuu aaaaaeiiiiiooooouuuu. Não pra treinar falar aeiou, que isso também é ridículo! Mas também pra captar, perceber como eu sei fazer isso sem saber como que eu sei. Que é bem isso né? A fala é um saber que não se sabe. Então eu me inspiro muito nesta compreensão da Linguística pra trabalhar com meu paciente. Pra que ele perceba que a fala é um saber que não se sabe. Pra que portanto ele perceba, como que o funcionamento subjetivo dele, gago, é um como se ele soubesse. A palavra que eu não vou conseguir falar; a letra que eu não vou conseguir falar. O meu tratamento com a pessoa visa focalizar, como se você pudesse emoldurar num quadro, isto é o meu problema. Isto o que? “Eu agora to achando que eu não vou conseguir falar essa palavra.” Eu não tomo isso; “eu agora to achando que eu não vou conseguir falar essa palavra.”, como algo, (essa frase vai me complicar). Eu tomo isso como, se fosse pra pensar em causa e efeito, a causa. Certo? O gago gagueja porque dentro da cabeça dele, ele vem a achar que uma palavra xis não vai sair. Por

quê? Porque os meus estudos de linguagem me mostraram que ninguém pode achar isso. O falante quando fala, ele simplesmente não sabe se a próxima palavra vai sair gaguejada ou não. Assim como o andante que anda não sabe se ele vai cair depois, e assim por diante entendeu? Então é uma questão de sacar e se perguntar, mas por que raio desse sujeito que sabe que ele vai gaguejar na próxima palavra? Por quê? Porque ele tem uma imagem de mau falante lá embaixo né? Que é a teoria que eu usei. Como ele está movido por uma imagem que ele mesmo detesta e quer ocultar, e como a fala é um saber que não se sabe, o cara tá num mato sem cachorro. Mas a mente não deixa. Então a mente é que faz isso com ele “Deve ser aqui. Deve ser ali.” E ele precisa procurar lugar que ele vai gaguejar. E aí ele começa a se relacionar com isso. O terapeuta que não sabe isso eu não sei o que que ele está tratando na gagueira. É um mistério (risos) Esse é o princípio mor da coisa. Então eu uso todo um trabalho corporal que eu tomo igualzinho um diálogo. Agora eu to dialogando, então ce ta me falando e eu to respondendo. Vou fazer agora um outro diálogo. É como se eu levasse o sujeito a fazer um diálogo com ele, mas depois passa a ser comigo. Então o diálogo com ele: eu to falando, mas eu to falando de um saber que eu tenho do corpo, então que ele tá sentindo, que o canal tá aberto, que é pra depois ele poder perceber que o canal fechado, e ele poder perceber que o canal fechado é músculo que ele juntou, mas juntou inconscientemente. Mas que eu quero que ele conscientize; pra ele poder ter outras estratégias consigo. Então ele vai sentir um canal aberto, ele vai sentir os sons que sái, ele vai percebendo então que tem aeiou, “ é mesmo, a boca muda. É, eu não sei como que eu faço isso” então ele vai percebendo ma, ba, ba; esse obstáculo aqui na frente. E vai percebendo que são poucos os movimentos assim pra falar: lábio com lábio, dente com lábio. Há anos que eu mexo com isso. Olha lá, desenhadinho lá. Sempre lá. Ce faz assim(emite fonemas). Então tem toda uma brincadeira que eu vou levando a pessoa, e ela vai sacando isso. Então eu faço mmmm, ppppp, bbbb, mapapa, um monte de palavras assim; e depois eu começo pbb, depois eu começo a misturar momopma. Nossa! Ce não sabe o efeito disso. O paciente, quando eu falo bom e agora? “Nossa! Comecei...” É uma catumbe na cabeça dele. Porque ele é o cara que tava sempre procurando a materialidade da fala pra não gaguejar. Então eu dou a ele a materialidade da fala, mostrando que o que ele faz não tem nada a ver. E a parte da abordagem corporal é importantíssima, porque ele tem que dialogar com o próprio corpo dele pra ele ver o quanto que ele não sabia nada, e o quão louca é essa coisa que ele tinha de ficar vendo palavras que não sai, aí ele inventa o ‘oi’, e a palavra sai. Resolve a fala com a própria fala. Então são tantas coisas que ele não enxerga, tantas. Então tem essa coisa que eu falo, né? O diálogo. Ele fala e eu falo. E eu vou desmontando as lógicas dele. E essa coisa de que então agora se perceba, vivencie comigo o que eu vou te propiciar. Eu tenho lá um mundaréu de modos, né? E de onde eu tiro? Do Yoga.(risos) Se perguntar; tiro do Yoga. Já não me deixaram por o que eu tiro do Yoga nas minhas teses. Aqui eu posso falar que eu tiro do Yoga.(risos)

Kátia: E o que acontece assim. Eu fico pensando. Ce acredita que seja então um auto-conhecimento dele que vai tá contribuindo pra ele fazer uma reconstrução da linguagem dele?

S3: Ele vai fazer uma reconstrução não da linguagem dele. Ele vai fazer uma reconstrução da posição dele como sujeito da linguagem. Ele tem uma posição como sujeito da linguagem paradoxal; absurda. Ele como sujeito da linguagem tem como princípio que ele não pode falar. Certas coisas designadas também. E por que as outras ele pode e essas não? E então ele quer fazer um controle por um jeito que não é controlado. E aí fica mau. Porque quando ele quer falar ele, sujeito da linguagem, tem receio de soltar né? Que nem uma torneira afiada, ggggg. Soltar gagueira. Então quando ele vai falar, dependendo de quem está olhando; por isso o outro. Dependendo que ele acha de quem tá olhando pra ele, bate na vergonha que ele tem de ser gago, que já emerge da certeza que ele tem de ser gago. Porque ele é estampado assim: ‘Sou.’ Então bate a vergonha. Bate a vergonha, quando ele então vai falar... Geralmente é ali que ele sente que não vai dar, mas por quê? Porque quando ele vai falar ele segura, ele faz esse movimento antagônico dentro de si. Como ele é um sujeito que está se sentindo estigmatizado por vergonha; ce veja que ao mesmo tempo que ele faz os movimentos mentais e corporais pra soltar a fala, ele tem que fazer um movi- m-en-to p-pra que segure. E ele não vê que ele faz isso. Então o trabalho não é só um auto-conhecimento. O auto-conhecimento é uma via pra ele mudar a posição que ele ocupa como sujeito do discurso dele. Não a linguagem. Porque a linguagem, ele sabe o que falar; ele tem. Mas discursar, isso de por em voz alta, por em palavras a coisa. Porque a pessoa gaga se descreve, sem problemas nenhum! Então é a posição dele de um sujeito de um discurso que ganha vida que é sonoro. Então o auto-conhecimento não é o objetivo. O auto-conhecimento é o meio pra que ele possa passar pra uma outra posição. Então eu acho que o fato do tratamento da gagueira ser eficaz é fazer o sujeito mudar a sua posição de falante. Simplesmente falando. De um falante estigmatizado, como ele se sente, para uma falante que não se sintá mais estigmatizado. Se ele parar de se sentir estigmatizado e se aceitar acabou. A tese que eu defendi; doutorado. A construção do personagem mau falante. A verdadeira coisa que eu defendi foi no meu mestrado; que foi mostrar a construção da imagem de mau falante, todos os ingredientes dela. A ideologia da cultura da não aceitação. Mas no doutorado eu defendi a tese de que, aceitar a gagueira é livrar-se da gagueira. Mas aceitar a gagueira é a mudança da posição de sujeito falante. Porque o sujeito falante que chega no consultório é um que não se acha gago, não aceita a gagueira, tá lutando com ela. E ele me trás a dor dessa luta ineficiente. E eu começo a mostrar pra ele o auto-conhecimento. Porque ela é ineficiente? Ele não faz idéia! Ele é muito magoado; muito sofrido! Porque ele luta mesmo! Não dá. Não funciona. Ele tá sempre querendo pegar a gagueira e não pega por causa disso que eu te falei agora. Quando ele quer pegar, que é quando ele vai falar, ele tem que conter isso pra pegar, quando ele contém...

Kátia: Contém fala, contém corpo, contém tudo.

S3: Aquilo que ele faz pra não ser gago é o que faz ele ser gago. Mas ele não tem a menor idéia de que isso tá acontecendo. Eu trabalho o tempo todo com uma subjetividade; no estar consciente né? Eu vou trazendo isso pra

consciência. É um caminho, sei lá. Deve ter outros. O meu caminho é esse. Eu vou trazendo pra consciência um monte de coisas que estão na consciência. Ajudando a pessoa a jogar um monte de coisas que pegavam ele e ele não sabia de onde. E até que ele muda; muda sua posição.

Kátia: Deixa eu te perguntar uma coisa que você falou aí. A questão da consciência né? Você falou que trás pra consciência. Como é que fica? Porque você fez a pós em psicologia social, né? Com os terapeutas que trabalham e que não fizeram na psicologia social? Como é que... Porque ce ficar trabalhando com a questão da consciência e você produzir... Eu fiquei pensando aqui na questão da produção científica mesmo. Você falou: 'ah, não me deixaram falar a questão do yoga. Que era o yoga.' mas é o yoga né? Porque eu percebo que esbarra nisso também. Algumas produções... E todo.

S3: Eu não sei. Eu não sei se eu entendi, mas a tua questão pra mim, se eu entendi, eu não faço esta questão. Não há possibilidade de eu me fazer questão porque eu trabalho com a consciência. Quem não trabalha com a consciência? Então essa é uma falsa questão. Então você pega uma criança com problema de leitura e escrita. E você poderá fazer o que com essa criança a não ser racionalmente mostrar pra ela o texto, o que está falhando nesse texto. Isso é trabalhar com o quê? Com a inconsciência? Tudo bate na consciência, um terreno que a gente ainda não tem controle.

Kátia: não tem fragmentação?

S3 E tudo está sendo feito consciência pra consciência. Então eu dizer que eu trabalho com a consciência não é nada de mais. E não precisa pra isso ter feito Pós em Psicologia Social. Precisa só ter a lucidez de que quando você está trabalhando com um sujeito, você tá trabalhando com uma consciência e com uma inconsciência, incluindo a sua. Você está trabalhando com a sua consciência e inconsciência. Não tem nada de mais nisso. Eu acho que o fonoaudiólogo se faz muito umas questões falsas assim. E como essa. E de repente não vê que tudo é o trabalho de consciência. Grande coisa essa coisa! Nós não estamos falando nada de mais. (risos)

Kátia: Com a questão de trabalho do corpo. Isso não acontece? Diretamente?

S3: Como?! Diretamente. Nossa!

Kátia: Como é? Fala pra mim assim, no seu trabalho. O trabalho corporal.

S3: Como que você acha que possa ser mais direto do que eu dizer: 'Olha, agora você descruza suas pernas... Primeiro vamos fazer um exercício? Uma técnica? – Vamos. – Então descruza tuas pernas... E se acomoda aqui no sofá. Coloca o travesseiro aqui atrás da cabeça... Fecha os olhos e começa a respirar profundo... Sente o ar entrando... e saindo... Agora você inala, seguuruu. Exala devagariinho... E vai repetindo isso...' Então eu to trabalhando a calma. Pondo o sujeito na calma. 'Agora você vai sentindo amolecer seus dedos dos pés...' E vou indo, vou indo. 'Teus ossos estão pesados... permita...se solta... Deixa os músculos em volta ficarem moles... E agora só existe a respiração. O canal aberto... Ce ta sentindo a respiração... Ce pode confiar nesse canal, repara. Inala... Exala... Deixa a respiração natural... Algo respira por você. Ce pode confiar...Agora nós vamos começar por a voz. Então você vai inalar e soltar. Como se estivesse falando o ó e o eme. Oooooommmmmmmmmmm...' E eu começo a fazer um monte de vezes ooooooosooooommmmmmmmm ... ooooooosooooommmmmmmmm... E eu vou falando pra ele: 'Não pára de fazer. Eu falo, você não pára. Projeta tua voz. Sente a tua voz espalhando pela sala. Acredita na tua voz. Sinta-se você mesmo.' Aí depois a gente começa com um monte de todos os movimentos, todos os sons. Daí eu continuo nessa história de acredita, confia, etc., etc. 'Depois assim de olho fechado você deixa o teu corpo. Nenhum músculo se mexe, larga. Ce vai falar, mas não vai mexer nada, nada. Então vai se deixando falar desse jeito. Vai percebendo. Se alguma coisa acontecer não tem problema. Porque às vezes a pessoa () Que aí a gente vai... Como os espasmos. Tem paciente que começa () e fala. Daí eu deixo falar. 'Ótimo... Agora relaxa... relaxa... O que você sentiu? – Eu senti uma força! Uma força que vem aqui.'(mostra com a mão). Poxa! Corpo. Corpo demais! E depois vai se criando entre a gente uma coisa assim que... É muito importante o corpo. Que eu uso demais a técnica de sentir-se falando. Sentir o movimento que você faz enquanto você o faz. Como uma estratégia pra te tirar daquela 'Oh! Vou gaguejar, o que eu faço?' Vou gaguejar agora. Okei. A idéia besta já me veio. Entre aspas. Já me veio. A próxima coisa que eu posso esperar? Aquela tensão. Inclusive também essa de corpo tem todo um pedaço que eu vou estudando as tensões da pessoa e começo a pedir pra ele fazer mas com minha ordem: 'Agora você vai dizer um a e não solta.' (representa) 'O que você sentiu? – Ah! Aquele negócio que prende aqui.' – Então vamos analisar. O que é e isso? 'Você precisa fechar aqui, pra daí a musculatura que ia indo(representa) ela fica assim. 'Então faça de novo. É disso que você tem medo. Olha só do que você tem medo. O que é isso? É a corda vocal fechando.' Então daí começa toda essa do sentir a fala. Estratégias novas que a gente vai organizando assim. Toda hora pode passar na tua cabeça: 'Não consigo falar.' Aceita. Aceita. É um condicionamento. Eu tenho o meu. Ce tem o seu. 'Não vou conseguir falar.' E começa a ter essa atitude. Opa! Eu te reconheço. Eu trabalho demais também a posição do observador. É o meu jeito de fazer o trabalho, que é com o campo psíquico. Então você se torna o observador de si mesmo. E vai percebendo então teu corpo e tua mente. Então você sabe que na tua mente é muito habitual essa informação: 'Agora eu não vou conseguir falar.' Você reconhece isso. Não queira tirar! Esse negócio de querer tirar é idiotice; não tira. Reconheça. Oh, passou. Que nem a gente tem uma obsessão. Eu uso muito essa explicação pro meu paciente. Eu penso: 'meu namorado me deu um fora Eu penso. Se eu fosse tua terapeuta eu diria: 'òh eu pensando de novo! Tiau.' Se você quer se livrar dessa obsessão pode segui essa técnica. Ce ta de novo naquele pensamento, só que você

mudou de posição. Eu te falei já na outra hora; o meu trabalho é um trabalho claramente de mudar a posição do sujeito. Então isto que eu to te exemplificando que não é de gagueira, serve pra outras coisas, é o mesmo lance, muda de posição. Naquela posição de: 'Ah, por que ele me deu um fora? Ah, por que ele me deu um fora?' Ce muda pra posição de observador de si. Oh eu ai no meu lamento de novo porque ele me deu um fora. Prossegue! Prossegue que você vai ver o efeito disso. Toda vez que você ia entra na dor, você se torna alguém que olha você querendo entrar na dor. Então é exatamente essa maneira que eu uso com os meus pacientes: 'Olha você dizendo pra você porque não consegui falar. E qual é a seqüência? Eu não consegui falar porque eu to querendo ocultar a minha imagem de gago, vai me surgir tensão. Então se você puder... Não vai ser o dia inteiro, não vai ser toda hora. Mas você reparar que toda vez que você perceber em você mesmo: 'Olha eu achando que não vou conseguir falar. Então vai me vir tensão. Onde que está a tensão?' Você vai perceber que ta no lábio, e está na língua. Então você mesmo vai poder captar o que você está fazendo. Não é que a fala não quer sair. É que sua fala não quer sair, mas porque você pondo uma baita tensão e o ar não pode sair. Então você tem o modo compreensivo de ver a si próprio. Como aquele que está p-ressionando violentamente a boca. E que fazer? Vem corpo. Pressione um pouco mais. Já não ta pressionando? Já não ta mesmo nessa amargura? Então ponha vontade nisso. / P/. E você vai ver que assim que entra voluntariamente pressionando de propósito, em seguida você abre. Abria antes também, mas antes você pressionava e não sabia o que tava te acontecendo e depois de um certo tempo abria e você falava. Agora você pressiona, se liga no que ta acontecendo e onde que ta a força, aumenta e solta você, voluntariamente. Se você começa a fazer isso por medo da gagueira, vai sumir. Some. Some.

Kátia: É. Fica um movimento consciente?

S3: É. Porque o cara sabe que quando vem aquela idéia engata nisso, ele olha pra ele e põe a vontade aquilo abre. E você que ver meus pacientes falando. Eles me explicando o que eles estão fazendo e como eles estão fazendo. E como muda a fala. Como muda de vez! O cara vai embora. Ele vira promotor público, ele vira juiz de não sei onde. Ele faz a prova. Ele vai em frente. Porque também quanto menos medo ele tem disso mais ele também assume isso de: 'Eh, vou entrar na minha veia gaguejante. E solta de propósito heim? Vocês encaram ai.

Kátia: E muda até postura, geral?

S3: Totalmente. Você entendeu? O tratamento, o auto-conhecimento é uma via. Uma via de que? Mudar a posição dele como falante. Mudou; resolveu. Claro que tem gente que é difícilimo de mudar porque ele não é flexível. Porque eu não falo as coisas que são relevantes pra eles. A gente nem sempre tem... Quanto mais eu to velha, mais é fácil. Eu vou acertando.(risos) Tanto que eu tenho a coragem de fazer isso num grupo. O tratamento não é outro porque eu tenho um grupo; é o mesmo. Mas é ---no grupo. Eu tenho a coragem de fazer num grupo. Quer dizer, a coragem de achar que eu to podendo me relacionar com todos os sujeitos ao mesmo tempo e ajudar que eles se relacionem entre eles, todos eles pra mudar o lugar.

Kátia: Você faz terapia em grupo também então?

S3: Em grupo e de graça. Lá no CEFAC. Eu sou voluntária no CEFAC. Não poder dispor de hora pra todo aquele... Eles queriam individual lógico! Eu tenho duas horas de manhã na segunda feira, quem quer entra no grupo. Atualmente eu já to com oito lá dentro. (risos) Mas de repente vira dois.(risos) Às vezes não vem ninguém, daqui a pouco tem oito.

Kátia: Deve ser uma experiência... Ce já tinha trabalhado antes com grupo?

S3: Eu já tinha trabalhado várias vezes no consultório. Tive a oportunidade de ter grupinhos. Inclusive esse meu parente que tinha gagueira foi uma das pessoas que trabalhou em grupo.

Kátia: Mas assim... O que você nota assim, no trabalho? Como é que é? Tem uma diferença? Qual que é a diferença que tem?

S3: Uma diferença que tem não é por causa do meu trabalho, porque as pessoas que vêm pra esse grupo que são muito pessoas desempregadas. Que por serem desempregadas e por serem gagas e acharem que a gagueira é o grande empecilho da vida delas e lá eles podem pagar um real, oitenta centavos, dez reais. Então eles pegam esse momento da vida deles pra: 'então vamos tratar a gagueira vai; já que não tem emprego.' Eu tenho vários alunos ali todos com essa situação de não emprego. Então uma das coisas que eu observo é que eu não tenho a oportunidade de chegar até o final do tratamento, que o final é assim porque eu digo: 'Ah você ta bom.' É porque o paciente diz: 'Não venho mais né? Porque agora ta tudo tão bom!' Tem uma fala que ele só vem contando glórias e glórias. Então isso no grupo eu posso dizer é legal porque eu não preciso mais fazer todas as etapas. Chega uma pessoa nova, cada vez mais ta assim: 'Bom gente, hoje tem um novo, então? Então já começa a apresentar, começa a dizer: 'O princípio aqui é né? O trabalho... Então cada vez mais um que já viu coisas fala pro que ta chegando. Um que já viu coisas anima o outro que ta chegando. E eu vejo que a fala quando vem de um paciente pra outro, cala muito mais fundo do que de eu conseguir, por exemplo, um resultado em pouquíssimo tempo com uma garota bem estressada, nitidamente a partir do dia em que um outro paciente disse uma

porção de coisas pra ela. Que era possível sim, que ela poderia sim, mais não sei o que. Nossa! Aquilo foi o máximo! Porque tem aquela semelhante, por mais que a gente é terapeuta e fica também falando de sofrimentos...

Kátia: Hierarquicamente...

S3: É. Então tem isso de facilitar. Mas nesse grupo particular que eu atendo tem essa questão que inúmeros pacientes ficam comigo um tempo e há um tempo de uma des-repressão porque a gente tá falando da sociedade, do estigma, do que eu acho de mim, porque que eu acho isso e tal. Então a pessoa vai começando a achar que é possível estar no meio dos outros e gaguejar e assumir sua gagueira e não se sentir um capacho por causa disso. Porque é o primeiro degrau. Eu não vou conseguir chegar nos outros se eu não resolver esse. Então eles vão pras entrevistas, estas coisas, e daí a pouco ligam dizendo: 'Bom consegui emprego e não volto mais. Não posso voltar mais. Não tenho essa hora.' Então a maior peculiaridade, são três anos que eu to lá que eu peguei foi essa. Já tive uma paciente que tinha bastante tempo, ela começou individual e depois não tinha grana e foi pro grupo. E ficou, ficou, ficou, até o momento que não ela não tinha mais conflitos pra falar e ela se despediu. Mas praticamente nesses três anos ela foi a única que se deu alta. Que é o que eu espero, que o paciente se dê alta. Os outros tão vindo. Trabalho de gagueira é longo. Longo porque é difícil mudar tua posição de sujeito. E muitos foram embora porque conseguiram emprego.

Kátia: O que assim, acho que um pouco você já colocou quando você fala um pouco da sua trajetória, contribuiu pra você ter a visão que ce tem hoje profissionalmente. Quer dizer, não dá pra separar assim. Profissional do pessoa(risos). Mas o que contribuiu pra que você tivesse essa visão que você tem hoje?

S3: Se eu tivesse que escolher o que contribuiu?

Kátia: É. O que você percebe assim que foi... Bom, a visão que você tem do seu trabalho. Por exemplo, você colocou pra mim questão do relaxamento, que você percebe que hoje não é por ai. Então você tem uma construção hoje. Você tá falando pra mim: ' ah, cada vez que eu fico mais velha e tal (risos). O que você acha que contribuiu? Acho que talvez seja eleger alguma coisa.

S3: Eu não sei o que você tá querendo saber. Ce sabe cada pessoa tem toda uma história peculiar e segue caminhos variados. A pessoa que eu sou, hoje, do modo que eu vejo teve uma contribuição em primeiro lugar de ter feito o curso de fonoaudiologia que me pos neste ofício. De pensar a linguagem e claramente, a gagueira, porque com certeza, dentro do campo da fonoaudiologia, o máximo de tempo eu invisto em gagueira. Nesse tipo de atendimento, pra esse tipo de pessoa. É a obra da minha vida. E o resto, eu trabalho horas e horas na Puc. Eu sou professora de Filosofia da Ciência. Veja bem. Em Metodologia da Pesquisa. Isso eu trouxe do meu doutorado que me deu conhecimentos que me permitiram almejar, a ensinar esse tipo de coisas. E esse tipo de conhecimento eu acho que me ajudaram muito a ter um pensamento lógico. Claro. A ter consciência do que é um dado tratado cientificamente. Do que é intuitivo, certo? Isso. Mas nem é isso que você me perguntou. Então a concepção que eu tenho como fonoaudióloga tem um toque imenso da minha formação mestrado, doutorado em Psicologia Social de um lado. De igual peso o fato de eu ser uma yoguine. Que pode talvez não significar quase nada pra o mundo acadêmico. Porque o Yoga não é uma disciplina. E se eu falo Psicologia Social: ' Oh! Tem pós-graduação.' Se eu falo Yoga. Falam: ' Não tem nada.' Mas o Yoga é um sistema de conhecimento muito profundo, que trata com muita perspicácia a parte psicológica; o que é a mente humana. Como lidar com a mente. E não é em nada contrário ao que eu aprendi na psicologia social. Por isso talvez que eu fui pra Psicologia Social; de vocação dialética-histórica. Não é? Porque você pode ter uma psicologia social positivista. Tem tudo a ver com o que eu te falei. De poder ter uma compreensão de como a relação do eu com o outro é constitutiva do eu. O eu tem o outro dentro de si. E esse outro não é só a outra pessoa. É a sociedade com todos os seus valores que vão formatando a nossa mente dentro de uma concepção. Por exemplo, capitalista judaico-cristã. Que é totalmente repressiva, punitiva, cobrativa. Por mais incrível que você possa achar, Yoga fala disso. Yoga fala da mente, dos condicionamentos, malha o mundo das ilusões porque a sociedade constituída. Que podia ser assim, podia ser de outro modo, e de outro e de outro. Ce tem uma grande ilusão. Mas a nossa mente é inteiramente formatada em cima disso, e ela tem mecanismos. Então eu não preciso falar de Yoga porque a Psicologia Social me permite falar como eu falei em outros tempos das representações mentais. Não querendo entender como significa hoje. Como se fosse assim, chapado. Eu acho que se lendo textos e lendo os textos que eu li nós usávamos o termo representação, bem como se usa hoje o, sentido. Entre pessoas se cria sentido. O sentido vai mudando. Então a gente usava a palavra representação porque de fato o homem representa a realidade externa. Tem coisas dessa representação que grudam. Tem coisas dessa representação que se movem. E sempre essas representações podem ser mexidas de algum modo. Isto abre espaço para terapia, o modo de mover, não é? Pelas outras novas interações e pelo diálogo que vai agregando novos sentidos você vai podendo mudar o sentido. Então eu tenho isso da Psicologia Social. E concomitantemente do campo de conhecimento do Yoga. E a Psicologia Social, eu pelo menos não estudei nada sobre corpo lá. Tudo que eu trago da relação corpo mente, porque não existe um corpo, existe o corpo-mente; é totalmente do fato de eu ser uma yoguine e de tudo que eu... Eu sou uma professora de yoga não sou uma yoguine assim. Não é que eu faço aula de yoga. Eu sou professora formada de yoga. Dou aula de yoga pras pessoas. Aliás o projeto é aposentar e dar cada vez mais aulas de yoga. Não deixar de atender gogos, mas deixar de ser acadêmica. E uma prática de yoga que eu desenvolvo com meus alunos, ela é o tempo inteiro um trabalho de mudança de posição do sujeito que os meus alunos são. De trazê-los pra consciência da mente

inquieta que pensa, que pensa, que pensa. E ajudá-los a aprender a silenciar a mente. Quer dizer, basicamente eu ensino meditação. Sair da mente. E pra isso você tem que ta muito em paz com o corpo, o corpo tem que ta em equilíbrio, --- em equilíbrio. Você tem que estar bem no corpo, estável no corpo, que a mente fica como seu corpo. Então a prática do yoga, do hata yoga, do kundalini, eu sou professora de kundalini yoga. O título que eu tenho é de kundalini. É o curso que eu mais gostei de fazer. Permite que você esteja como o teu corpo de modo que você pode ficar bem com tua mente. É mais fácil ficar bem com o corpo do que com a mente. Então eu cruzo essas duas coisas.

Kátia: Você dá aula aqui mesmo na sua casa?

S3: Não. Atualmente eu dou aula numa escola de natação ali, aqui pertinho, no bairro. Uma escola que chama Mundo Azul. E lá eu tenho um grupo de Yoga.

Kátia: Você falou das suas alunas. Você acha que seria... Como você vê nas grades curriculares, você acha que seria importante ter uma disciplina que abordasse o corpo?

S3: Se eu não to enganada é obrigatório no currículo de fonoaudiologia, uma disciplina que aborda o corpo. Pelo menos na PUC nós temos desde sempre.

Kátia: Não. Não é obrigatório.

S3: Não?

Kátia: Não..

S3: Eu já fui anos e anos professora de Abordagem Corporal na Fonoaudiologia da PUC.

Kátia: Como que é a abordagem corporal lá na PUC-SP? Em Goiânia também tem abordagem corporal, mas a Aordagem corporal que tem. Bom, posso falar da minha época. Eles ensinavam a forma como vai abordar a família o paciente, no caso.

S3: É? Não. NA PUC.

Kátia: Era pura e exclusivamente isso. A questão do auto-conhecimento, do corpo, do seu corpo, de perceber o seu corpo

S3: Na PUC a aula de Abordagem Corporal é feita numa sala especial, não há carteiras.

Kátia: É. Lá é também.

S3: E a gente faz abordagem corporal. A gente ensina o aluno a conduzir um relaxamento verbal, que é o que eu mais uso. Eu não toco no meu paciente, raramente. Mas eu faço ele viajar no corpo inteiro. Só com o discurso. Sinta isso, sinta aquilo. Assim como a aula de yoga. Eu dou a aula de yoga pra você, eu faço tudo e faço você sentir seu corpo inteiro. Eu falo: 'Agora você se dobra e vai percebendo o alongamento das suas cervicais. Presta atenção na relação entre os teus ísquios e os teus calcanhares.' Quanto mais você sobe os ísquios sua mão desce e alinha. Então eu tenho uma habilidade também de ter ouvido. Eu vou falando você sente tudo no teu corpo. Então desde essa técnica, ensinar o aluno tom de voz; como ele tem que refletir; sentir o próprio corpo pra poder falar a frase fácil. Eu não vou começar a conduzir e ficar titubiando. Sinta é seu o ísquio, quer dizer o... Não. Eu tenho que sair com a frase. Perceba os teus ísquios como eles estão alinhados com os calcanhares. Sinta um eixo perpendicular ao chão entre seus ísquios e seus calcanhares. Então eu vou ensinando essa técnica do falar, do tom de voz, da monotonia, da não monotonia, como conduzir. Eu faço, vou pro chão, massageio o carinha, ensino ele a pegar no corpo do outro, a fazer massagem. Eu sei fazer isso. Não gosto, mas eu sei fazer. Na minha família. 'Mãe me dá massagem. (risos) Então a gente vai lá. Nosso curso é assim. Massagem no pé, massagem no corpo todo, tipos de massagem, relaxamentos de Jacobson, tensão, solta. Uma infinidades de relaxamentos. Em livros. E a gente aprende técnicas de abordar o corpo. Inclusive vai chegar então nessa coisa dos movimentos. Levo material, slides pro paciente ver, lousa, mapinhas. Então sentir todo o teu corpo, sentir a produção vocal, sentir o ataque brusco, sentir o ataque suave. Tudo o que você imaginar que o corpo possa fazer eu procurava dar na disciplina. Tinha uma colega psicóloga que eu vivia combatendo a pobre coitada. Eu falava: 'O que essa mulher faz aqui?' Ta certo? (risos) Até esse pedaço da disciplina eu até entendo, mas dali pra frente, ela não dá pras alunas! E eu acho que não pode. Como é que...

Kátia: Ela é psicóloga que dá?

S3: Então. Eu sou contra isso. Porque eu acho que na abordagem corporal a gente ter que vivenciar com os alunos aquilo que a gente vai querer vivenciar com o paciente. O cara tem que ter essa vivência.

Kátia: ã hã.

S3: Então vivência articulatória. Brincar com a dicção. Descobrir porque que eu posso falar assim com sotaque. Como que eu faço uma coisa dessas? (fala com sotaque) Eu acho que o fono tem que ser assim um *expert* em tudo isso. Eu sou uma pessoa que, eu nem sou do sistema sensorio-motor-oral. Mas eu quando escuto alguém fala e eu posso te dizer que boca é essa. Isso vem de uma forte viagem dentro da boca.

Kátia: Hum rum.

S3: Eu acho que tem que trabalhar essa dimensão corporal com o fono.

Kátia: Essa viagem também vem do yoga? Como é isso daí?

S3: Não eu acho que é o contrário. Eu sou do yoga do tanto que eu curto isso. A primeira vez que eu fiz uma aula de yoga eu acho que já tava na fono. Foi depois, mil novecentos e setenta e quatro. Eu chorei a aula inteira do tanto que eu achei uma dádiva Divina estar fazendo aquilo. Eu não acreditava. Eu pensava: 'Meu Deus se eu soubesse que isso aqui existia eu estava aqui de velho. O tanto que a minha amiga insistiu: ' vamos fazer yoga. Vamo fazer yoga. E assim eu pensava: ' Yoga; esse pessoal que fica com essas doutrinas. Eu não.' Mas depois eu descobri que tinha uma escoliose e eu precisava fazer exercícios. E eu detesto ginástica! Aeróbica, Nossa Senhora! Eu to fora. Eu vou fazer yoga então.(risos) E foi aí que eu entrei. Na verdade eu tenho muito gosto por essa coisa assim sabe? A sensibilidade corporal. A dança, o gesto, o movimento. Eu gostaria de ter aprendido dança, nunca aprendi. Então isso que me levou pro yoga pela pequena faceta dele que é o hata.

Kátia: O que é o hata?

S3: Hata yoga porque o yoga como todos os sistemas ele tem muito capítulos vamos dizer. Hata Yoga é o conhecimento do corpo. Tudo aquilo que ta na moda. Que você vê. Então... essa é a postura da árvore.(demonstra). A hata yoga é uma seqüência de posturas. São todas as posturas que o corpo humano pode fazer. De equilíbrios, de forças, de alongamentos. Lentos no jeito de fazer, tudo lento. Se bem que a Kundali é...(expira forte e rápido)

Kátia: Eu não sabia que a kundali... Ela é uma vertente do yoga?

S3: A kundali é uma vertente do yoga. Então o hata trata do corpo. O bakta trata da devoção. Totalmente religiosidade. Haja, mente. A mente com suas coisas que grudam. É a descrição de como é a mente humana e um monte de técnicas sempre pra parar a mente. Porque o yoga é a união mente-corpo-espírito. E você sófica unida quando você silencia. Porque a tua mente quando fica barara barara barara, ta te dispersando. Pra cá, pra lá, tenho que ir... É dispersão. Fecha. Silencia. E você entra numa harmonia mente-corpo-espírito. Então o que o yoga visa é isso; uma união. Esse auto-conhecimento esse centramento do ser humano ao longo da vida. E todas as partes do yoga visam esse mesmo fim. Visam te tornar um ser iluminado. E a iluminação depende desse silêncio. Um ser iluminado é um ser que; silêncio, sempre. Então ele é absolutamente neutro, sem angústia. Um ser diferente aí. Não sou eu.

Kátia: Como é que você percebe a repercussão do seu trabalho? Assim, as respostas comas pessoas que você já atendeu...

S3: Pacientes?

Kátia: Também. E profissionalmente. Como é que você percebe essa resposta?

S3: Pra mim? Só se eu tiver muito iludida.(risos) Muito boa. Muito boa. Obviamente que com o passar do tempo. Eu acho que quando eu era jovenzinha eu fiz muita burrada, não sabia. Sei lá! Os pacientes sumiam. Os pacientes também não ficam aí te dando resposta o tempo todo. Mas eu acho que com o passar do tempo com o meu aprimoramento constante na compreensão disso. Sabe, se você quer compreender muita coisa ce tem menos chance. Como eu só quis compreender uma, a gagueira, ajudou. Porque daí ficou menos complexo. Então eu pude entender bastante dessa uma coisa. Então eu percebo que com o passar dos anos cada vez é mais fácil e mais claro pra mim o que fazer com o paciente. Eu acho que eu tenho a repercussão assim, na frente dos meus olhos. Eu pego aquela pessoa angustiada, mal, sofrida, e em alguns meses essa pessoa volta e vai me contando de como ela ta bem. Além de ter dados assim, eu posso puxar ali a cartinha de um, a cartinha de outro, coisas que me são dadas como presente. De repente alguém passa três anos e me escreve: 'Olha, você pensa que eu te esqueci? Não te esqueci não. Queria te contar que eu fiz isso, fiz aquilo, falei não sei onde, não tive medo. Você foi fundamental. Muitas cartas desse tipo. Muitas mas não tantas de tantos pacientes que eu tive. Então eu acho que eu posso dizer com honestidade mesmo que as pessoas que eu atendo melhoram. Melhoram bastante, têm uma atitude de gratidão. Outro dia mesmo uma mãe de um paciente que eu acompanho ele desde os onze anos. Mas com onze anos eu fiz assim umas quatro sessões e um menino metido a sabidinho. Aí acho que eu comecei a repetir e ele falou: ' - Não. Isso você já me falou.' Mais, o que mais? - Acho que eu não tenho mais. - Então já ta bom, eu não venho mais.' E a mãe: ' Ah, meu filho.' Ele faz: ' c c c.' Ele é um cara disfluente, e ela custa entender isso. E você vê, isso é uma repercussão. Nunca eles procuraram outro terapeuta. Hoje ele ta com dezessete anos. Ele agora quis falar comigo. E ele ta num quadro de gagueira sofrimento sem que tenha uma fala muito problemática. Ele tem lá as diffluências dele, e ele ta começando a antecipar, a

fazer. Quer dizer que esses anos todos foi bem com o que ele conversou comigo. A mãe nunca deixou de achar que o que eu tava falando tinha sentido. Sempre toreado comigo: 'Será que não tem um jeito dele parar de fazer isso?' E agora ele voltou. E ela me liga pra dizer que, primeiro, que nessa segunda consulta ela ficou estarecida. Que eu fiz essa técnica de relaxamento. Que ela ficou estarecida que ele tava falando tão bem. E que ela não tava preocupada porque agora que já passou duas semanas e ele não veio, ele tava gaguejando de novo. Mas o que ela viu acontecer já mostra pra ela que tem algo a acontecer. Eu mesma fiquei pasma. E que ele falou assim pra ela: 'Mãe, essa doutora S9, ela é tão esperta! Ela me entende tanto!' (risos) Porque eu fiquei desmontando as lógicas dele. Eu dizia: 'Escuta M., se você é assim, como assim?' É inteligente, que é danado. Então olha pra mim isso eu agradeço todos os dias porque eu sou uma pessoa que tenho muita devoção. Eu agradeço A Deus porque isso é um presente que essa vida me deu. Eu estudar isso, eu aprender um monte de coisa, e eu saber que elas são efetivas. Por quê? Não porque eu quero, mas porque elas fazem o bem pra quem ta comigo. Então eles me mostram que é efetivo. Então tudo que eu faço eu aprendi com eles. Foi perguntando, e perguntando e pensando, e pensando e ouvindo que eu fui entendendo desse jeito, junto com eles. Tudo que eu escrevi, assim as grandes coisas sempre foram com pacientes junto comigo. Então foi com eles que eu aprendi tudo. Então eu não podia aprender errado. Eu acho que tem um repercussão bastante boa. O que não quer dizer que não tenha coisas muito melhores para serem feitas. Recentemente a Regina Freire, a Nadir Azevedo escreveram um trabalho, pautado na Nadir Azevedo que por sua vez seguia mesmo o meu trabalho, mas ela foi orientada pela Regina que ela pode agregar uma série de explicações muito bacanas pra aquilo que eu chamo de situações de paradoxo. Regina Freire nem clínica, mas ela ta apoiada na clínica da Nadir. Foi ótimo, ótimo! E profissionalmente também. Também pela falta de outros, e pelo fato de eu ter publicado no mestrado, no doutorado, eu vou pro nordeste, assim ultimamente eu comecei ir pro nordeste. Puxa vida, eu descobri que meu livro é um livro didático! Todo mundo lê. O pessoal acha que eu sou uma grande coisa.(risos) É engraçado; quando a gente chega. É engraçada essa sensação.(risos) Então é uma repercussão maravilhosa. As pessoas realmente lêem e conhecem. Se tornou assim, um hábito. Eu sou consciente, porque também não tinha outro(risos) ta certo? Então, escreveu. Mas porque tinha uma originalidade, um pensamento logicamente. Ce vê, meu trabalho deu uma repercussão assim, eu tenho vários e-mails assim, de várias pessoas. Provavelmente não têm grana pra vir ao consultório. Também tem muitos que ficam longe, e eles falam: 'Sou gago, encontrei seus livros, adorei o que a senhora escreveu. Tem tudo a ver. Me encontrei pra caramba. E me fazem perguntas. Um por exemplo, ele sacou o proprioceptivo, esse trabalho corporal que eu faço, e ele queria que eu desse uma dica, alguma coisa pra ele sobre como ele pode trabalhar a propriocepção. E isso vai criando vínculos. Porque o cara vai me mandando e-mails eu mando uma resposta. Passa um tempo ele manda outro e-mail. Eu tenho um livro que sumiu ai que é 'Cartas com um paciente', e agora via e-mail, eu to começando a ter de novo uma coisa assim sabe? Tem uma mãe que eu acompanhei vários telefonemas e e-mails. Uma criança que quando nasceu um filhinho, o outro ficou muito gaguejante e ela não conseguia. Então nós ficamos conversando. Ai um dia o pai me escreveu. Então, tem essa repercussão. Pessoas que ouvem falar, que lêem, Catam na prateleira e dizem poxa! Essa pessoa. O mais recente livro que eu publiquei foi com a Cláudia Cunha, que chama 'Gagueira e subjetividade'. Lá tem vários autores escrevendo. Um dia desses eu recebi um e-mail, um rapaz dizendo: 'eu comprei um livro organizado pela senhora e por Cláudia Cunha, Gagueira e subjetividade, li o livro que eu achei mais bacana foi o seu, a história do Amadeu. Ali sim eu encontrei alguma coisa que me interessa..Então, eu não posso me queixar de nada. Tem uma repercussão legal entre os colegas. Tanto que eu me dei o trabalho esse ano, a editora me chamou pra nova edição do Gagueira-origem e tratamento, e perguntou se eu queria corrigir. Eu disse: 'Ah quero.' Quando eu leio eu nem suporto aquele livro.(risos) Eu corrigi, revi, reescrevi ele inteirinho, do jeito que pra mim faz mais sentido hoje. Eu não mudei o conteúdo, mas eu escrevi e mudei palavras e palavras e palavras. Um monte assim. Porque eu acho que esse é o livro mais lido.

Kátia: E daí você vai relançar?

S3: Deve ta saindo. Não tenho data. A gente combinou ele vai sair do mesmo jeito. Ele vai sair com a capinha branca pra não descaracterizar. Só que aqui, eles vão por outra cor. Primeiro eu tinha falado pra fazer do avesso vermelho com branquinho, depois ele falou que achava que tinha mais nexo branco e por verdinho ou azul. Foi inteiramente repensado o conteúdo ficando. Eu usava muita palavra behaviorista sem me dar conta.

Kátia: É mesmo? Era o momento também?

S3: Era o momento. Eu dei uma limpada total nisso daí. Ficou melhor.

Kátia: Eu fico pensando assim... Quando você fala da influência do yoga... Dá uma visão. Porque o que eu percebo é que a maior parte dos cursos de graduação em fonoaudiologia tem uma visão muito positivista. Muito técnica. E ai consequentemente se você não tem outros elementos pra ta preenchendo aquilo ali, ce termina puramente técnico também. E pelo que me parece da sua trajetória foi diferente isso.

S3: Ah sim. Olhando por esse ângulo eu diria que, logo de cara eu não me identifiquei com o positivismo. Sem saber, com a Iara Araújo eu entrei no que seria o paradigma explicativo-compreensivo. Ce tem o paradigma das ciências naturais, positivista. Quando eu comecei a trabalhar no curso de fono que eu fiz ainda era esse o paradigma. Ninguém, não tinha nascido o interacionismo. Eu cheguei a fazer um curso com a Cláudia Lemos que eu nem tinha entendido muito o curso. Mas não era o interacionismo. O interacionismo não é o positivismo. É algo da vertente histórico-dialética. Eu não sabia nada disso, mas com a Iara, hoje... Na época eu sabia que eu encontrei alguém que tava falando o que eu gostaria de ouvir.

E hoje eu sei que é uma mudança de paradigma. Então ela entrou num paradigma que não é o das ciências naturais. É o paradigma das ciências sociais que a gente genericamente pode chamar ele de compreensivo-interpretativo. Compreendo e interpreto e sei que interpreto e ta tudo bem.. E depois, no pós graduação, eu claramente entrei no paradigma histórico-dialético. Eu tinha aulas com a professora Irai Caroni. Iraicaroni é uma das sumidades brasileiras e acho que até internacional, no conhecimento sobre a dialética-histórica. E ela dava aula sobre as idéias de Marx. Nossa! Era uma aula que... Eu bebia aquelas aulas. A mulher era boa demais, demais da conta! Então mostrava pra gente toda genialidade do pensamento marxista. Claro que eu sei que ele tem furos. Mas a genialidade de entender que a coisa em senão deixa ver o processo que está por trás. Essa é a visão dialética-histórica. Você tem algo, por exemplo, a gagueira. E parece incrível né? Porque nas aulas de Irai Caroni eu escrevi o meu ante projeto de tudo o que eu escrevi hoje em dia. Até hoje. Que foi escrever sobre a gagueira a partir das aulas de Marx. Que até comecei assim: ' Ce vai achar esquisito, mas tem tudo a ver.' E ela gostou quando me deu lá um nove que não é pouca coisa. Então ela mostrava pra gente esse fator. As coisas em si elas não são transparentes, e não se mostram. Então pra você entender as coisas você tem que dar um de *tour*, você tem compreender as outras determinantes que fazem parte, a historicidade que ta envolvendo aquilo. A gente costuma falar que ta por trás mas ele não ta por trás. Só que não é visível a historicidade. Então em Marx a gente aprendia que algo como isso, um óculos, não é só essa peça. É trabalho humano; sofrimento, salário, mais valia. E isso foi o início do discurso que eu queria certo? O comportamento manifesto da gagueira, que era como eu falava, tem toda uma história de relações vividas por trás, que vão desembocar, que vêm de uma ideologia do bem falar que vão desembocar na constituição de uma imagem como mau falante. Então a teoria que eu faço sobre gagueira é uma teoria de personalidade. Eu pego a teoria da identidade, os personagens, tal, isso já no doutorado. Então, mostrando o tipo, o personagem mau falante que o nome do meu doutorado. A constituição, uma teoria de personalidade. Então, claramente eu fui me filiar ao paradigma histórico-dialético. Porque hoje em dia eu dou aula disso. Objeto simples; o positivismo é maravilhoso! Não é isso que o positivismo não presta!

Kátia: É. Não é uma negação ?

S3: Ele é um método para um fim. Todo método é para um fim. Então, puxa se eu quero estudar a pele não precisa ser dialético. Num estudo dialético eu posso entender a importância da cor da pele, a negritude como concebendo preconceito, mil coisas assim. Então é um tipo de estudo. Pra isso seria o estudo dialético da pele. Mas se eu quiser estudar a matéria pele, por favor! Só no positivismo é possível. Porque eu tenho que isolar, pegar a célula ver o que é isso. Entende? Então é compreender pra que cada método. Objetos complexos precisam de métodos compreensivos-interpretativos, dialético-histórico. O meu objeto era complexo. Objeto que eu não digo nem a gagueira; a fala. A última coisa que eu produzi é um capítulo sobre fluência pra o livro 'Tratado de Gagueira' que vai sair agora no novo tratado. Me encomendaram que eu abordasse a fluência na dimensão social. Ta bom, é na dimensão social? Então é psico-social. Então eu começo dizendo isso. A di9fluência não é um fenômeno porque o fenômeno pode ser marcado e reproduzido e a fala humana, eu não acredito nisso. Eu to falando agora assim, noutro lugar eu posso falar diferente, eu fluo.. Porque eu to mostrando que a fala e a fluência são acontecimentos. Porque vão variar de acordo com as circunstâncias, os locais e tal. E ai eu vou criticando a visão naturalizada, naturalista, das ciências naturais da fala, e contagens de fonemas e tal. E o que isso provoca e tem um pouco a ver com aquele artigo ali. E vou desenvolvendo a visão da fluência como um acontecimento e entrando na teorização da fluência, dos problemas de fluência na gagueira. Então totalmente claro que eu sou dessa posição dialético-histórico que vem do programa de psicologia social que eu fiz. Que era dialética-histórica.

Kátia: Você falou que acha que no marxismo tem alguns furos. Quais furos que você percebe?

S3: É; no marxismo um furo. Porque eu estudo Pedro Demo e eu gosto porque eu dou aula disso. Então Pedro Demo mostra junto com outros autores que o Marx entendia que a infraestrutura na economia era o responsável por todo o movimento social e do mundo. Porque ao fazer isso ele reduz o próprio sujeito que movimentam a sociedade. As idéias, as ideologias também movimentam, então era uma visão parcial. E por isso também, ele enganadamente pensou que quando se resolvesse o problema da infraestrutura, que ficasse tudo comum. O comunismo e tal, o conflito da humanidade terminaria. O Marx desenvolveu isso claramente. Que quando o proletariado assumisse o poder e não fosse classe oprimida; como que seria assim, o fim da história, aí nós entraríamos num mar de..., sei lá, num paraíso. Não teria mais o que se opor e tal. Foi porque naquela época ele só conseguiu enxergar até aí. Então ele fez a utopia, a ilusão de que se o proletariado ganhasse o poder, e veja hoje. No século vinte e um que tudo isso foi um... A própria Rússia virou um grande fascismo com as próprias idéias de Marx. Veja o que o mundo pode fazer com as idéias. Então Marx tava enganado com relação a esses prognósticos, e essa visão de que a infraestrutura é que sustenta tudo. Como o Pedro Demo fala, ele tirou o sujeito da história. A infraestrutura é as condições básicas de vida. Se você tem água, não tem água, tem calçamento. Cadê o sujeito? Isso é o que eu posso te dizer. Eu sempre falo isso: 'Eu mesma não sou filósofa (risos). Eu estudo um pouco, igual todos. Então é isso que eu consigo falar dos estudos de Marx. Masque não tem nada a ver com a idéia básica de entender as coisas na sua história-dialética. Isso gerou um outro modo de fazer ciência.

Kátia: eu tava querendo era conhecer o que você pensa a respeito disso porque eu também penso algumas coisas e tenho algumas questões aqui...eu acho que a gente chegou ao fim.

S3: Que bom, perguntou tanta coisa.

Kátia: você quer colocar alguma coisa?

S3: Não.

Kátia: Alguma coisa que você queira falar mesmo... Que você acha que seria interessante.

S3: Gostei de ser entrevistada por você. (risos) Foi uma entrevista legal. Não. Eu respondo o que você está me perguntando porque, de verdade, eu nem sei o que você está. Imagino que você queira conhecer um pouco a característica do meu trabalho com gagueira e como é que eu cheguei nele. Então, eu acho que ce me deu uma oportunidade de falar demais.

Kátia: É. Eu to querendo ver assim realmente as concepções né? Concepções e práticas mesmo. Até onde que o corpo ta envolvido nisso. Quais as concepções de corpo e práticas corporais e tal. Como é que isso ta circulando na fonoaudiologia, o que as pessoas estão pensando disso. Então eu to querendo ver isso e fazer uma discussão.

S3: Eu acho que o que eu poderia dizer e não disse é que a minha concepção de corpo é uma concepção de corpo simbólico. Eu não tomo o corpo pelo corpo justamente porque eu to na direção histórico-dialética. Então o corpo é um corpo simbólico. É aquilo que tá na cabeça da pessoa sobre o corpo dela. Quem escreve bastante sobre isso acho que é uma psicanalista chamada François Dolto, 'A imagem psíquica do corpo' eu tenho esse livro. Eu sou inteiramente partidária disso. Então, o sujeito tem o corpo que ele pensa que ele tem. Daí a minha questão com o gago. Ele sente que ele não consegue falar, mas ele não sabe nada do que o corpo dele ta fazendo. Então, na verdade, ele não consegue articular isso daí. Ele vive acabado porque de repente a fala dele não quer sair. E não quer mesmo. Experimenta você fechar tua corda vocal e querer falar ao mesmo tempo. Então ele tem esse tem esse corpo simbólico dele, eu não sei, parece que é um vão. Um vácuo que acontece. Ele não sabe nem de onde vem a fala, quanto mais porque que ele não consegue falar. Aparentemente é tão simples. To fechando aqui. Ce precisa ter muito jeito pra apresentar isso porque se você apresenta isso de mau jeito a pessoa... vai embora, pode se ofender com você. Tem que ter muito carinho, muito cuidado. Se você tem esse jeito de dar a luz pra isso, aí é o contrário, é um momento incrível na terapia, ilumina. Então é isso que eu vejo, o corpo simbólico. O corpo que eu penso que eu tenho. Tudo o que eu penso sobre sinto ou não sinto. Então eu trabalho com esse corpo simbólico. Por isso que o diálogo com palavras, eu penso, você pensa, a gente vai trocando é semelhante ao que eu faço com o corpo; ele também é um diálogo. Mas ele é um diálogo que, principalmente, eu ajudo o sujeito a ter consigo. Porque o que ele precisa é dialogar com seu próprio corpo, descobrir o corpo que ele não ta vendo que ele tem. Então eu vou trabalhando esse corpo simbólico dele. Tudo isso que eu fiquei te retratando: 'fecha os olhos, sente...' o que é senão o corpo ganhando mais espaço simbólico dentro dele. Precisando, porque ele queria tanto resolver a gagueira. Então, 'A imagem inconsciente do corpo' da François Dolto é muito interessante porque no primeiro capítulo ela vai fazer dois conceitos, que ela fala corpo socializado. Que é a imagem do teu corpo; tem braço, tem perna, tal. E do corpo simbólico, como um exemplo do que ela ta querendo dizer, que é um exemplo dela, tipo assim, uma pessoa pode sofrer um acidente e perder as perna, mas ela pode ter o corpo simbólico com as pernas. Ela pode ter a vivência psicológica das pernas dela. Tanto que a pessoa tem dores em parte do corpo que não tem. E ela também vai trabalhar a idéia de que uma pessoa aleijada, a gente deve ajuda-la a ter uma imagem simbólica do corpo sadia. Não precisa ter uma imagem aleijada. Isso eu poderia pensar em gagueira. A pessoa gaga, ela tem uma trajetória de experiências como: eu e o outro. Eu com o outro. Que ele passa a ter uma imagem aleijada da fala dele. E a fala, ele não sabe onde ela está. Literalmente. Porque ninguém sabe onde ela está. Mas ele acha muito que está no corpo porque é no corpo ele tenta segurar a fala que não está saindo. Então eu procuro trabalhar com ele isso, essa imagem aleijada que ele tem do corpo, do corpo que fala, mostrando pra ele por exemplo, uma coisa que eu trabalho direto, que a gagueira não é nada a menos no corpo, é sempre a mais. Que se ele puder enxergar esse a mais, ele vai ver que ele não só não ta aleijado, como que ele faz uma coisa doida; que onde ele pensa que não dá, ele logo faz bastante. Eu tinha uma paciente que ela falava assim ó: ' ttttttt telefone cccccc Então um dia nós tivemos essa conversa. O que você ta sentindo fulana? Na hora que vem que você ta fazendo isso, dentro de você o que é que ta? Então o que ela me revelou que o que ta é que ela não vai conseguir falar o /t/ o /c/. Ela me revelou que aquele som que ela fica virando o olho, dentro dela é não consigo falar isso. São técnicas. Eu faço assim uma cara de huum, nossa... (risos) Dá um tempo entendeu? Mesmo?! A pessoa vai ficando assim... Não porque eu não to entendendo. Porque é isso? Você não vai conseguir falar o /t/, mas olha o que você ta falando! Que eu to vendo pelo menos. T de pacoteeira tttttttt. E a pessoa Ahh! É mesmo! Entende? Isso é corpo! Nós estamos só conversando assim de repente! É totalmente corpo! É uma pessoa se dar conta de que uma pessoa que a cabeça dela ta dizendo pra ela que não consegue fazer uma coisa ela não está minimamente vendo que a cabeça dela ta dizendo pra ela que não consegue fazer, ela ta fazendo sem parar. E quando ela percebeu isso, óbvio que esse ttttttt mudou totalmente. Então tem tudo a ver com esse conceito. Eu já trabalhava com isso antes, e um dia eu li Dolto e disse: ' Opa! Agora eu posso citar o autor.' (risos)

Kátia: É uma libertação?(risos)

S3: É. E às vezes as pessoas pensam: ' Ela leu Dolto e então ela aplicou.' Não Eu já usei isso faz tempo. Eu continuo dizendo: 'É porque eu sou yogue, yoguine. Tenho uma baita vivência de corpo e mente que intuo as coisas, sei lá. Ai as alunas: 'Professora lê isso aqui, a senhora vai adorar.' Porque elas meu livro(?) me ouvindo(?) elas lêem. Aí eu leio e falo

oba! --- Mas você como faz sentido mesmo, é científico. Cai em si com um negócio desses. Isso funciona com todos o tempo todo. De um jeito ou de outro, a gente vai caminhando e conforme eu vou fazendo a pessoa captar no seu corpo como é que é que a pessoa é, entrar na compreensão de que 'eu sou o meu corpo'. Quem é o meu corpo? Sou eu. As pessoas vão mudando profundamente. Eu to com um paciente, ele já ta comigo a vários anos.

Ele falta, falta de novo, ele vem. Mas ele já é paciente de terapeuta, terapeuta, terapeuta. E ele é um paciente que vai no psiquiatra, que toma coisas pra não ficar deprimido, uma figura. E o papo dele é assim: 'Eu não tenho jeito.' Olha, você precisa de ver esse homem hoje. Você precisa ver esse cara hoje. Primeiro que ele parou de auto se punir com a gagueira de montão como ele se punia. Ele até um caderno comprou pra escrever o que eu falo pra ver se não esquece(risos). E tem isso da escrita sabe? Que a [...] que uma *expert* em escrita ta me fazendo pensar nisso. Ela me convidou pra falar da escrita na terapia.. Ah! Eu tenho uns e-mails. - Nossa! - Nossa! Primeira coisa que eu falei isso; como vários pacientes meus começam a notar e isso tem a ver com eles começarem a melhorar. Porque eles falam agora eu vou prestar mesmo a atenção nesse negócio. Então como essa pessoa e o que eu queria te dizer; foi quando eu encontrei um jeito dele me escutar e realmente ele sentir o corpo e fazer um relaxamento, porque ele é um tipo assim de pessoa que eu ficava até acanhada de sabe? Relaxa... se aquieta. Vamos ficar fazendo oooohhhmmmm. Porque eu sei que ele acha isso babaca no último! Então foi toda uma conquista pra ele me dar o crédito de fazer. Pra daí fazer, pra daí perceber o corpo. Percebendo o corpo começar a entender toda essa contradição que ele vive e então suspender esse discurso de que comigo não vai ter jeito mesmo, porque eu sou isso, sou aquilo. Ele começar... Inclusive já me contar: "Fui em tal palestra, levantei a mão. Fiz a pergunta alto. Cê acredita que eu fiz isso?"

Kátia: Que legal! É fascinante.

S3: Isso eu gostaria. Porque eu acho que, geralmente, as pessoas não entendem o quanto no trabalho corpo. O corpo pra mim é muito importante. Muito. Eu acho que assim é no corpo que eu resolvo a gagueira, no corpo. Quando a pessoa consegue se entender essa dialética mente-corpo e sem o corpo não tem conversa. Esse, 'Construção do personagem como falante' o caso que é o caso mesmo top de caixa, que vai mostrar porque aceitar a gagueira é superar a gagueira. Ta lá explícito! Como ele fala que eu digo do corpo e que ele não liga, que eu digo do corpo e ele não faz. Ai de repente ele começa a querer lidar com o corpo mexer e sentir ----. Inclusive nas conclusões eu falo isso. Que uma das coisas que fica bem óbvia é que quanto mais a pessoa entrou no corpo, percebeu o que ta acontecendo, a relação mente-corpo, sai da gagueira. Tem até um dos casos que eu conto lá, paralelos, que é de uma psicóloga massoterapêuta, que foi um trabalho que na quarta sessão a mulher parou de gaguejar. Ce já viu isso? Porque ela tinha muita vivência corporal, ela era massoterapêuta. E conforme ela foi podendo sentir, ver assim, como que a cabeça e o corpo faziam ela, sei lá que síntese que ela fez e suspendeu. Parou de produzir uma fala gaguejante. E ficou vários meses comigo porque ela falou: 'Meu Deus isso dura? Isso vai durar? O que é isso? Vai entender. Então foi inacreditável. Então, eu valorizo pra caramba! Sem trabalhar o corpo fica metade da laranja. Porque não é um trabalho que seja a mente. Tem que ser a sensação. Sinta. Sinta o que está acontecendo com você. Sinta como que um certo ambiente em si que não é só idéia é sentimento. Sentir que eu não posso falar. Ele sente afetivamente que a fala dele não vai sair. E logo isso é material porque não ta saindo mesmo. Sem que o paciente entre nessa vivência corporal, desenvolva a capacidade de sentir o movimento da fala eu nunca consegui resolver um problema de gagueira sem isso. E vi quando tava na pesquisa de doutorado que os pacientes que tinham isso mais fácil, iam saindo mais fácil. Um caso que eu levei foi um caso de muitos anos. Muitos anos sem acontecer nada porque ele não entrava na direção corporal. Ele fazia os exercícios, mas não a fazia a síntese. Então eu acho extremamente rico e importante o trabalho, esse trabalho consciente com o corpo. Tem que ser mente-corpo. Um trabalho consciente mente-corpo.

Kátia: Que é uma conexão?

S3: Claro. Que tem seus desdobramentos inconscientes. Ai eu já não sei. Eu sei que tem. Eu sei também que ele trás uma imagem inconsciente do corpo. E sei como que eu vou pegando isso e conscientizando. Eu trabalho isso, a consciência do corpo.

Kátia: Muito bom.

S4, entrevista realizada em seu consultório, RJ, no dia 07 de abril de 2004 às 14:00 horas.

Kátia: Fala da sua trajetória na fonoaudiologia.

S4: Na verdade, eu comecei fazendo Jornalismo, na UFF, Federal Fluminense, a muito tempo atrás. Eu tenho quarenta e quatro anos. Eu entrei na faculdade com dezessete. Só que eu queria ser um bom jornalista, um crítico de arte, escrever bem sobre teatro, música, shows, musicais. O que eu fiz? Entrei numa escola de teatro da universidade pra fazer teatro. Lá, nas aulas de voz, a minha professora de canto achou que eu tinha uma voz muito legal. Pra cantar, não é? Eu era afinado, afinadíssimo e resolveu me separar da turma. Aí me cantei com o canto também. O que ela fez? Me chamou, S4. Ela me chamava de S4. 'Eu gostaria que você fizesse um curso com o [...] em Campinas. Que era o professor de canto dela. Ele tinha oitenta e dois anos. Um cara fantástico! Um profissional fantástico! Com quinze dias, ele duplicou a minha voz. Ele me ensinou a abaixar a laringe. O que eu fiz? Quando eu voltei para o Rio, a minha voz era outra. Com quinze dias. Ele era

ortofonista. Ele não se intitulava fonoaudiólogo. Ele não gostava. Ele era ortofonista. Até porque tinha oitenta e dois anos. Capítulo seis, capítulo sete da minha dissertação.

Então, aí eu voltei para o Rio, minha voz de canto era outra evidentemente. Foi um impulso muito grande e eu fiquei encantado com a fisiologia da fonação. O que eu fiz? Vou estudar fisiologia da fonação. Eu nem conhecia fonoaudiologia. Eu sabia que existia isso, mas não tinha me interessado! Aí comecei a me interessar, eu liguei para IBMR, conhece? Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação do Rio de Janeiro. Não existia ainda a Federal. E perguntei se aceitavam reingresso porque eu já era formado. Eu já tinha uma faculdade. Aceitaram, aí eu fui. Vou ver pra crer. Vou entrar pra ver qual é! Quando eu entrei, eu me encantei com o curso! Foi a minha grande descoberta! Aí eu abandonei jornalismo, abandonei teatro, abandonei o canto. E caí de cabeça na fonoaudiologia. Só que eu tinha um bom conhecimento aí de voz, porque eu era ator, ator já profissional, e cantor também de certa maneira. Só que eu abandonei tudo, e me dediquei profundamente à fonoaudiologia. Quando eu fui estudar fono, eu já sabia o que eu queria, que era a voz. Então a minha trajetória da fono é esta. (risos) Eu comecei, assim, eu digo bem. Porque era algo novo pra mim. Mas em termos de voz, eu já tinha prática do palco. Porque eu fiz muito teatro, na minha vida anterior não é? Eu fiz muito teatro, muita peça de teatro; eu fiz um filme. Fiz muita propaganda em televisão. Muito tempo atrás. Então eu tinha experiência com câmeras, com palco, viajei com peças, Mandei bem(?) Como o pessoas fala do teatro, teatro amador. Então eu tenho essa experiência com o uso da voz profissional. A estética da voz por exemplo, quando eu formei, não existia. E antes de formar, eu fui convidado pra dar aula numa faculdade de fora. Eu já tinha formação. Eu já tinha a primeira graduação. E eu fui dar aula de Dicção na ESSE--- Escola Superior de Ensino Elena. Depois de um semestre, eu sugeri se eles não queriam uma nova disciplina a Estética da Voz, que eu chamei na época, de fonoaudiologia Estética. Não existia Estética vocal no Brasil! Em faculdade nenhuma! A ESEAS foi a primeira, aqui em Niterói, a colocar a disciplina Estética da Voz além da Dicção. Então eu me lembro na Estética da Voz, eu estudava com os alunos não é? Eu ensinava, a voz no teatro, a voz no canto e a voz no jornalismo, que era a minha praia na época. Quer dizer, as áreas da fonoaudiologia que eu tinha mais experiência. Depois o IBMR me convidou para trabalhar com Estética da Voz na fonoaudiologia, na graduação de lá. E a Estética da Voz foi começando a vir pro Rio de Janeiro; nas faculdades. Essa é a minha trajetória na fono; inicial. Eu já comecei com consultório, assim que eu me formei. Eu posso dizer pra você, que eu me dei o luxo de só trabalhar com voz. Então eu me formei em 87 (refere-se a 1987), coleei grau em 88 (refere-se a 1988), na fono. Em 92 eu fiz concurso pra universidade, Faculdade de Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, ta? Aí fiz o concurso, fui o primeiro a colocar. Foi quando eu conheci Glorinha Buettmüller. Ela me ligou às seis e meia da manhã pra me dar os parabéns. Porque eu fiz o concurso com essa assistente dela. E pra minha sorte, minha felicidade eu consegui entrar. Eu logi no primeiro ano, em 93, eu já estava dando aula na escola de teatro. Aula de voz. E foi interessante.

porque esse concurso foi aberto somente para fonoaudiólogos. Com experiência em voz. E eu tinha algo de bom porque além de ser fonoaudiólogo, eu tinha prática no teatro. No palco. No canto. E nesse mesmo ano eu tentei prova para o Mestrado de Teatro, aí passei também. Passei e já iniciei meu mestrado junto com a Faculdade do Teatro. Então como eu fiz? A minha dissertação do mestrado foi interessante no sentido que eu trabalhei com atores, na prática. Eu resolvi criar uma técnica para o grito. Como que essa idéia surgiu? Assim que eu entrei na universidade, eu fui chamado para atender uma atriz, que fazia o papel de Desdemona conhece? De Shakespeare. Ela perdia a voz em cena, no último ato, porque ela era estrangulada. Essa personagem é estrangulada pelo marido. No teatro. Então ela perdia a voz em cena porque ela gritava. Aí eu fui chamado para dar assistência pra essa pessoa, a essa atriz, que perdia a voz em cena. Foi aí que eu resolvi. Porque eu fiquei assustado. Poxa, estou iniciando, no teatro, embora eu tenha a prática do teatro, por ter sido ator. Você viu aí minhas fontes. Pela minha prática no teatro, mas ainda estava cru. Como que eu vou trabalhar o grito? Como todo mundo. Higienizando a respiração, apoiando, é, fortificando a laringe. Só que, essa atriz, perdeu a voz em cena. E eu tive que dar um jeitinho pra que essa voz retornasse, entre aspas, para que ela pudesse terminar o espetáculo. Então aí nasceu a idéia para desenvolver o grito, no mestrado. A técnica do grito. E foram três anos de trabalho. Com cinco atores. Então hoje eu tenho a Técnica do Grito, do Gemido e do Choro. Eu tenho em vídeo, se eu tivesse como encontrar eu mostrava a você. Eu vou ver no final, se eu consigo achar eu mostro uns pedaços. Então, minha trajetória basicamente é essa. Clínica. Eu adoro trabalhar com disфонia, distúrbios da voz. Agora, todo o meu trabalho tem o corpo presente. Eu não trabalho nunca deitado. Sempre em pé, sentado, e, cumprimentando-se. Sempre a voz no espaço. A minha preocupação é com a colocação da voz no espaço. De voz e corpo. Você não pode dissociar a voz do corpo. Eu costumei dizer no teatro, ontem eu disse para os meus alunos, ontem? Na segunda-feira. Eu dou aula de onze às seis horas da tarde. De onze da manhã são duas turmas de teatro, prática; só prática. Então foi a primeira aula por causa da greve, nós reiniciamos em abril, não é? Então, o que eu falei pra eles? Voz II, Técnica e Expressão Vocal II, é o nome da disciplina. O que eu falei para eles? Que a gente anda com a voz, olha que interessante; você anda com a voz e você pensa com o corpo. Foi assim que eu iniciei o meu curso. Porque eu não posso de forma nenhuma, trabalhar a voz, dissociar a voz do corpo. Não tem como! Se eu não estou bem corporalmente, a minha voz também não vai estar. A voz, ela denuncia, um estado corporal. Ela denuncia, o sentimento. Ela denuncia, uma sensação. Uma atmosfera.

Kátia: Como que você percebe isso assim?

S4: Pela entoação, pela melodia, pelo ritmo, pela velocidade, pelo entusiasmo, pelo gesto. Olha como eu, eu estou aqui sendo entrevistado, eu gesticulo. Ta certo? Então tudo isto é voz! Pelo olhar. O olhar diz muito. Pela... Pela expressão facial. Pela qualidade de voz. Então vai deste conjunto! Não tem como dissociar do corpo.

Kátia: E daí você acha que é possível... Você falou que não trabalha voz sem trabalhar o corpo. Em função dessa associação que se tem.

S4: Sim. Eu não trabalho relaxamento, por exemplo, dissociado da voz. Quando eu trabalho... Ontem eu iniciei, olha só, eu levei então, quatro horas para cada turma. Seguidas. Prática pura. Curso prático. Teórico-prático. Mais prático! A gente não tem carteira em sala de aula. Nem cadeira tem. É um salão, o professor e os alunos. Então é prática mesmo! E eu dei um exercício que é alongamento. Alongamento mental. De você ficar de pé e... Um momento da minha aula, de ontem, de segunda-feira. Você está de pé, e crescer, trinta centímetros. Eu comecei assim; quer dizer, você falar, se sentindo grande. Quem fala --- se sentir melhor. Se eu pisar em cena, primeira coisa que eu tenho que sentir é maior. Um cara grande, de um metro e oitenta. Por exemplo, eu tenho um metro e setenta. Mas quando eu estou em cena, falando, palestrando, eu me sinto grande. Porque é o primeiro momento da voz. Se eu me sinto grande, a minha voz vai ser o quê? Grande. Ela vai preencher o espaço. Se eu sento na cadeira, olha a gravação aí. Para não prejudicar sua gravação.(ampliou a voz). Eu também tenho que me sentir grande. Se eu vou falar, não é? Normalmente eu sento mais na ponta da cadeira. Eu tenho que me sentir, grande também. É o alongamento interno, para que eu possa falar, bem. Gesticular, bem. Mais um ponto importante do corpo. Eu costumo dizer... Ó veio agora. Insight, veio agora. Mas eu já falei também até em palestras. Eu costumo dizer que o gesto antecede em milésimos de segundos, a palavra. A palavra. Quando você sente que o gesto não tem nada a ver com a palavra; que a pessoa não está à vontade, que ela está gesticulando muito, é porque ele está dissociado da fala. É uma fala artificial, preparada, ta certo? Pronto, que não tem ----. Olha, eu não preparei nada pra falar com você. Você me fez uma pergunta e eu estou respondendo. Olha, eu estou, olha o gesto que eu fiz. E eu estou respondendo. Portanto, gesto corporal, fortifica o gesto vocal. Quando ele é gratuito não! Aí ele desmerece não é? O gesto vocal. Ele enfraquece a voz.

Kátia: E daí... Atualmente o seu trabalho, você está na clínica.Você tem um curso de especialização?

S4: Tenho. Curso de Especialização em Voz.

Kátia: Como é o curso?

S4: Na verdade, esse curso, ele é teórico e prático. A minha preocupação é formar profissionais, para atender o mercado de trabalho. Clínica, hospitais e estética da voz. Eu tenho cem horas de Estética da Voz. Eu tenho teatro, a voz no teatro. No cinema, na TV, dublagem, no telejornalismo. Como falar bem em público, não é? Oratória, telemarketing ., e toda parte clínica da voz; os distúrbios da voz. Aí sou eu, basicamente a minha linha de trabalho; otorrinos, são três otorrinos trabalhando comigo e dois profissionais da fonoaudiologia. A [...], que me ajuda no teatro. Não fica só na minha visão. Tem também a visão da [...] Em telemarketing, ela é muito boa aqui no Rio. Ela me ajuda em telemarketing. Eu dou a minha visão e ela coloca a dela. Entendeu? Mas a parte clínica não, essa é toda comigo. É a minha forma de trabalhar.

Kátia: Bom, trabalho corporal e fonoaudiologia.

S4: Sim.

Kátia: Da relação que acontece. Você teria mais alguma coisa?

S4: Teria. Por exemplo, o que eu posso falar pra você? Eu já falei pra você que voz é corpo. Eu tenho por exemplo, uma série de sons, que eu tiro do meu corpo e tenho um resultado fantástico em segundos. Eu posso até demonstrar alguns pra você no caso. Como resultado, pra mostrar essa relação do corpo e da voz. Agora todo esse trabalho que eu coloco na especialização em voz para os meus alunos nem as minhas alunas, que não vem ao acaso, do empírico, não. Todo o trabalho que eu faço, tem um embasamento fisiológico. Até filosófico, tem. Eu falei pra você que eu descobri a fonoaudiologia foi através da minha outra formação, não foi? Pra eu estudar fonoaudiologia eu parti primeiro, da onde? Do Jornalismo. Por quê? Eu queria ser um bom jornalista. Para eu ser um bom jornalista, eu fui estudar fisiologia, da fonação. Pra eu poder escrever certo. Pra não escrever abobrinha, bobagem, ta certo? E a mesma coisa eu faço no fono. Quando eu crio um exercício, eu sei exatamente, o que está ocorrendo no interior do corpo do indivíduo. Pelo menos, procuro saber. Não é? Buscar quais são os músculos que estão sendo ativados. Que tipo de reação corporal que eu tenho. Eu espero que a pessoa sinta. Então, esse cuidado eu tenho. Se não seu certo, eu tiro o exercício, porque não foi bom para aquela pessoa. Foi bom para mim. Porque eu aplico primeiro em mim. Mas se não foi bom para aquela pessoa é porque não foi um bom exercício. Então eu tenho esses cuidados. Nada é feito sem uma explicação, sem uma fundamentação. Pra isso eu estudo! Você me pegou aqui, hoje é um dia que eu estudo, eu quase não atendo. É o dia que eu tirei pra estudar, pra desenvolver pesquisas, eu estou aqui escrevendo! Porque eu necessito disto! Pra eu ser, continuar sendo um clínico, que eu espero continuar sendo, digamos assim. Um clínico tem Quando você fala em corpo você tem que falar em ene situações. Você tem que falar em dança. Você tem que falar de expressão corporal, você tem que falar no domínio corporal que tem que ter um ator. Eu pergunto a você. Eu fico aqui pensando. As diversas abordagens corporais que têm na fonoaudiologia, tudo bem. Mas que abordagens são essas? Do professor em sala de aula? Do ator no palco? Do ator na televisão? Do orador? Pensa bem! Do vendedor de rua, não é? Porque tudo é corpo! Como é que eu vou trabalhar o corpo de um ator de teatro de rua? E de um ator de teatro comercial? Já pensou nisso? Como é que eu lanço a voz na rua e como eu projeto a voz no teatro, no palco italiano, no teatro fechado? Na caixa fechada? É diferente! As abordagens são inúmeras! Não existe uma abordagem

fechada. Eu não acredito nisso. Em metodologias fechadas. Eu acredito mais em uma abordagem eclética, mas consciente. Não é aquela coisa, eu sou eclético. Quer dizer, mas o que é isso? Que filosofia é esta? 'Não sei, eu faço. Fiz uma vivência com Fulano de Tal e faço'. Não é isso! O fato de você ser eclético, não quer dizer que você não seja uma pessoa preocupada com o estudo, a busca de um por que de uma causa. Porque isso é importante! Se o ator perdeu a voz em cena; perdeu por quê? Quando eu dou assistência vocal ao teatro, Pronto Socorro Vocal, já ouviu falar? Pronto Socorro Vocal? Eu falei um caso hoje. Que você vai para o teatro, para atender o ator que perdeu a voz em cena, eu tenho que saber em qual momento ele perdeu a voz. Em que fala. Porque eu tenho que descobrir. Procurar descobrir o por que ele perdeu a voz. Será que foi em função de um fonema. De uma emissão lingüística mal produzida? Um fonema velar, durante um grito? Não pode. Por isso eu fui estudar Lingüística. Fui fazer meu doutorado em Lingüística, em Fonética. Está certo? Será que foi uma má realização lingüística numa hora imprópria, Indevido para a voz? ---um exemplo. Eu quero mostrar pra você que a coisa não é empírica. Há muito estudo por trás disto. Há muita busca por trás. A Técnica do Grito quando surgiu em Silverman. Que é um método maravilhoso de voz, que a Mara Belhau trouxe a pessoa dos Estados Unidos para dar um curso, que o pessoal foi e eu não pude ir, infelizmente, ou, felizmente, porque eu tinha o meu curso aqui, foi no mesmo dia e eu não pude comparecer. Só que as pessoas foram e falaram comigo,' (...) tem muita a ver com o que você faz lá com o grito!' Porque quando eu trabalhei o grito no teatro, quando eu trabalho o grito no teatro, só havia um jeito, fortificar a laringe. Isso eu faço desde 94(refere-se a 1994). Comecei em 93, estudando o grito, só tinha um jeito. Pra eu tirar potência da voz de um adulto, eu tenho que ajusta-lo. Eu tenho que ajustar a laringe pra esse fim. Então eu vou fortificar. Através de vocalize; sustentação de vogais, ressonância bem trabalhada, certo? Está tudo escrito aí, neste capítulo, a Técnica do Grito. Eu fiz uma síntese. Então eu estou contando pra você que nada é ao Deus dará, ou tirei da minha cabeça, deu certo e eu continuei usando, não. Não é assim. Tem toda uma fundamentação de base.

Kátia: Como que você acredita que deva ser o trabalho corporal?

S4: Tem que ser o que? Sério. Você tem que pesquisar. E acreditar no que você faz. Eu acho que é basicamente isso. Eu fiz dança quando eu era muito jovem. Eu queria ser dançarino? Jamais. Não era minha praia, mas fiz. Fiz dança, em função da voz. Tudo em função da arte, quer dizer, da arte de representar; eu era ator. Era jornalista e ator. Até então eu não tinha descoberto a fonoaudiologia. A fonoaudiologia veio depois, que o meu grande encontro. Eu era jornalista. A minha formação estava sendo ao não é? Então eu fui estudar dança para ser um bom crítico, entendeu? Para continuar sendo um bom ator. Um ator completo, que representasse bem, que cantasse bem, que dançasse bem, mas para o teatro.

Kátia: E você foi estudar dança, foi fazer curso? É isso que você fala?

S4: É. Fui fazer um curso de dança, de expressão corporal. Mas tudo em função da voz. Estudando para ser um bom ator. Só que essa formação foi importante para a fonoaudiologia.

Kátia: É isso que eu ia te perguntar. O que contribuiu para que você tivesse essa visão que você tem hoje? Essa relação que você faz corpo e voz, ela já sempre acontecia?

S4: Pois é, isto que eu estou te falando! Porque quando eu iniciei a Faculdade de Fonoaudiologia, a voz era muito incipiente. Não existia Silvia Pinho, não existia Mara Belhau. Existia uma Edmèe Brandi sim, com um trabalho muito bem sedimentado, eu devo muito a ela. E existia, Glorinha Beuttenmüller, Fantástica! Mas nós não tínhamos muito acesso! Eu novo. Estava começando a faculdade como todo mundo, não é? Eu tinha um conhecimento da faculdade passada. Que era muito pouco, pra mim era pouco! Porque eu já trazia toda uma bagagem de voz. Então quando eu comecei meu trabalho mesmo, como estagiário, eu me lembro. No PAN Deo Castilho, que eu fiz concurso pra estágio, passei. Eu me lembro que eu propus cursos, como estagiário. Para professores da rede do município. Quatro cursos, que foi a minha monografia de graduação, os resultados. Eu sempre tive, como se diz(risos)? Esse pezinho na pesquisa, sempre gostei, sempre gostei. Então ao invés de eu construir monografia com base somente em literatura, eu fiz em cima de resultados. Então eu dei quatro cursos para professores do município. E pra minha surpresa, tinham fonoaudiólogos que vinham assistir. Então eu já tinha essa preocupação em colocar, eu já conhecia o método da Beuttenmüller, não é? Eu aprendi no teatro. Então, eu já tinha essa preocupação em, com o cuidado da voz no espaço. Eu tinha preocupação com o aquecimento vocal. Desaquecimento não. Não existia essa palavra! Mas já tinha a preocupação em relaxar o corpo no final das atividades. Alongamento, suspiros, bocejos, ta certo? Então essa preocupação eu tinha. Não eram exercícios metódicos. Não eram aqueles exercícios... Até por que eu amo trabalhar voz? Porque cada terapia é única! Não aquela mesmice de sempre. Eu sou profissional, que nem sempre relaxei o paciente. Eu relaxo quem precisa. Eu não segui aquela receita relaxamento, respiração, voz. E outra coisa, eu sempre trabalhei com voz. Seja nódulo, seja pólipos. Qualquer patologia. Eu fiquei muito feliz porque eu fui agora a São Paulo, ah, foi que eu conheci sua orientadora. Só fiquei no simpósio. Ela mostrou, a professora, a expositora mostrou que é possível recuperar a voz com vocalizes de baixo impacto. Eu conversando com minha esposa, eu coloquei, Sueli olha que coisa fantástica! Quando eu tinha dezesseis anos, eu era solista de um coral, ta vendo eu já fazia música(risos). Eu não estava nem na faculdade ainda. O Liceu Nilo Peçanha, que é um colégio tradicional em Niterói. Tinha, não, ainda tem, um coral, o maestro Ciro --- Ramos, e eu fui selecionado pra ser solista. Eu já tinha uma voz razoável, não é? Uma voz legal. E eu me lembro que eu briguei com meu irmão, discuti não é? No dia anterior a uma apresentação e perdi a voz, fiquei rouco. E aí eu não queria cantar. Eu ia cantar em Angra dos Reis, eu ia solar uma missa de Mendelson. E eu ia entrar solando. Eu ia entrar em um ambiente, no meio dos espectadores, solando a música, até chegar no ---- Eu nunca esqueci essa apresentação.

Mas enfim, aí eu não queria cantar porque eu estava sem voz, estava rouco. E ele não concordou. E ma chamou para uma sala e trabalhou a minha voz com vocalizes, e a rouquidão foi recuperada. A minha voz foi recuperada em parte e eu pude cantar. Não com a voz plena, evidente. Mas eu pude cantar, e isso me chocou na época. Chocou entre aspas, ta? Me deixou assim maravilhado, porque só num trabalho de piano, de vocalizes, a minha voz retornou. Entendeu? Então eu acho que a minha paixão pela voz vem de todo esse conjunto, não é? Pela Fonoaudiologia. Porque com dezesseis anos, eu já experimentei o retorno de uma voz que estava rouca. E eu pude cantar. Quando essa moça, essa profissional colocou lá no curso da Mara esse fato, que aconteceu também com ela, eu falei, mas isso aconteceu comigo também! Ele não era um fonoaudiólogo, era um maestro. Por isso que quando eu comecei meu trabalho com a fono eu sempre trabalhei com voz. Eu nunca tive medo de trabalhar voz no paciente que tem, nódulo, que tem pólipos. E sempre com bons resultados. Só que no início era uma coisa muito empírica não é? Depois eu fui estudar. Foi quando surgiu a Mara [refere-se à Mara Belhau], a Sílvia [refere-se à Sílvia Pinho], Edmèe [refere-se à Edmèe Brandi] também. Pesquisando mais. Eu fui aluno! [Dediquei-me]. Agora eu não busquei a minha formação na fono. Eu queria trabalhar com teatro. O que eu fiz? Fui fazer mestrado em teatro. Porque eu pude fazer lá na Escola Paulista, que a Mara me convidou numa palestra que eu deu com ela. Numa mesa ela me convidou eu não pude ir. Eu também estava interessado em fazer mestrado em teatro. Eu já tinha entrado pra UNI-RIO não é? Meu primeiro ano de UNI-RIO. E depois, eu podia fazer meu doutorado em Distúrbios da Comunicação e eu preferi fazer em Lingüística, pela perícia em voz. Eu queria trabalhar, eu queria ser foneticista. Eu achava, não, eu acho que um fonoaudiólogo para ser perito tem que ser foneticista. Isto é um perigo o que está ocorrendo não é? Uma confusão generalizada. Porque todo agora é perito em voz. E eu ainda não me considero perito em voz. Terminei o doutorado. Hoje eu sou foneticista. Estudei muito para ser. Fui pra França, fiquei um tempo lá, estudei. Mas não me considero perito ainda em voz. Porque é muito sério, não é? Então estou buscando. Meu pós-doutorado vai ser em perícia. Em voz. Estou lá batalhando, na fonética. Ta certo? Mas eu fui estudar a Fonética para isso. Entendeu? Então a minha formação na fono, em função da fonoaudiologia não ter um objeto de estudo. Isso você sabe não é? A fonoaudiologia não tem um objeto definido de estudo. Tem? Não tem. Ela pega um pouquinho da Acústica, um pouquinho da Linguagem, Um pouquinho da Psicologia, um pouquinho da Medicina, não é? Um pouquinho, sei lá, da Psiquiatria também não é? Então é uma amalgama, sei lá, um apanhado de ciências. Você ainda não tem um objeto de estudo bem determinado, delineado para a fonoaudiologia. Por isso que eu fui buscar também meu conhecimento, em outras áreas do conhecimento, pra ter essa minha formação. Porque é voz. O que me interessa na fono é somente voz. Eu estudo motricidade também. Porque que eu estudo motricidade? Olha o corpo aí. Porque é importante pra entender determinados fatores que ocorrem com a voz humana. Associado às alterações estomatognáticas. Então eu preciso deste conhecimento, então eu estudo. Por conta própria. De vez em quando me dá vontade de fazer especialização em Motricidade oral, sabe? Eu tenho essa vontade de fazer. Por querer saber mais não é? Um pouco mais aprofundados, esses assuntos. Eu sinto essa necessidade. Então fonoaudiologia é isso não é? Pega um pouquinho aqui, um pouquinho ali, e voe vai construir o seu conhecimento.

Kátia: Como é que você vê a repercussão do seu trabalho? Tanto no meio profissional, como com as pessoas que você atende? Como é que você percebe que ela acontece?

S4: Do ponto de vista clínico, eu tenho excelentes resultados. Com os atores sobretudo, os cantores, aliás, o cantor pra mim é o melhor paciente. É o melhor cliente, não é? Porque o resultado é fantástico. Uma coisa interessante que eu acho, é que eles não querem largar a fonoaudiologia. Eles mantêm o encontro uma vez por mês, duas vezes. Tem um caso aqui que eu acho interessante. Um cantor de ópera, ele não me larga! Eu falo olha, está gastando dinheiro! Porque o seu caso agora é com professor de canto. Mas ele acha que eu estico a voz dele. Então eu tenho aí o teclado, tenho a escaleta. Só uso com cantor. Microfone, tudo direitinho. Então eu acho que a repercussão, ela é positiva na clínica. Ela é positiva com os meus alunos. Mas eu acho que ela tem pouca entrada na fonoaudiologia. Isso eu não sei explicar. Não sei, tem pouca entrada, a gente tem, enfim, eu falo mais em alguns eventos, procuro colocar o meu trabalho, mas a gente encontra um entrava na fonoaudiologia, não sei. Eu não sei realmente; eu não sei. Eu estive agora no Ceará, No Congresso nacional, internacional de fonoaudiologia e fiquei triste. Porque eu acho que a gente tem muito mais para oferecer na Estética da Voz, no teatro por exemplo. No canto, acho que muito para contribuir. Mas infelizmente não é? As portas nem sempre se abrem. Eu não sei dizer. A aceitação, de maneira geral, pra quem conhece é boa. Porque tem bons resultados.

Kátia: Você percebe que é fechado aqui no Rio também? Fechado assim. Que essa repercussão

S4: Eu não sei dizer. Também eu tenho um lado que eu não sei dizer se é bom ou ruim. Eu sou autodidata. Eu estudo muito sozinho. Eu fico muito fora de grupos. Até porque eu trabalho muito. Sábado e domingo eu fico aqui o dia inteiro. Então eu trabalho muito e fico muito afastado de grupos. E eu tenho assim, o dom é uma coisa minha, de ser autodidata. Talvez seja isso também. Parte culpa minha, de não ter desenvolvido grupos. Eu pretendo trabalhar com GT de voz, grupos de trabalho. Grupo de trabalho em voz. Agora não sei quando eu vou colocar essa idéia em prática; até em função do meu tempo. Mas em fim, acho que em parte também é isso não é? Eu não quero... não sei. Eu acho que é. Que eu sou muito sozinho, eu desenvolvo meu trabalho sozinho. As pessoas cobram obrigações. Livros, que eu vou protelando, protelando. Eu publico mais capítulos de livros. Até porque eu estudei, eu fiz mestrado, logo depois eu passei para o doutorado. E você sabe como é; só sabe quem faz. Olha seu sofrimento agora não é? Entrevistar, colocar tudo isso no papel. Ouvir fitas. Tirar o que tem de melhor. Eu sei que não é fácil. É um trabalho merecedor de prêmios! Porque é muito puxado. Então é isso aí. Eu acho que é por aí. No Rio tem aceitação. Você não está aqui? Porque alguém falou não é? Indicou. Você não me conhecia. Eu acho que aceitação sim. Eu acho que tem. Porque muita gente me conhece. Eu tenho nesse curso por exemplo, pessoas, na

quarta turma, pessoas de João Pessoa, Manaus, Rondônia, que eu nunca pensei em ter. Eu não mandei nada pra lá! Porque já chegou lá não é? Alguma coisa chegou lá não é? No trabalho, de Minas Gerais eu tenho muita gente. Eu tenho uma médica otorrino, fazendo o curso, de Minas. Ela podia fazer em BH que é muito mais perto, no CEFAC, agora, veio fazer aqui. Agora quer que eu leve o curso pra lá, lá pra clínica de otorrino, para vinte fonoaudiólogos. Eu até acho interessante, eu não sei. Já há uma certa divulgação do trabalho. Mas eu não sei em que nível isso ocorre. Mas eu sinto que eu gostaria que isso ocorresse na fono, eu gostaria de trocar mais. Com os fonoaudiólogos de voz. A Silvia você conhece? Muito trabalho.

Kátia: Uma das coisas que me mobilizou pro mestrado. Essa relação corpo voz, a questão do corpo na fonoaudiologia, ela é estranha ainda.

S4: É. Um trabalho muito mecanicista é isso?

Kátia: Nada a ver. É. Isso! Então eu percebo que ainda é o senso comum.

S4: Sim. É uma atuação empírica não é?

Kátia: Também a questão da técnica. O que eu percebo A minha formação também, ela foi bem reduzida. Ela foi bem tecnicista.

S4: Clínica não é?

Kátia: Corpo é orelha, laringe

S4: Laringe, boca, nariz.

Kátia: que eu acho que a maioria dos cursos contempla isso. Assim, essa é a leitura que eu tenho.

S4: O Rio também. Por mais que a gente fale, eu acho que menos. Se você reparar, o Rio de Janeiro caminha sozinho, não sei. Eu acho que São Paulo inteiro é o Brasil, não estou fazendo crítica não. Isso é até bom tá? Aliás, eu acho que elas são fantásticas. Tanto é que eu vou pra lá. Quando tem curso, evidentemente, tem coisas boas, excelente. Mas eu percebo alunos, lá do mestrado, de fora, lá de Belém, por exemplo. Belém, de outras regiões do país. Então eu recebi dois rapazes de Belém que ficaram encantados. Eles falaram assim, 'Eu não conhecia essa voz. Eu nunca ouvi falar em Edmè Brandi, em Glorinha Beuttenmüller, em você, no seu trabalho. Lá é só Mara, só Silvia. São excelentes, maravilhosas. Então eu estou mostrando pra você que o Rio de Janeiro caminha sozinho. Porque por mais que eu tenha também Mara, Sílvia, que são ótimas, mas elas se misturam com os outros profissionais que estão aqui. Não tem essa coisa de ser só Mara, de ser só Silvia. Tem aquelas pessoas lá em Goiânia que seguem a Mara, tem aqueles que seguem Sílvia, CEFAC. Tanto é que nós fomos chamados pra Goiânia para esses cursos, para mostrar nova visão, ima outra visão. Quando o Marcos me convidou, no ano seguinte ele convidou Edmè Brandi, e convidou Glorinha Beuttenmüller, pra mostrar que não existe só Silvia Pinho, só Mara Behlau, entendeu?

Kátia: Eu acho que o Marcos tem feito um trabalho interessante.

S4: É. Tem feito um trabalho legal.

Kátia: Ele tem procurado mostrar que 'olha isso existe'

S4: Outras tendências. Nisso eu acho que o Rio caminha, tem o trabalho dele já estabelecido. Ele tem uma tradição de voz. Pedro Bloch. Glorinha Beuttenmüller, a própria Edmè Brandi, Dr Paulo Lousada. No Rio de Janeiro. Então, tem uma tradição em voz forte. Em corpo também, forte. É muito forte. E isso já é nosso não é? Já está na prática! O que falta é pesquisa, publicação. Falta bastante. Tem. Mas não tem no volume que tem em São Paulo. Até porque não há recurso. Não só não há tradição como não há recurso. Você vê, eu trabalho, eu pesquiso, mas com os meus recursos, entendeu? Eu não tenho recurso de fora. Se eu não tivesse o curso, eu não poderia fazer isso. Sair pra fora, porque eu banco tudo. Que é onde você semeia o trabalho.

S4: Sim, floresce alguma coisa não é? Mas eu acho que a Fonoaudiologia em si, ela é bastante positiva em nosso país. Os fonoaudiólogos; há diferenças. Mas eles se unem também, eu acho isso bonito! Quando eu vou a São Paulo, eu sinto que eu sou bem recebido. Pela Mara, pela Sílvia, o carinho que eles têm com a gente, e vice versa. Então eu acho isso bonito, muito bonito. Eu não vejo essa diferença, eu fico só, às vezes sentido, por não ter entrada nos congressos. Não só pra falar no congresso, isso é bobagem! Até porque se você não for bem. É ruim pra você. Mas é a oportunidade de mostrar o trabalho. De mostrar 'Olha, também tem isto aqui.' Vamos somar.

Kátia: Tem até o que você coloca. Se for partir do princípio que cada pessoa que te busca tem uma resposta ao que você propõe, tem que ter várias formas de lidar.

S4: Sim. Mostrar as diferentes tendências.

Kátia: E às vezes, com um não vai funcionar e você precisa de saber de outra forma.

S4: É verdade.

Kátia: Você tem alguma coisa que você queira acrescentar, alguma sugestão.

S4: Não sei acho que já falei tudo não é? Do meu trabalho, do que eu faço. Eu acho que você está no caminho certo porque é o caminho que eu acredito; corpo é você, corpo é energia, corpo é vida. Você perguntou pra mim, o que é corpo? Se você pegar um cadáver, aquilo não é nada não é? É uma matéria. Não é isso? Que vai apodrecer. Corpo tem energia. Por isso que voz é corpo. Porque voz é o que? Som. E som tem energia. Quando você fala de corpo, fala de sangue. Circulação sanguínea. Tem que falar de sorriso. Quando você sorri você não sente? A postura que você está. Se você pensar na postura que você está você consegue delinear, imaginar o desenho do seu corpo? Então corpo é isso. Corpo é vida. Por isso que tem hora que você se sente mal. Porque você está com uma roupa que não agrada. A mulher por exemplo, falei isso; onde que eu falei isso? Foi na Estética da Voz? Não sei, nem lembro. Eu sei que falei isso esse mês. São tantas coisas que nós falamos. Uma mulher por exemplo, põe uma saia para falar em público, e não se sente bem. É uma saia não digo tão curta, mas, que ela sentou e não se sentiu bem. O que ela faz? Ela junta as pernas. Juntou as pernas, tencionou. Pra mim já é ruim. Acaba com a voz. Com a projeção da voz. Então é melhor que você vá com um tailer. Calça cumprida? Para que você possa ficar com as pernas liberadas. Tem que ter um espaço. Tem que estar relaxada. Para que a voz possa projetar no espaço. Viu que interessante? Isso é corpo! Roupa? A escolha da roupa é corpo! Entendeu? É bem interessante.